

A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Joana Filipa Coelho Mota

Mestrado em

**Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico**



A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

Joana Filipa Coelho Mota

Orientador

Prof. Doutor Adolfo Fernando da Fonte Fialho

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.



*“Quando a criança pinta,
o mundo encolhe-se até às dimensões
de uma folha de papel,
a folha transborda os seus limites
e torna-se o mundo”.*

Stern (s.d., p. 59)

Agradecimentos

Terminado mais um percurso na minha vida, este de elevada importância a nível pessoal e profissional, não poderia deixar de agradecer aos diferentes intervenientes que participaram nesta “aventura” comigo. Juntos apoiaram-me, ajudaram-me e deram-me conselhos para ultrapassar muitas das dificuldades encontradas ao longo desta caminhada.

Sendo assim, quero agradecer aos meus pais por tudo o que fizeram por mim, por acreditarem no meu trabalho, nas minhas capacidades, dando-me carinho, amor, apoio, conforto e palavras de consolação e incentivo, quando eu mais precisava. Foram eles os grandes causadores de toda esta felicidade que hoje sinto, sem eles não conseguiria chegar onde cheguei, a eles agradeço a forma como me educaram, tornando-me assim na pessoa que sou hoje, a eles o meu muito obrigada.

Ao meu irmão, quero agradecer o facto de acreditar que eu seria capaz de concluir o curso com distinção, bem como o amor que nutrimos um pelo outro.

Em seguida, agradeço ao meu namorado Adérito, que sempre esteve presente em todos os momentos, mesmo naqueles mais complicados, dando-me uma palavra de conforto. A ele agradeço a paciência que teve comigo e o apoio que me deu ao longo desta caminhada ajudando-me sempre em tudo o que precisei.

Aos meus familiares, ao avô Daniel, às minhas tias e à minha afilhada Yara, quero agradecer a força que me deram, o seu carinho e a sua ajuda durante este longo percurso. À minha avó Fátima, a minha estrelinha, que iniciou esta caminhada comigo e que agora me acompanha lá do céu, agradeço as palavras de incentivo, o amor e o orgulho que demonstrava ter por mim. A promessa que te fiz avó fica cumprida com a conclusão desta etapa.

Para além da família, quero agradecer ao meu grupo de amigos da Universidade, pelas partilhas de conhecimento, pelas risadas e pelos bons momentos passados em conjunto. À Carolina Almeida, o meu par pedagógico, que apesar de um início um pouco turbulento, ultrapassou comigo os obstáculos. Aprendemos e ajudámo-nos mutuamente.

Quero ainda agradecer ao Professor Adolfo Fialho pelo apoio que me deu na concretização deste Relatório de Estágio, bem como pela ajuda que me deu durante toda a minha formação na Universidade.

Aos meus Orientadores da escola por me terem acolhido nas suas salas, pelos seus conselhos e pela forma como me souberam orientar, essencialmente nos momentos de medo e insegurança

À senhora Grimaneza e à senhora Conceição pelas conversas que tivemos ao longo destes anos e pelos conselhos que me davam.

A todas as crianças que fizeram parte integrante deste percurso profissional, que me ajudaram a crescer e que me ensinaram muito.

E por fim, agradeço a Deus por nunca me ter deixado desistir deste sonho, apesar dos obstáculos, e por dar-me forças para acreditar que eu conseguiria vencer.

A todos VÓS, que contribuíram para o sucesso desta etapa, o meu MUITO OBRIGADA.

Resumo

O presente Relatório de Estágio tem como título *A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* e surge no âmbito do trabalho desenvolvido nas unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II, integradas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores.

Este documento apresentará todo o trabalho desenvolvido no domínio dos dois estágios pedagógicos, sendo o primeiro estágio realizado na Educação Pré-escolar e o segundo no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Integrará uma análise detalhada e uma reflexão global sobre os momentos experienciados no decorrer destes dois estágios, evidenciando os aspetos que considerámos de maior relevância do ponto de vista científico e formativo, que deram realce à temática que decidimos aprofundar no nosso estudo.

A decisão de aprofundarmos tal temática teve como fundamento o nosso entendimento de que a Expressão Plástica se reveste de enormes potencialidades, quer do ponto de vista pedagógico e didático, quer no que respeita às competências que desenvolveria nos alunos que nos seriam confiados. Tínhamos ainda a crença de que esta área nem sempre é entendida e valorizada pelos profissionais de ensino, contexto que também nos interessava aprofundar e contrariar.

Para concretizar tais propósitos, baseámo-nos nas atividades desenvolvidas nos dois Estágios Pedagógicos, que foram convenientemente analisadas e refletidas. Socorremo-nos ainda de autores da especialidade para fundamentar as nossas reflexões.

Para enriquecer o nosso trabalho, realizámos vinte entrevistas, dez a Educadores de Infância e dez a Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o objetivo de conhecermos as suas representações e opiniões acerca da temática em estudo.

Concluimos que a esta área de expressão é valorizada, tanto pelos Educadores de Infância como pelos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. No entanto, é na Educação Pré-Escolar que a sua exploração é mais visível, pois no 1.º Ciclo do Ensino Básico, com o avançar nos anos de escolaridade, esta vai sendo cada vez mais constrangida, quer por carências de formação, pela falta de material e de tempo, quer pela extensão dos programas curriculares que tendem a valorizar outras áreas curriculares, como o Português e a Matemática, em detrimento das áreas expressivas.

Palavras-Chave: Expressões Artísticas, Expressão Plástica, Estágio Pedagógico, Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Abstract

The present Stage Report is entitled Plastic Expression as a Place of Learning in Pre-School Education and in the 1st Cycle of Basic Education and arises within the framework that was developed in the curricular units of Pedagogical Stage I and Pedagogical Stage II, integrated in the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, University of the Azores.

This document includes all the work developed in the field of the two pedagogic stages, being the first stage realized in Pre-school Education and the second in the 1st Cycle of Basic Education. It integrates a detailed analysis and a global reflection on the moments experienced during these two stages, evidencing the aspects that we have considered of greater relevance from the scientific and formative point of view that gave emphasis to the theme that we decided to deepen in our study.

The decision to explore this theme was based on our understanding that Plastic Expression has enormous potentialities, from a pedagogical and from a didactic point of view, and in terms of the skills it would develop in the students who would be entrusted to us. We also had the belief that this area is not always understood or valued by teaching professionals, a context that we also wanted to analyze and counteract.

In order to fulfill these purposes, we were based on the activities developed in the two Pedagogical Stages, which were conveniently analyzed and reflected. We still rely on authors of the specialty to base in our reflections.

To enrich our work, we conducted twenty interviews, ten to Childhood Educators and ten to Teachers of the 1st Cycle of Basic Education, in order to know their representations and opinions about the subject under study.

We conclude that this area of expression is valued by both, the Childhood Educators and the Teachers of the 1st Cycle of Basic Education. However, it is in the pre-school education that its exploration is more visible; because, in the 1st cycle of Basic Education, with the advancement of the years of schooling, this is becoming more and more constrained, due to the lack of training and the lack of material and time or by the extension of curricular programs that tend to value other curricular areas, such as Portuguese and Mathematics, in the detriment of the expressive areas.

Keywords: Artistic Expressions, Plastic Expression, Pedagogical Stage, Pre-School Education and 1st Cycle of Basic Education.

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice Geral	vi
Índice de Figuras	viii
Índice de Quadros	ix
Índice de Anexos	x
Índice de Siglas e Abreviaturas	xi
Introdução	1
Capítulo I - O Lugar das Expressões Artísticas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico	7
1. As Expressões Artísticas na Educação Básica.....	9
1.1. A Expressão Plástica no Desenvolvimento da Criança.....	14
2. O Papel do Educador/Professor na Exploração da Área das Expressões Artísticas ...	18
Capítulo II – Estágio Pedagógico I – Em Contexto da Ed. Pré-Escolar	29
1. Práticas Educativas em Contexto da Educação Pré-Escolar.....	31
1.1 Características dos Contextos de Intervenção	32
1.1.1. O Meio	32
1.1.2. A Escola.....	32
1.1.3. A Sala de Atividades.....	34
1.1.4. O Grupo de Crianças.....	36
1.1.4.1. As Rotinas do Grupo de Crianças	37
1.1.5. Caracterização dos Educadores de Infância Entrevistados.....	39
2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico I - Educação Pré-Escolar	41
2.1. Atividades de Artes Visuais como Lugar de Aprendizagens na Ed. Pré-Escolar .	54
2.1.1. A Lagartinha Muito Comilona.....	54
2.1.2. Roleta dos Ofícios.....	59
2.1.3. Brincando com as Profissões	63
3. As Artes Visuais aos Olhos dos Educadores de Infância	66
Capítulo III –Estágio Pedagógico II – Em Contexto do 1.º Ciclo do E. Básico	74
1. Práticas Educativas em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	76
1.1. Características dos Contextos de Intervenção.....	77
1.1.1. O Meio	77
1.1.2. A Escola.....	77

1.1.3. A Sala de Aulas.....	79
1.1.4. A Turma.....	80
1.1.4.1. As Dinâmicas da Turma	82
1.1.5. Caracterização dos Prof. do 1.º Ciclo do Ensino Básico Entrevistados	83
2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico II – Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	86
2.1. Atividades de Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico	100
2.1.1. Um presente para o “Super Pai”	100
2.1.2. Uma casa nova para as Joanelhas	104
2.1.3. Geometria colorida	108
3. A Expressão Plástica aos Olhos dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico	111
Considerações Finais	117
Referências Bibliográficas	122
Anexos	131

Índice de Figuras

Figura 1 - Planta da Sala de Atividades onde decorreu o Estágio Pedagógico I.....	34
Figura 2 - “Lagartinha Muito Comilona”	54
Figura 3 - “Roleta dos Ofícios”	59
Figura 4 - "Brincando com as Profissões"	63
Figura 5 - Planta da Sala A do 1.º Ano.....	79
Figura 6 - Um Presente para o "Super Pai"	100
Figura 7 - “Uma casa nova para as Joanelhas”	104
Figura 8 - "Geometria colorida"	108

Índice de Quadros

Quadro 1 - Rotina do Grupo de Crianças do Pré-Escolar	38
Quadro 2 - Caracterização dos Educadores de Infância Entrevistados.....	39
Quadro 3 - Atividades Desenvolvidas no Estágio Pedagógico I.....	41
Quadro 4 - Atividades desenvolvidas no âmbito da exploração da história “A Lagartinha Muito Comilona”	54
Quadro 5 - Atividades desenvolvidas no âmbito da atividade “Roleta dos Ofícios”	59
Quadro 6 - Atividades desenvolvidas no âmbito da atividade “Brincando com as Profissões”	63
Quadro 7 - Horário da Turma A do 1.º Ano.....	83
Quadro 8 - Caracterização dos Professores do 1.º Ciclo Entrevistados.....	84
Quadro 9 - Atividades Desenvolvidas no Estágio Pedagógico II	86
Quadro 10 - Atividades Desenvolvidas no âmbito da Elaboração do Presente para o "Dia do Pai"	100
Quadro 11 - Atividades desenvolvidas no âmbito da atividade “Uma casa nova para as Joaninhas”.....	104
Quadro 12 - Atividades desenvolvidas no âmbito da atividade "Geometria colorida".....	108

Índice de Anexos

Anexo I- Consentimento Informado	132
Anexo II - Guião da Entrevista	134

Índice de Siglas e Abreviaturas

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CREB - Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores

PCE - Projeto Curricular de Escola

PEE - Projeto Educativo de Escola

PAA - Plano Anual de Atividades

PFI - Projeto Formativo Individual

A1, A2... - Atividade 1, Atividade 2...

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

Introdução



Introdução

O presente Relatório de Estágio integra, segundo o artigo 13.º, alínea 1 do Despacho n.º 11720/20174, de 19 de setembro de 2014, o plano de estudos do curso, conferindo “o grau de mestre na especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico” o que, de acordo com a legislação atual, habilitar-nos-á para a docência.

Este documento intitula-se “*A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*” e integrará a análise detalhada e uma reflexão global sobre os momentos experienciados ao longo dos estágios pedagógicos, salientando os aspetos que considerámos de maior relevância do ponto de vista formativo e científico.

Reportar-nos-emos, assim, à descrição e explicação da nossa ação educativa, desenvolvida no contexto dos estágios pedagógicos que decorreram no ano letivo de 2017/2018, respetivamente, na Educação Pré-Escolar e no Ensino Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

A nossa escolha pelo aprofundamento do tema em causa, feita tendo por base o nosso gosto e interesse pessoal, fundamentou-se na riqueza que consideramos existir na Expressão Plástica, como meio de aquisição de aprendizagens e partilha de emoções, uma ferramenta para desenvolver a motricidade e uma forma de comunicar por excelência.

Segundo a literatura mais recente sobre o tema em apreço, percebemos que esta é uma área que ainda não é devidamente valorizada nas salas de aula do ensino atual, tal como nos mostram alguns estudos realizados nos últimos anos, num contexto em tudo semelhante ao nosso (Dias, 2013; Rodrigues, 2014; Sousa, 2014; Garcia, 2015; Medeiros, 2017 e Travassos 2017). Na realidade, e na sequência dos contributos destes estudos, concluímos que, apesar dos Educadores de Infância revelarem um trabalho continuado nesta área, quando refletimos acerca das práticas dos Professores do 1.º Ciclo, o cenário muda de figura, assumindo estes últimos alguma dificuldade em encontrar tempo útil para explorá-la. A Expressão Plástica acaba muitas vezes por ficar esquecida no seu programa curricular e no horário semanal, principalmente quando se lhes colocam as exigências programáticas das demais áreas curriculares, onde o Português e a Matemática assumem a primazia das suas escolhas.

Neste sentido, e na tentativa de contrariar esta tendência, procuraremos colocar esta área de expressão no centro do nosso currículo e sensibilizar os Educadores e

Professores para a importância de a explorarem na sua ação educativa diária, em benefício de um bom desenvolvimento e de aprendizagens mais relevantes e significativas por parte das crianças/alunos que nos são confiados.

Nesta linha de pensamento defendemos com Oliveira e Santos (2004) que “através da Expressão Plástica, a criança, em contacto com materiais e técnicas diversificadas, vai poder exprimir e reconstruir o seu mundo interior, estabelecendo, deste modo, uma comunicação e um comportamento ajustado ao meio” (p. 27). Também Teixeira (1991) corrobora desta opinião, adiantando que “permitir que estas crianças explorem livremente técnicas e materiais é ajudá-las no seu processo de auto-afirmação” (p. 285).

Foi neste sentido que definimos os objetivos que nortearam a elaboração do presente Relatório, quer no que respeita à nossa ação educativa, quer relativamente ao trabalho empírico acerca do tema que decidimos aprofundar, a saber: 1) *Observar criticamente, os contextos do Estágio Pedagógico I e II de forma a melhorar e adequar as práticas educativas;* 2) *Planificar sequências didáticas, flexíveis e integradoras, que promovam aprendizagens significativas por parte das crianças/alunos e se adequem aos seus interesses e necessidades;* 3) *Desenvolver uma ação educativa diversificada e integradora, capaz de proporcionar momentos de aprendizagem dinâmicos, com sentido e significado para as crianças/alunos;* 4) *Implementar práticas de Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a promover ambientes favoráveis à aprendizagem das crianças/alunos e a facilitar a sua expressão livre e espontânea, a sua imaginação e a sua criatividade;* 5) *Avaliar o desempenho das crianças/alunos ao longo das Práticas Educativas dos nossos Estágio Pedagógicos, por forma a combater as suas dificuldades e criar condições facilitadoras da sua aprendizagem;* 6) *Refletir criticamente, de forma contextualizada e fundamentada, sobre as práticas educativas do Estágio Pedagógico I e do Estágio Pedagógico II, de forma a melhorar as práticas futuras;* 7) *Identificar as limitações e potencialidades que os Educadores e os Professores encontram, quando confrontados com a necessidade de desenvolver a área de Expressão Plástica nas suas práticas letivas diárias.*

Tendo por base os objetivos a que nos propusemos, organizámos este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo – ***O Lugar das Expressões Artísticas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*** – é dedicado à fundamentação teórica acerca da temática em causa, destacando o papel e o lugar do Educador/Professor como

também a importância e as potencialidades que as Expressões Artísticas, em especial a Expressão Plástica, assumem no desenvolvimento das crianças.

No segundo capítulo - *Estágio Pedagógico I: em Contexto da Educação Pré-Escolar* – destacamos a Educação Pré-Escolar a partir de uma análise e reflexão acerca do trabalho desenvolvido em contexto de estágio, dando primazia a alguns aspetos relacionados com a temática que decidimos aprofundar no presente Relatório de Estágio. Ainda neste capítulo, apresentaremos os resultados do estudo realizado em parceria com o Estágio Pedagógico I, cujo seu principal objetivo foi compreender as representações dos Educadores de Infância acerca das Artes Visuais como lugar de aprendizagens na Educação Pré-Escolar. Estes dados são convocados no subcapítulo intitulado *As Artes Visuais aos Olhos dos Educadores de Infância*.

No terceiro capítulo - *Estágio Pedagógico II: em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico* – este destina-se exclusivamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico e, tal como no capítulo anterior, pretende-se realizar uma reflexão e análise acerca das práticas educativas desenvolvidas neste contexto, realçando uma vez mais a temática que decidimos aprofundar neste Relatório. Utilizando a mesma lógica do capítulo anterior, também nesta parte do nosso trabalho, abordaremos o estudo realizado em paralelo com o Estágio Pedagógico II, cuja finalidade foi compreender as representações dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da Expressão Plástica como lugar de aprendizagens neste nível de ensino. Também neste capítulo criámos um ponto sobre a questão em causa, que designámos de *A Expressão Plástica aos Olhos dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

Aquando a realização do nosso estudo empírico elegemos uma metodologia de investigação de natureza qualitativa, pois considerámos ser o método que mais se adequava à abordagem da temática em estudo. A este propósito, Bogdan e Biklen (1994) esclarecem que neste tipo de investigação “os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas” (p. 16). Os mesmos autores adiantam ainda que as investigações de tipo qualitativas “privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (...) [e] recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16).

Nesta ordem de ideias, os mesmos autores consideram que a análise de dados é vista como um “processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com

o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (Bodgan e Biklen, 1994, p. 205).

Partindo deste quadro metodológico, optámos por realizar um total de vinte entrevistas, sendo dez a Educadores de Infância e outras dez a Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A entrevista foi utilizada para recolher informações acerca das opiniões dos Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à prática de atividades de Expressão Plástica e às suas limitações, como também para saber da utilização de diversificadas técnicas de Expressão plástica e das suas potencialidades educativas.

Segundo Azevedo & Azevedo (1994) é através da entrevista que se pode “recolher a opinião do sujeito da investigação sobre temáticas de interesse para própria investigação” (p. 29). A este propósito, também Cunha (2007) menciona que a entrevista “constitui uma das técnicas mais utilizadas na metodologia qualitativa, resultando de uma negociação entre o entrevistador e o entrevistado com o fim de descobrir o significado das representações no pensamento do professor – realidades e acções” (p. 77).

A observação direta foi um outro instrumento de recolha de dados pois, de certa forma, esteve sempre presente ao longo de todo o processo, uma vez que nos acompanhou ao longo dos estágios pedagógicos. Ao recorrermos a esta técnica de recolha de dados pudemos obter dados sobre o espaço educativo, as estratégias ou métodos utilizados pelos nossos Orientadores de Escola, bem como informações sobre as crianças/alunos, nomeadamente no que diz respeito às suas dificuldades, facilidades e interesses. Obtivemos ainda alguns dados interessantes acerca do funcionamento das áreas curriculares, particularmente aquela que funciona como elemento central do nosso estudo.

Segundo Dias (2009) a observação direta é entendida como:

o processo de recolha de informação como via de acesso à representação de uma realidade. Neste processo há alguém (sujeito da observação) que se coloca perante algo (objecto da observação) com uma finalidade. Esta finalidade dirige a atenção do sujeito da observação e o levará a utilizar as estratégias mais adequadas para recolher as informações relativas aos seus objectivos. Observar será armazenar informação sobre o que se vê, se ouve, se diz. Será, igualmente, seleccionar informação para mais facilmente, a *posterior* a analisar e interpretar (p. 28).

A corroborar esta ideia, Carmo e Ferreira (1998) consideram que “observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e

à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão” (p. 97).

Depois de nos debruçarmos acerca da nossa ação educativa nos dois contextos de estágio, informação que, como acima referimos, será complementada com alguns apontamentos que realizámos na sequência do nosso estudo empírico que envolveu 10 Educadores de Infância e 10 Professores do 1.º Ciclo, concluiremos o presente Relatório com algumas considerações finais. Nesta última parte do nosso trabalho,

Refletimos acerca do nosso percurso pedagógico, de modo a entendermos se atingimos ou não os objetivos inicialmente propostos, e partilhamos as limitações e dificuldades com que nos deparamos, bem como também as potencialidades deste estudo. Para além disto, apresentaremos ainda as conclusões do nosso estudo empírico, cujo propósito já explicitámos.

Este Relatório apresentará ainda um conjunto de anexos, organizados no final do documento, com o objetivo de documentar e complementar todo o trabalho desenvolvido ao longo do mesmo.

Antes de avançarmos para a apresentação dos fundamentos teóricos que suportaram o nosso trabalho, tarefa a que dedicaremos o capítulo que se segue, é importante salientarmos que durante todo o nosso processo de investigação foram salvaguardados os devidos aspetos de natureza ética. Garantimos e preservámos o anonimato de todos os sujeitos envolvidos na nossa pesquisa, bem como a confidencialidade de todos os dados recolhidos.

Capítulo I

O Lugar das Expressões Artísticas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico



Capítulo I

O Lugar das Expressões Artísticas na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico



1. As Expressões Artísticas na Educação Básica.

1.1 A Expressão Plástica no Desenvolvimento da Criança.

2. O Papel do Educador/Professor na Exploração da Área das Expressões Artísticas.



1. As Expressões Artísticas na Educação Básica

As Expressões Artísticas são essenciais para o desenvolvimento global da criança, tanto a nível pessoal, como nos domínios social e cultural. O contacto da criança com a arte facilita o acesso à aprendizagem de outras áreas do conhecimento humano, sendo necessário que esta exprima as suas sensações corporais, sentimentos, desejos, ideias, curiosidades, experiências e todo um conjunto de fatores emotivos que transporta em si. Tal como refere Sousa (2003), “a criança exprime-se pelo gesto, o som, a palavra e a imagem”. O que exprime a criança? Sensações corporais, sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, desejos, ideias, curiosidades, experiências, um conjunto de factos emotivos.

Neste sentido, defendemos com Fróis, Marques e Gonçalves (2000), que a principal “finalidade de arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos”, uma vez que as Expressões Artísticas são essenciais na formação do indivíduo, pois estas aumentam as “possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas” (p. 201). Na mesma linha de pensamento, Sousa (2003a) acrescenta ainda que, devido à versatilidade de formas de expressão derivadas da arte, estas contribuem para a formação da personalidade de forma equilibrada, atuando primeiramente em aspetos individuais e só depois em aspetos de integração social.

Assim sendo, realçamos a perspetiva de Platão, que caracterizava a arte como “algo inatingível e infinitamente superior ao [Homem]” (Sousa, 2003a, p. 18), anos mais tarde, o filósofo grego afirmou que a “arte deverá ser a base de toda a educação” (*Ibidem*, p. 24). Pois, da mesma forma que surge a ciência a arte também nasce da experiência e do pensamento livre (Gonçalves, 2000) formando desde modo, um mundo, no qual o ser humano não é insensível (Almeida, 1976).

Read (s.d.) refere que “a palavra «arte» associa-se, em geral, àquelas artes que chamamos «plásticas» ou «visuais»” (p. 11)”, no entanto, realça que esta era uma ideia incorreta e incompleta, uma vez que a arte abrangia muito mais, salientando que “há certas características comuns a todas as artes” (Read, s.d., p. 11).

Este mesmo autor defende que a educação caracteriza-se por ser um processo cujo objetivo fundamental é “encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano” (Read, 1982, p. 21), devendo o indivíduo, ao mesmo tempo, procurar torna-se um ser integral. O autor realça ainda que a educação sustentará o desenvolvimento individual do ser, o que é notório depois na maturidade física e também no desenvolvimento da expressão. Neste sentido, Read (1982) diz que “a

educação pode por isso ser definida como o cultivo de modos de expressão” (p. 24) contribuindo para o nascimento de artistas, isto é, “pessoas eficientes nos vários modos de expressão” (p. 25).

Se analisarmos a Lei de Bases do Sistema Educativo, a lei nº 46/86, publicada a 14 de outubro de 1986, foi a primeira lei que fez referência ao ensino das Expressões Artísticas em Portugal. A partir de uma leitura atenta dos artigos nº 5.º, 7.º e 8.º desta mesma lei, constatamos que a mesma preconiza para o ensino das Expressões Artísticas a sua divisão em quatro grandes áreas: Expressão Plástica, Musical, Dramática e Corporal. Segundo a lei supramencionada, tendo por base a alínea f) do n.º 1 do artigo 5.º, pretende-se na Educação Pré-Escolar “desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica” (Lei n.º 46/86) e para o Ensino Básico, de acordo com a alínea c) do artigo 7.º, propõe-se “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios”.

As Expressões Artísticas tornaram-se, assim, um pilar fundamental na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nesta ordem de ideias, Gloton e Clero (1971) já afirmavam que “a criança é por natureza criadora” (p. 41) manifestando a sua expressão desde o nascimento e procurando comunicar-se com os que a rodeiam através dos seus primeiros gritos e gestos. Através das Expressões Artísticas a criança está a desenvolver-se cognitivamente, construindo o seu próprio eu, pois “desde que vem ao mundo, a criança encontra-se em situação de aprender e de conhecer” (Gloton e Clero, 1971, p. 77). A este propósito, Stern (1974) alerta-nos para o facto de não ser próprio ensinar à criança a educação artística, esclarecendo que devemos sim experimentá-la, procurando satisfazer as carências das crianças, realizando educação pela arte. Nas suas palavras, a educação artística “tem por objetivo criar uma disposição e condições nas quais a criança se torna capaz de aperfeiçoar faculdades criadoras de que está provida naturalmente, e desenvolvê-las a um ponto extremo a fim de que lhe permitam exprimir-se totalmente” (p. 34).

É importante salientar que é também a partir das Expressões Artísticas que as crianças estimulam a sua criatividade e desenvolvem capacidades ao nível da motricidade fina e geral, proporcionando-lhes experiências que lhes ajudam a perceber e a lidar com os outros e com o mundo que as rodeiam. Na realidade, e de acordo com o Ministério da Educação e Ciência (2001), as Expressões Artísticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças pois:

as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive. A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento. As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida (p. 149).

A partir da Lei de Bases do Sistema Educativo foram criados vários documentos normativos que, orientam o Educador e o Professor nas suas práticas, no que respeita à abordagem das Expressões Artísticas, nomeadamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) e o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Torna-se assim importante perceber o que diz a literatura acerca dos benefícios das Expressões Artísticas para o desenvolvimento da criança. São vários os autores que defendem que as Expressões Artísticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças (Wallon, 1992; H. referido por Sousa, 2003; Sousa, 2003; Reis, 2004; Leenhardt, 2007, Condessa, 2009; Veríssimo, 2012).

Deste modo, podemos dividir as Expressões Artísticas em quatro grandes áreas: Expressão Dramática, Expressão Musical, Expressão Plástica e Expressão Corporal.

A Expressão Dramática é uma das áreas que promove o desenvolvimento holístico da criança. Tal como refere Reis (2004), esta área de expressão “ é talvez aquela que melhor pode contribuir globalmente para o mais completo desenvolvimento da criança” (p. 130).

Vários são os autores que realçam as potencialidades desta área para a criança. Para Leenhardt (2007), a Expressão Dramática dá à criança uma oportunidade de “expressar uma sensibilidade pessoal, de levá-la a adquirir os meios dessa expressão através de uma disciplina do corpo, da voz, da emoção” (p. 27). Através da Expressão Dramática a criança interage com os seus pares através de dois tipos de comunicação: verbal e não-verbal, tornando-se, assim, um modo desta “se auto-descobrir, de se afirmar e de tomar contacto com diferentes situações sociais” (Reis, 2004, p. 130). Para além disso, ao entrar em contacto com esta área, a criança poderá desenvolver a sua

atitude corporal, autonomia, concentração, sensibilização, linguagem, criatividade e imaginação.

No que diz respeito à Expressão Musical, desde cedo que esta é parte natural da vida da criança. Segundo Sousa (2003) é através da música que a criança é capaz de “satisfazer as suas necessidades desenvolvimentais, sobretudo as necessidades de exploração e integração no mundo sonoro, de expressão e de criação”. É neste sentido que a Expressão Musical constitui-se um dos pilares mais importantes na educação, uma vez que permite à criança desenvolver a sua criatividade e imaginação, aprender regras sociais, conhecer a cultura em que está inserida, desenvolver o seu sentido de ritmo e coordenação motora, alcançar um sentimento de segurança e autorrealização e expressar e libertar os seus sentimentos e emoções. Veríssimo (2012) acrescenta, ainda, que é através da Expressão Musical que a criança poderá “descobrir as suas qualidades, desenvolver a sua memória e atenção [e] adquirir competências de autodisciplina” (p. 11). Para o autor supracitado a Expressão Musical permite, ainda, à criança desenvolver as suas “competências e aprendizagens [que lhe permitem] transmitir inúmeros sentimentos, como por exemplo: alegria, melancolia, violência, calma, entre outros” (Veríssimo, 2012).

A Expressão Plástica, segundo Sousa (2003), “é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança” e o seu principal objetivo consiste na “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160). Sendo assim, a exploração desta área contribui para o desenvolvimento, o equilíbrio e a satisfação da criança, pois é um meio de comunicação que lhe dá a oportunidade de exteriorizar e de representar a sua visão sobre o mundo, com base nas suas experiências e de uma forma espontânea. Na perspetiva deste mesmo autor, nesta área, privilegia-se o ato de criar e não se pretende que as crianças realizem trabalhos que se assemelham a obras de arte, mas que tenham a oportunidade de explorar os diferentes materiais e técnicas que lhes permitem libertar-se e satisfazer as suas necessidades.

A Expressão Corporal tem igualmente um papel relevante no desenvolvimento da criança, uma vez que é através daquela que a criança começa a desenvolver a consciência do corpo, a noção de lateralidade (direita, esquerda, para cima, para baixo) e a sua motricidade geral. Neste sentido, podemos concluir que é através da Expressão Corporal que a criança “desenvolve todas as suas funções” (Sousa, 2003, p. 136). Para além disso é através do movimento que a criança desenvolve o seu sistema nervoso (H. Wallon, 1992, referido por Sousa, 2003), a “sua sensibilidade motora” (Reis, 2004, p. 128) e a sua “capacidade para comunicar sensações, emoções, ideias e mensagens;

conhecer a sua própria corporalidade e dominar as estruturas espaço temporais e relacionais; obter ganhos de controlo motor, autonomia, interacção em grupo, capacidade para realizar jogos (de movimento, simbólicos e dramáticos) ” (Condessa, 2009, p. 43).

Apesar das Expressões serem importantes para o desenvolvimento holístico da criança, sabemos que, na realidade, muitas vezes, não são valorizadas no ensino. Verifica-se assim que é no Pré-Escolar que a criança tem, de certa forma, mais oportunidade de entrar em contato com os vários tipos de Expressões, ao contrário do que acontece no 1.º Ciclo do Ensino Básico, em que há maior tendência a desvalorizar a sua exploração e dar maior ênfase ao ensino das disciplinas entendidas como estruturais tradicionais como a Matemática e o Português. Nesta ordem ideias, Sousa (2003) refere que na educação tradicional há uma certa tendência para se pretender ensinar a criança a falar antes de perceber o que ouve, ensiná-la a ler antes de saber falar, ensiná-la a escrever antes de lhes permitir experimentar os materiais de desenho, de pintar e de escrever (p. 81). Nas suas palavras,

há uma educação pseudocognitiva que se abstrai da assimilação e da acomodação; há «matérias» de ensino que requerem um desenvolvimento intelectual superior ao das crianças a quem os programas se destinam (...) A arte é em geral considerada como uma perda útil de tempo. Nas escolas não há espaços adequados destinados a estúdios de arte, as artes têm pouca ponderação nos currículos da escolaridade geral e ainda se atribui, nos currículos académicos, um certo sentido depreciativo às disciplinas e aos professores de arte, como se fossem de natureza secundária, - quando é exactamente o contrário (p. 81).

Na mesma linha de pensamentos, Sousa (2003) refere que, “uma Educação Artística pressupõe, antes de tudo, que na organização curricular, letras, ciências, técnicas e artes tenham a mesma ponderação, haja equilíbrio e não preferências ou predominâncias, concorrendo em igualdade de circunstâncias para proporcionar aos alunos uma equilibrada formação cultural geral, homogénea e congruente – a harmonia estética na harmonia educacional” (p. 63). Ainda segundo este autor, “a educação artística, ao propor-se como uma via de formação do ser, não pretende substituir a transmissão do saber mas apresentar uma equacionação educacional valorizando as artes como meio não só de formação do ser como de intervenção metodológica activa, ao serviço do próprio ensino de saberes” (Sousa, p. 113).

A corroborar esta ideia, Cardoso e Valsassina (1988) salientam que “ a educação escolar, carregada com um tipo de aprendizagem rotineira, não permite que a criança

possa participar mais afectiva e pessoalmente na sua evolução” (p. 66). Para os mesmos autores “não existem nos programas escolares, horas para recriar a mente, horas para que a imaginação possa avançar mais o Mundo!” (Cardoso e Valsassina, p. 66).

A falta de recursos poderá ser, também, um dos motivos que levam os Educadores e Professores a não recorrer ao ensino das expressões. Tal como menciona Condessa (2006), “os débeis recursos físicos existentes nas nossas escolas criam na globalidade ‘contextos desfavorecidos’ que constroem o tipo de trabalho a realizar com as crianças quando se trata de criar com o corpo movimentos de índole expressiva e lúdica” (p. 15).

Depois de uma abordagem global às potencialidades das diferentes áreas de Expressão, interessa-nos abordar de forma mais aprofundada aquela que decidimos destacar nas nossas práticas, bem como no presente Relatório. É o que nos propomos fazer no ponto que se segue.

1.1. A Expressão Plástica no Desenvolvimento da Criança

Antes de falarmos propriamente acerca da Expressão Plástica é importante salientar que as Expressões Artísticas, como acima constatámos, são essenciais para a vida das crianças visto que, “a expressão é um fenómeno que projecta no exterior e torna presente aos outros aquilo que existe no mais íntimo de cada um”, (Gonçalves, 2000, p. 16), do mesmo modo que “a criança, quando pinta, é capaz de concretizar as suas emoções, de fazer as suas experiências, de entrar em contacto com o mundo” (Gonçalves, 2000, p. 17).

A este respeito, Malpique e Leite (1986) esclarecem que a Expressão “é libertadora de energias contidas, muitas vezes desconhecidas para o próprio e, portanto, desencadeadora de um processo que, de um modo geral, concorre para o desenvolvimento harmónico do indivíduo e, em certos casos, para a sua-reconstrução” (p. 10).

Assim sendo, e no que diz respeito à Expressão Plástica é importante referir que esta é uma área que deve ser vista como um meio de comunicação e de representação, que surgirá das vivências individuais ou até das vivências experimentadas em grupo pois “proporciona à criança um campo de expressão de emergências psicológicas que por outras vias seriam mais difíceis de exteriorizar” (Sousa, 2003b, p. 167). A este

respeito, Gloton e Clero (1971) defendem também que “a criança tem uma necessidade natural de exprimir para si e para os outros, aquilo que pensa e aquilo que sente” (p. 82).

Esta é uma ideia reforçada pelo Ministério da Educação num documento norteador para os Professores/Educadores que defende que “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade”. Acrescenta ainda que “a possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista” (Ministério da Educação, 2004, p. 95).

Por outras palavras, e utilizando uma conhecida metáfora utilizada por Stern, citado por Sousa (2003a), a Expressão Plástica pode ser vista como “um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Exprimir é tornar-se vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Exprimir-se significa realizar um acto, que não é ditado, nem controlado pela razão” (p. 165).

Nesta linha de pensamentos, Sousa (2003b) refere que o termo “Expressão Plástica” foi “adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos” (p. 159). Desde modo, é importante referir que a Expressão Plástica não tem como objetivo principal centralizar-se essencialmente nas obras de arte produzidas pelas crianças, mas pretende sim, concentrar a sua atenção na criança em si, procurando desenvolver as suas carências e capacidades. Na mesma ordem de ideias, Silva *et al* (1997), também encaram a área de Expressão Plástica como sendo um meio de representação e comunicação. Nas suas palavras, esta área de expressão

enquanto meio de representação e comunicação, pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma actividade, aspectos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido (p. 62).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p. 149), “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do

aluno”. Assim, é importante explorar a Expressão Plástica, uma vez que esta área tem “um papel fulcral no processo de ensino aprendizagem podendo constituir um meio valioso ao serviço de uma educação integrada” (Queirós, 2011, p. 20), que poderá ter reflexos no sucesso escolar dos alunos. No entanto, apesar dos Educadores e Professores saberem a importância da Expressão Plástica para a vida das crianças, nem sempre lhe dão a devida relevância aquando da distribuição das áreas de estudo pelo currículo escolar do aluno.

Neste sentido, entendemos que a área da Expressão Plástica, ao relacionar-se com as demais áreas do currículo, pelas suas características integradoras e interdisciplinares, facilita o trabalho a desenvolver pelos Educadores e Professores e, por consequente, pode ser capaz de conquistar uma maior adesão da sua parte.

Na mesma linha de pensamento, Sousa (2003) refere que a Expressão Plástica pode ser integrada nas outras áreas curriculares “numa convergência de atuações e de propósitos, claramente voltada para a verdadeira essência da Arte: a elevação espiritual, a formação da pessoa no que há de mais sublime em si, a sua formação humanista, a formação dos seus valores morais e éticos” (p. 63). Sendo assim, esta área pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, possibilitando, tal como defende Roldão (1999) a “criação de espaços de trabalho conjunto e articulado em torno de metas educativas” (p. 47). É neste sentido que “as artes podem beneficiar todos os alunos numa multiplicidade de direções, realçando o carácter inerentemente interdisciplinar das artes e a sua relação com outras disciplinas do currículo” (Germain, 2015, citado por Vaz, 2015, p. 40).

Deste modo, é necessário promover espaços e dinâmicas interdisciplinares na nossa ação educativa, capazes de permitir a exploração desta área expressiva, por forma a estimular a expressão livre e criativa da criança e desencadear as suas aprendizagens.

Segundo Sousa (2003, p. 160), a Expressão Plástica “é essencialmente uma actividade natural, livre e espontânea da criança” e o seu principal objetivo consiste na “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160). Sendo assim, a sua exploração contribui para o desenvolvimento, o equilíbrio e a satisfação da criança, pois é um meio de comunicação que lhe dá a oportunidade de exteriorizar e de representar a sua visão sobre o mundo, com base nas suas experiências e de uma forma espontânea. Na perspetiva deste mesmo autor, nesta área, privilegia-se o ato de criar. Não se pretende que as crianças realizem trabalhos que se assemelhem a obras de arte, mas que tenham a oportunidade de explorar os diferentes materiais e técnicas, que lhes permitam libertar e satisfazer as suas necessidades, oferecendo-lhes um maior conhecimento, quer delas próprias, quer do mundo que as rodeia,

desenvolvendo um sentimento de autoconfiança, ampliando a sua responsabilidade e fortalecendo a sua cooperação na relação com os outros.

Na realidade, entendemos que a Expressão Plástica é um dos melhores meios que a criança encontra para manipular os objetos de forma criativa e assim comunicar o modo como observa o mundo que a rodeia. A necessidade natural que a criança tem de exprimir e de comunicar sensações corporais, transmitir sentimentos de alegria, tristeza e serenidade, desejos, ideias, curiosidade e experiências, impõe que o Educador e/ou Professor, como orientadores, a ajudem a exprimir-se através, por exemplo: da pintura, do desenho, dos trabalhos manuais ou por qualquer outra forma de expressão.

Nesta linha de pensamento, Sousa (2003) realça que a Expressão Plástica é essencialmente “uma actividade natural, livre e espontânea da criança”. Lembra ainda que, “desde muito pequena que gosta de mexer em água, areia, barro, tintas e de riscar um papel com um lápis. O seu principal objectivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (p. 160).

Ao debruçar-se sobre estas questões, Silva (2012, citando Sousa, 2003) adianta ainda que “a Expressão Plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas estão ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas” (p. 52).

No contexto da Educação Pré-Escolar, segundo as Orientações Curriculares para este nível de ensino, a Expressão Plástica permite a exploração de diferentes materiais, com tamanhos, cores e texturas diversificadas; a exteriorização espontânea de sentimentos; o desenvolvimento da motricidade fina; o desenvolvimento de competências sociais, tais como o respeito pelos colegas e pelos seus trabalhos, pelos materiais e pelo espaço; a identificação e combinação de várias cores; o recurso à utilização de materiais reutilizados e ainda a exploração de diferentes técnicas tais como o desenho e a pintura, a estampagem e a raspagem, o recorte e a colagem, a modelagem, a escultura e a construção de objetos bidimensionais e tridimensionais, salientando que estas técnicas devem ser adequadas às capacidades individuais de cada criança.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, a área da Expressão Plástica ocupa uma menor carga horária, devido aos vastos programas delineados pela tutela, que o Professor se vê “obrigado” a cumprir. Esta área, segundo os *Princípios Orientadores* da área da Expressão e Educação Plástica do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tem por base a manipulação e a experimentação de diversos materiais, “a partir de descobertas sensoriais”, permitindo o desenvolvimento do modo como a criança expressa “o seu

mundo interior e representa a realidade”. “A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies” (p. 89).

Podemos assim concluir, que a Expressão Plástica acompanha as crianças desde dos primórdios da humanidade, manifestando-se ao longo de toda a sua vida. As crianças exploram esta área como ninguém, até porque ainda não possuem outras formas de se expressar, como por exemplo a escrita. Assim, o desenhar, o pintar e o construir, tornam-se as únicas formas da criança se expressar, obtendo um registo físico. É por meio da Expressão Plástica que as crianças (re)produzem as suas ideias, conceções, pensamentos e conhecimentos acerca do mundo que as rodeiam, tendo em conta as suas vivências, os seus receios e as suas vontades. Neste sentido, e parafraseado Hohmann e Weikart (2003) é “através do desenho e da pintura, as crianças comunicam, de forma simples e económica, aquilo que compreendem do seu mundo” (p. 512).

Em jeito de síntese, defendemos com Sousa (2003) que “a criação plástica proporciona à criança um campo de expressão de emergência psicológica que por outras vias seriam mais difíceis de exteriorizar” (p.167). Ainda nas suas palavras, o autor afirma que “a Expressão Plástica oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio” (p. 170).

Entendido o potencial da Expressão Plástica no desenvolvimento da criança, interessa-nos aprofundar, também, aquele que deverá ser o seu lugar na nossa ação educativa, aspeto a que dedicaremos o próximo ponto do nosso trabalho.

2. O Papel do Educador/Professor na Exploração da Área das Expressões Artísticas

A educação é um ato, um “processo de mudança, de transformação do indivíduo” (Strauven, 1994, p. 19). Neste processo é importante estabelecer uma ligação entre todos os agentes envolvidos, ou seja, é essencial confinar-se aos responsáveis pelo ato de educar. Todo este processo tem como objetivo final o aluno, pois é ele o elemento central da educação, que deve “ser visto como um sujeito de corpo inteiro, que tem sua identidade, sua cultura, necessidades e interesses” (Ferreira, 2003, p. 6), pelo que, “não podemos perder de vista a pluralidade de indivíduos presentes na sala de aula” (Ferreira, 2003, pp. 3-4). Neste contexto, os agentes em causa são: a escola e o Educador ou

Professor. Estes são os grandes suportes da educação de cada criança não desvalorizando a família, que desempenha um papel fulcral no desenrolar de toda a educação que esta vai recebendo ao longo da sua vida.

O Educador ou Professor tende a ser visto atualmente como alguém que unicamente transmite conhecimentos. No entanto, como refere Delors (1998), o seu trabalho

não consiste simplesmente em transmitir informação ou conhecimentos, mas em apresentá-los sob a forma de problemas a resolver, contextualizando-os e perspectivando-os de tal modo que o aluno possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes. A relação pedagógica visa o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno no respeito pela sua autonomia e, deste ponto de vista, a autoridade de que os professores estão revestidos tem sempre um carácter paradoxal, uma vez que não se baseia numa afirmação de poder mas no livre reconhecimento da legitimidade do saber (p. 135).

Na mesma ordem de ideias Highet (1973) afirma que “o trabalho do professor não se resume em transmitir conhecimentos, ou técnicas, quaisquer que sejam, mas em “educar”, o que envolve certa atmosfera afectiva, reclamando do mestre os melhores dotes de compreensão e comunicação humana” (p. 11).

Atualmente, a ideia de que o profissional de educação se assume como um mero sujeito transmissor de saberes e conhecimentos está, felizmente, cada vez mais a cair em desuso, face às alterações existentes na sociedade, do ponto de vista educacional, político, económico, etc. Nos dias que correm, o Educador e o Professor são vistos como sujeitos responsáveis pela educação das crianças/alunos, preparando-os para a vida adulta tornando-os assim responsáveis e conscientes perante o mundo que os rodeiam. É neste sentido que o Educador/Professor atual deve ser capaz de preparar indivíduos aptos a tomar decisões perante o mundo que os acolhem. Neste contexto, realçamos os contributos de Sousa e Rocha (2012), que entendem “o professor como o profissional que deve, por vocação e escolha, cuidar e educar as crianças, e levá-los a sua formação plena como cidadão autónomo, livre e consciente de seus direitos e deveres.” (p. 39). Na mesma linha de pensamento, Brecht citado por Godoy, refere que compete aos profissionais da educação “uma tarefa cheia de abnegação: a de encarar os tipos fundamentais da humanidade, com os quais o jovem terá contato mais tarde na vida” (s/d, p. 37).

Nesta ordem de ideias, defendemos com Formosinho (2009) que

o professor da escola de massas deve ser um novo professor, uma pessoa psicologicamente madura e pedagogicamente formada, capaz de ser o instrutor e o facilitador da aprendizagem, o expositor e o individualizador do ensino, o dinamizador de grupos e o avaliador de performances, o animador e o controlador, o catalisador empático de relações humanas e o investigador, o que domina os conteúdos e o modo de os transmitir, o que ensina para se aprender e ensina a aprender a aprender (pp. 50-51).

A este propósito, Pérez (2009), afirma ainda que “a missão dos professores e os resultados do seu trabalho adquirem hoje em dia um carácter de altíssimo valor estratégico para a sociedade e para a própria pessoa, pelo que a aprendizagem de técnicas de desenvolvimento pessoal por parte do docente é essencial para o seu bom desempenho nas aulas” (p. 13). Neste sentido, o Professor age como um mediador que estabelece uma “relação e vai introduzindo valores utilizando a arte como veículo de educar para o entendimento das preocupações da sociedade atual, com vista à formação de cidadãos solidários, autónomos, participativos e civicamente responsáveis” (Pinto, 2005, p. 130).

Como já mencionámos anteriormente, o estatuto de Educador/Professor está a sofrer alterações, que merecem ser debatidas e refletidas e aprofundadas.

Neste contexto, Gomes e Cunha (2001) afirmam que “o professor é encarado como alguém capaz de, não só executar um currículo, mas também de o fazer. Para isso, ele deverá atender às diferentes dimensões que os currículos apresentam, nomeadamente ao domínio científico das matérias a ensinar” (p. 69). Na mesma linha de pensamentos, Delors (1998) expressa que “a profissão de professor é uma das mais fortemente organizadas do mundo e as organizações de professores podem desempenhar – e desempenham – um papel muito influente em vários domínios” (p. 134).

Sobre este mesmo assunto, Sousa e Rocha (2012) acrescentam que “é possível perceber (ou definir) o professor como o profissional que deve, por vocação e escolha, cuidar e educar as crianças, e levá-las à sua formação plena como cidadão autónomo, livre e consciente de seus direitos e deveres. É sua função ensinar os conteúdos curriculares, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (p. 39).

Através da interdisciplinaridade dos conteúdos curriculares o Professor, por vezes, torna-se monodocente, metodologia de trabalho sobre a qual temos assistido a algumas opiniões dissonantes.

Segundo Magalhães (2007) um Professor em situação de monodocência é um “professor(a) de um grupo constante de alunos” (p. 145). No que concerne à monodocência, Formosinho (2000) refere que “ a permanência constante com o grupo de alunos leva a um maior conhecimento e também a um maior acompanhamento de cada uma das crianças” (p. 14). Sendo assim, este acompanhamento constante ao aluno por parte do Professor em situação de monodocência poderá permitir que esse mesmo Professor tenha um melhor conhecimento dos seus alunos, adequando, assim, da melhor forma, as suas estratégias às características da sua turma. Também, de acordo com Resendes (2012) um Professor em situação de monodocência tem uma maior “proximidade com os seus alunos, reforçando assim os laços afetivos. Tal constatação exige ao professor competências pessoais e sociais, de modo, a que este possa desenvolver uma relação interpessoal positiva com os seus alunos” (p. 72).

No entanto, nem todas as opiniões vêm nesta mesma linha e há autores que alertam para alguns inconvenientes desta forma de trabalhar. Para Pacheco (2001), a prática da monodocência contribuiu para “uma redução do currículo real, (...) porque sobrevalorizou sempre as áreas nobres e em detrimento das ditas áreas de expressão” (p. 54), ou seja, contribuiu para que as áreas tradicionais, como a Matemática e o Português, fossem excessivamente valorizadas, desprezando-se, de certa forma, as restantes áreas como é o caso das Expressões Artísticas. Este autor utiliza o caso das Expressões Artísticas para dar nota da sobrevalorização que sempre se deu às áreas ditas nobres, transformando aquelas num “conjunto desarticulado e insignificante” (p. 54), completamente desvalorizado em termos curriculares. Esta é uma ideia também corroborada por Rangel (2001, citado por Fialho, 2011, p. 36):

quando defende que “o principal desafio que a educação dos nossos dias tem pela frente, que deve assumir-se como o fio condutor da discussão em torno destas questões, reside na qualidade do currículo real dos alunos, no sentido de que ele seja, efectivamente, cumprido na sua totalidade. Nas suas palavras, a perspectiva não pode ser a de umas «áreas de expressões» que existem para animar ou descontrair um bocadinho os alunos” (p. 63).

Tal como afirma Sousa “este tipo de educação não se cinge apenas a si mesma, isto é, deve estar inteiramente ligada com as outras aprendizagens que se encontram inseridas nas diferentes áreas curriculares, designadamente, a área do Português, da Matemática e a área do Estudo do Meio. Só ao articulá-las podemos permitir que as crianças/alunos aprendam melhor através de tudo aquilo que as rodeia” (2014, p. 10). Também Silva (2003) acrescenta que um Professor em situação de monodocência

apresenta dificuldades em dominar “um conjunto de áreas que são para outros, domínios de especialização”(p. 83).

Isto leva-nos para outra questão que é a questão da monodocência coadjuvada, assumida quando um Professor, em situação de monodocência, tem apoio de um Professor especializado. Segundo Mouraz e Silva (2004), um dos aspetos mais difíceis na monodocência coadjuvada “diz respeito à integração dos saberes e à difícil procura do equilíbrio entre formas diferentes de trabalhar das diversas áreas de formação” (p. 92), ou seja, poderá haver uma maior tendência de as áreas curriculares serem trabalhadas de forma desarticulada. No entanto, de acordo com Resendes (2012), “A coadjuvação no ensino de monodocência representa um trabalho cooperativo, de colaboração, de auxílio solidário, que anseia, única e exclusivamente, uma visão mais ampla que enriqueça o processo de ensino-aprendizagem (p. 72).

Como já foi referido anteriormente, a área das Expressões Artísticas pode relacionar-se com as outras áreas do currículo. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001, p. 149), na educação “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno”. Assim, é importante explorar as Expressões Artísticas, uma vez que esta área tem “um papel fulcral no processo de ensino aprendizagem podendo constituir um meio valioso ao serviço de uma educação integrada” (Queirós, 2011, p. 20), que poderá ter reflexos no sucesso escolar dos alunos.

Na mesma linha, Sousa (2003) refere que as Expressões Artísticas podem ser integradas nas outras áreas curriculares “numa convergência de atuações e de propósitos, claramente voltada para a verdadeira essência da Arte: a elevação espiritual, a formação da pessoa no que há de mais sublime em si, a sua formação humanista, a formação dos seus valores morais e éticos” (p. 63). Sendo assim, as Expressões Artísticas podem ser trabalhadas de forma interdisciplinar. Segundo Roldão (1999) a interdisciplinaridade consiste na “criação espaços de trabalho conjunto e articulado em torno de metas educativas” (p. 47). Assim sendo, “as artes podem beneficiar todos os alunos numa multiplicidade de direções, realçando o carácter inerentemente interdisciplinar das artes e a sua relação com outras disciplinas do currículo” (Germain, 2015, citador por Vaz, 2015, p. 40). Neste sentido, se o Professor optar por realizar uma abordagem interdisciplinar deve assegurar e estabelecer uma articulação horizontal e vertical, independentemente do grau de ensino que leciona.

De modo geral, o Educador e/ou Professor deve ser visto como um intermediário no método de ensino-aprendizagem do discente, sendo ele o responsável por estimular e

motivar o aluno para o ensino, transformando assim estas aprendizagens em aprendizagens significativas.

Ser Educador/Professor exige estar continuamente em investigação e formação tendo a noção de que as tendências da educação vão evoluindo e modificando-se. Logo deveremos ser capazes de modificar as nossas ações conforme estas mesmas alterações. Acerca disto, Oliveira-Formosinho (2002), esclarece que

o professor é considerado um actor organizacional que precisa de suporte para a resolução de problemas no seu contexto de trabalho. O professor é um profissional que precisa de formação e de suporte contextualizados, tal como outras profissões complexas. Assim, o professor é alguém que precisa de conhecimentos teóricos e aprendizagens conceptuais, mas igualmente de aprendizagens experienciais e contextuais (p. 11).

O Educador/Professor deve aproveitar estes momentos de mudança para enriquecer o seu saber, a sua profissão, e aperfeiçoar cada vez mais as suas práticas pedagógicas.

No que diz respeito ao Educador/Professor na área das Expressões é de salientar que este detém o papel principal na sua promoção em ambiente escolar, uma vez que,

quanto mais forem facilitadas à criança as diferentes atividades artísticas, mais ela (a criança) se apercebe das coisas que a rodeiam e mais fica apetrechada de ferramentas que irão desenvolver as suas capacidades percetivas, o seu poder de iniciativa, as suas capacidades cognitivas (inteligência, memória, curiosidade, interesse), e a longo prazo o seu próprio julgamento pessoal (Andrea, 2011, p. 59).

Em tempos mais antigos o Educador/Professor tendiam a não valorizar a área em questão, uma vez que os cursos de formação que os próprios frequentavam não exigiam competências referentes às Expressões Artísticas. Talvez por este motivo, os Educadores e Professores não davam oportunidade aos alunos de se exprimirem de forma livre e criativa. Como esclarece Bessa (1972),

nos Cursos Normais, com algumas exceções, até pouco tempo, por falta de compreensão ou de divulgação do valor da Arte na Educação, não se proporcionou ao aluno uma aproximação necessária com a Arte. É provável que, no plano em questão, a sua formação se tenha limitado à cópia e à imitação ou ao desenho esquemático convencional, sem nenhuma solicitação à própria criatividade (p. 27).

Os especialistas da educação têm cada vez mais defendido que não é recomendável que os alunos não tenham contacto com as Expressões Artísticas nas

escolas. Estes defendem se propicie às crianças, em contexto de sala de aula, momentos e atividades de caráter lúdico, onde as mesmas possam se exprimir de forma livre, por forma a desenvolverem a sua expressividade e criatividade.

De forma a chegarmos a um equilíbrio entre as práticas educativas de Educadores e Professores, nos momentos que dedicam à área das Expressões Artísticas na sua ação educativa diária, Bessa refere que:

o professor que deseja desenvolver a atitude criadora deve saber de antemão que encontrará inúmeras dificuldades a transpor, desde a incompreensão generalizada até ao tempo insuficiente nos horários reduzidos, incluindo outras mais imediatas, como número excessivo de alunos, falta de local e de equipamento, despesa com o material ou esforço para consegui-lo. Mas a convicção do quanto a atividade criadora revaloriza a educação ajuda a vencer com entusiasmo, coragem e perseverança os obstáculos mais difíceis (p. 28).

Nesta situação, podemos ver que ensinar Expressões nas escolas para as crianças não é tarefa fácil, pois são muitas as dificuldades com as quais nos deparamos aquando da prática destas atividades. No entanto, as suas potencialidades no processo de formação dos alunos são tão grandes que as verificadas dificuldades devem ser vistas com menor importância. Por esta razão, quando nas escolas são realizadas atividades na área das Expressões, o papel do Educador/Professor é muito importante, não só no superar das dificuldades encontradas, como também no estimular, entusiasmar e alegrar as crianças, em ambiente de sala de aula. Nas palavras de Bessa (1972),

deixar a criança entregue à atividade espontânea ou livre não significa dispensar o professor. Ele continua a ter função essencial e, se não lhe cabe aqui instruir ou orientar, dele depende fundamentalmente a existência de um clima favorável à criação e à formação de hábitos e atitudes através da atividade (p. 29).

O Educador/Professor tem a função de cativar, motivar e apoiar os alunos nas atividades que estão a desenvolver pois dele depende a evolução do trabalho que o aluno está a efetuar. Nesta ordem de ideias, Almeida *et al.* (s/d) relatam que “não basta fornecer materiais e deixá-la entregue a si mesma. O seu entusiasmo torna-se mais produtivo se a criança sente que o seu trabalho merece o interesse verdadeiro, catalisador, do Mestre” (p. 26). A reforçar esta mesma ideia, Bessa acrescenta ainda que:

a atitude do professor que assiste ao momento de criação influi no processo. A criança sente intuitivamente a aprovação ou a desaprovação do adulto, cuja abstenção ou intervenção inoportuna paralisa ou falseia a sua expressão. Um olhar

frio, uma resposta automática, uma censura ou pedido de explicação às vezes são o bastante para esfriar o entusiasmo, interromper um gesto, impedir uma criação. Por isso, é não só desnecessário mas positivamente prejudicial interpelar a criança e insistir para que ela revele o significado daquilo que desenhou. [...] O professor é uma presença atuante: provoca a atividade, observa, atende a cada um, prepara e esclarece o emprego do material, estimula o processo, explora os êxitos, anima cada criança e evita a competição (1972, p. 30).

Como é do conhecimento público, a conduta letiva de um Professor do 1.º Ciclo é orientada pelos documentos oficiais e norteadores tendo em atenção os programas das unidades curriculares. Na educação Pré-Escolar, o Educador durante as suas práticas letivas também se rege por documentos oficiais em contexto de sala. No entanto, neste nível, a gestão destes mesmos conteúdos faz-se com uma maior flexibilidade, dando a oportunidade ao Educador de aprofundar ou não um determinado conteúdo.

Todavia, no que diz respeito ao Professor de Expressões, esta rigidez em cumprir os documentos orientadores e os programas curriculares já não se verifica. Pelo contrário, segundo Cross (1977), “pode escolher os seus objetivos, métodos e estilos num cardápio tão comprido quanto a história da própria disciplina” (1977, p. 30).

Esta ideia faz-nos pensar que, muito provavelmente, a área das Expressões Artísticas modifica-se conforme o meio que essa está inserida, o que quer dizer que o Educador ou Professor exploram as Artes de acordo com as características do meio. O docente tem esta possibilidade porque o programa desta área tem um carácter aberto e flexível. Deste modo, defendemos com Cross (1977) que “os professores de arte são seres que têm o privilégio de transmitir aos membros da geração mais moça as vantagens da “herança cultural”, tornando-os, assim, pessoas melhores, mais felizes, mais civilizadas” (1977, p. 99).

Com esta afirmação, não queremos dar a ideia de que os objetivos definidos pela área das Expressões Artísticas não sejam importantes, pois como é afirmado por Barret (1979), “a maior parte dos professores são capazes de identificar objetivos úteis em arte” (p. 25). Sabemos que tais objetivos são importantes e os próprios docentes têm conhecimento desta importância. No entanto, estes nem sempre são convocados da forma mais apropriada no decorrer das atividades de Expressões Artísticas desenvolvidas em sala de aula. Segundo o mesmo autor “existe uma diferença considerável entre o programa escrito e a sua operacionalização na aula. Isto não quer dizer que o trabalho prático não tem objetivos mas que muitas vezes atinge objetivos bastante diferentes daqueles que foram definidos inicialmente” (1979, p. 26).

Esta situação poderá ocorrer devido à falta de materiais destinados a estas mesmas atividades, à eventual falta de formação por parte dos docentes ou até mesmo à sua falta de gosto pela área em questão, como também ao facto do horário que está destinado às Expressões Artísticas ser muito reduzidos. Esta situação agrava-se quando passamos da Educação Pré-Escolar para o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que este último nível de ensino possui extensos programas curriculares que têm de ser cumpridos tornando-os assim muito mais rigorosos no que diz respeito às disciplinas ditas tradicionais: o Português, a Matemática e o Estudo do Meio.

Contudo, da mesma forma que a área das Expressões procura desenvolver nas crianças a imaginação e a criatividade, os docentes, ao abordarem estas áreas, também devem procurar ser criativos e dinâmicos, atentos ao meio que os rodeia, de forma a tirar o máximo partido da expressão dos alunos que lhes são confiados, até porque, para muitos deles, será esta a única oportunidade de o fazerem.

Nesta ordem de ideias, é importante compreender o papel do Educador e Professor durante todo este processo de criatividade e imaginação das crianças. Enquanto orientador deste processo o docente deverá ter uma, “atitude pedagógica (...) centrada na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (Sousa, 2003, p. 160).

Desta forma, e para que consigamos entender com maior transparência o lugar que o Educador/Professor ocupa durante todo este processo, socorremo-nos das sugestões adiantadas por Lowenfeld (1977, citado por Sousa, 2003), que nos ajudam a perceber quais os comportamentos e atitudes que o Educador/Professor deve assumir, ou não, no domínio das Expressões, mais concretamente na Expressão Plástica, que é aquela que está em realce no nosso Relatório de Estágio. Na opinião deste autor, o Professor deve:

- 1) Considerar a Expressão Plástica da criança como uma projecção da sua personalidade em formação;
- 2) Compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento;
- 3) Estimular a criança nas suas relações com o ambiente;
- 4) Apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua experiência;
- 5) Compreender que as «proporções erradas» exprimem, frequentemente, uma experiência;
- 6) Compreender que as percepções da criança, a respeito da arte, são diferentes das dos adultos;

- 7) Apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos;
- 8) Colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar;
- 9) Ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros;
- 10) Encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma;
- 11) Criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa;
- 12) Deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação (p. 182).

Nesta mesma ordem de ideias, o autor alerta também para o facto de que o professor não deve:

- 1) «Corrigir» ou «ajudar» a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe uma personalidade de adulto;
- 2) Considerar que o «produto final» do esforço infantil tenha alguma importância;
- 3) Entregar à criança cadernos de colorir ou modelos de desenhos que a tornariam insensível ao ambiente;
- 4) Demonstrar apreço por tudo o que a criança faça indiscriminadamente.
- 5) Corrigir as proporções dos trabalhos;
- 6) Esperar que as manifestações artísticas das crianças sejam sempre agradáveis aos olhos dos adultos;
- 7) Preferir o trabalho de uma criança a outra;
- 8) Limitar a actividade infantil, deixando de dar à criança um local apropriado para trabalhar;
- 9) Fazer comparações entre os resultados dos trabalhos das crianças;
- 10) Apoiar concursos, exposições ou competições de trabalhos de crianças, sobretudo quando envolverem prémios ou recompensas como estímulo;
- 11) Impor à criança os padrões dos adultos;
- 12) Pendurar o «melhor» trabalho na parede;
- 13) Mostrar à criança «como se faz», «como se desenha» ou «como se pinta» (pp. 182-183).

Com este conjunto de sugestões, concluímos reforçando as sugestões do autor e defendendo que se torna essencial e indispensável tratar com respeito todos os trabalhos e actividades realizados pelas crianças, pois estas produções são resultado de um prolongamento delas próprias, da sua individualidade, daquilo que já conhecem e da

forma que encontram para comunicar com os outros e para explorar o mundo que as rodeia. Tais sugestões funcionaram para inspirar a nossa ação educativa, no contexto dos estágios pedagógicos realizados no contexto da Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tal como procuraremos explicitar nos capítulos que se seguem.

Capítulo II

**Estágio Pedagógico I
Em Contexto da Educação
Pré-Escolar**



Capítulo II

Estágio Pedagógico I

Em Contexto da Educação Pré-Escolar



1. Práticas Educativas em Contexto da Educação Pré-Escolar
 - 1.1 Características dos Contextos de Intervenção
 - 1.1.1 O Meio
 - 1.1.2 A Escola
 - 1.1.3 A Sala de Atividades
 - 1.1.4 O Grupo de Crianças
 - 1.1.4.1 A Rotina do Grupo de Crianças
 - 1.1.5 Caracterização dos Educadores de Infância Entrevistados
2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico I - Educação Pré-Escolar
 - 2.1 Atividades de Artes Visuais como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar
 - 2.1.1 A Lagartinha Muito Comilona
 - 2.1.2 Roleta dos Ofícios
 - 2.1.3 Brincando com as Profissões
3. As Artes Visuais aos Olhos dos Educadores de Infância



Estágio Pedagógico I: em Contexto da Educação Pré-Escolar

1. Práticas Educativas em Contexto da Educação Pré-Escolar

Este capítulo será destinado às práticas educativas desenvolvidas no âmbito do Estágio Pedagógico I, proporcionado pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estágio decorreu na Educação Pré-Escolar.

Assim sendo, em primeira instância iremos contextualizar o meio, a escola e a sala de atividades, assim como as características do grupo de crianças. Para que fosse possível realizar esta recolha de informação foi necessário consultarmos variados documentos, entre os quais: os processos individuais das crianças, o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Projeto Educativo de Escola (PEE) e o Plano Anual de Atividades (PAA) para a Educação Pré-Escolar. A observação direta em contexto de sala de atividades e as conversas informais com a nossa orientadora de escola fez com que a recolha de informação se tornasse mais rica. É importante referir que o Projeto Formativo Individual (PFI), realizado no início do Estágio Pedagógico I, foi fundamental durante todo este processo de recolha de informação, uma vez que permitiu-nos ter a noção da realidade educativa onde iríamos realizar as nossas intervenções pedagógicas.

Num segundo momento, apresentaremos uma visão global de todas as atividades concretizadas no decorrer do Estágio Pedagógico I, que posteriormente irão ser adequadamente analisadas e refletidas. Para isto, baseámo-nos no Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores (CREB) e nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) para garantir a correção na análise e reflexão acerca das mesmas. Por outro lado, os documentos que realizámos ao longo do Estágio Pedagógico I, aquando das nossas intervenções, tais como as sequências didáticas e as reflexões/avaliações, permitirão fazer uma análise e reflexão mais objetiva da ação pedagógica que desenvolvemos.

No contexto desta nossa reflexão, dedicaremos especial atenção à temática que decidimos aprofundar no nosso Relatório de Estágio e, para tal, compartilharemos ainda o ponto de vista de alguns Educadores de Infância que entrevistámos, relativamente ao entendimento das Artes Visuais como lugar de aprendizagens na Educação Pré-Escolar.

1.1 Características dos Contextos de Intervenção

1.1.1. O Meio

A escola onde decorreu o Estágio Pedagógico I foi a *Escola Amarela*, situada no concelho de Ponta Delgada. Devido à realidade geográfica da freguesia, a maior parte da população trabalhava na agricultura e na pecuária. Deste modo, podíamos dividir a população em dois grandes grupos, um grupo que trabalhava nas terras e um outro grupo que se deslocava diariamente à cidade para trabalhar no comércio, na indústria e na prestação de diversos serviços. É importante referir que na freguesia onde a escola se inseria, a maior parte da população trabalhava por conta de outrem.

Do ponto de vista cultural, a freguesia era rica em associações, juvenis e não só, das quais destacamos uma Associação Cultural ligada à juventude, um grupo de Escuteiros, um Grupo Desportivo, um Grupo Folclórico e um Grupo de Cantares e uma escola instrumentos de corda. Ainda neste contexto, destacamos o papel assumido pela Casa de Povo desta localidade, em benefício da sua cultura, que dinamizava Ateliês de Tempos Livres, um Centro de Dia de Idosos e uma equipa de apoio aos idosos e de apoio ao domicílio.

A riqueza cultural da localidade onde se inseria a escola que nos recebeu foi importante para o nosso estágio uma vez que possibilitou a realização de visitas de estudo, nomeadamente à Quinta do Senhor Lázaro, para trabalhar questões relacionadas com as plantas bem como ao aeroporto, local onde pudemos aprofundar o nosso estudo acerca das profissões. Em boa verdade, o facto de a escola se encontrar na periferia do concelho de Ponta Delgada impossibilitou, por vezes, a realização de certas atividades devido à falta de transporte para as crianças e à ausência de estabelecimentos comerciais próximos. No entanto, procurando contrariar tal realidade, tentámos implementar sempre que possível atividades diversificadas, apelativas e dinâmicas.

1.1.2. A Escola

A *Escola Amarela*, situada no concelho de Ponta Delgada, ilha de São Miguel - Açores, destinava-se precisamente à Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O edifício tinha beneficiado de obras recentemente pelo que, do ponto de vista físico, a escola apresentava boas condições. Foi feito um bom aproveitamento do espaço, com realce para a entrada da luz solar, melhorada através da construção de diversos janelões em redor de toda a escola.

A escola era constituída por um P3 requalificado, composto por dois blocos e possuía: três salas de Jardim-de-Infância, cinco salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico e dois gabinetes de apoio. As crianças tinham ao seu dispor uma biblioteca, que no ano em que foi realizado o Estágio Pedagógico funciona como sala UNECA Socioeducativa, um polivalente, um campo de jogos com espaços verdes onde as crianças podiam brincar livremente e um parque infantil. A escola ainda ao dispor da comunidade escolar um refeitório, uma cozinha, sete casas de banho (de alunos, educadores, professores e auxiliares) e cinco arrecadações. Os Educadores e Professores, por sua vez, tinham uma sala de convívio onde podiam partilhar os seus conhecimentos e experiências diárias proporcionadas a partir da lecionação das suas aulas, e um gabinete de direção.

A *Escola Amarela* contava com cento e trinta e oito alunos, dos quais, cinquenta e três frequentavam o Jardim-de-Infância e os outros oitenta e cinco alunos frequentavam o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito, ao corpo docente da escola, esta possuía quatro Educadoras de Infância, uma delas, especializada em Ensino Especial, dois Professores que trabalhavam com os alunos do Programa UNECA Socioeducativa e cinco Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Existia ainda um Professor de Educação Musical, um Professor de Expressão Plástica, um Professor de Educação Físico Motora e dois Professores de Inglês direcionados para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Por opção do Departamento Curricular da Educação Pré-Escolar a Educação Físico Motora era dinamizada pelas Educadoras de Infância titulares.

No que concerne o corpo não docente, a escola possuía três Assistentes Operacionais. Para além destes três profissionais, existiam quatro funcionárias ao abrigo do *Programa FIOS* que auxiliavam as Assistentes Operacionais nas horas do lanche e almoço, bem como nas limpezas.

Em relação ao horário de funcionamento da Escola, a abertura dava-se às 8:30h pois, alguns Pais/Encarregados de Educação não tinham onde deixar os seus filhos pela manhã. No entanto, o horário efetivo das aulas era das 9:00h às 15:00h, para a Educação Pré-Escolar e das 9:00h às 15:45h em alguns dias, para os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É de salientar que a escola tinha dois portões de entrada e estes tinham hora de abertura e de fecho, para que as crianças pudessem estar em maior segurança.

Depois das aulas terminarem, o refeitório era utilizado como ATL, dinamizado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada. Algumas das crianças do núcleo escolar frequentavam um outro ATL, situado num edifício próximo ao da escola.

De acordo com o Projeto Educativo de Escola (PEE), o núcleo da *Escola Amarela*, enfrentava cinco grandes desafios: hábitos de vida pouco saudáveis, insucesso educativo, excesso de tarefas burocráticas imputadas aos docentes, fraca participação e colaboração de pais e encarregados de educação e indisciplina, violência e comportamentos de risco.

No entanto, constatámos que, relativamente à participação dos pais, estes participavam ativamente existindo uma associação de pais cuja presidência se fazia representar nas reuniões de núcleo mensais. O número de pais e familiares que se deslocavam à escola a fim de participarem nas diversas atividades da escola eram também um sinal muito positivo de parceria entre o núcleo e a comunidade educativa. Relativamente à indisciplina, apesar de existirem algumas crianças mais irrequietas não existem casos que merecessem atenção especial.

1.1.3. A Sala de Atividades

A *sala E*, onde decorreu o nosso estágio na Educação Pré-Escolar tinha aproximadamente 47 m² (6,56 m de largura e 7,24 m de comprimento). A sala possuía grandes janelões ao redor de todo o espaço o que proporcionava uma boa entrada de luz solar, reduzindo assim o gasto de eletricidade. A sala possuía uma porta que dava acesso ao exterior, à zona de recreio, onde podíamos encontrar um parque infantil logo ao sair da porta. Na figura que se segue (ver Figura 1), procuramos ilustrar tal realidade.

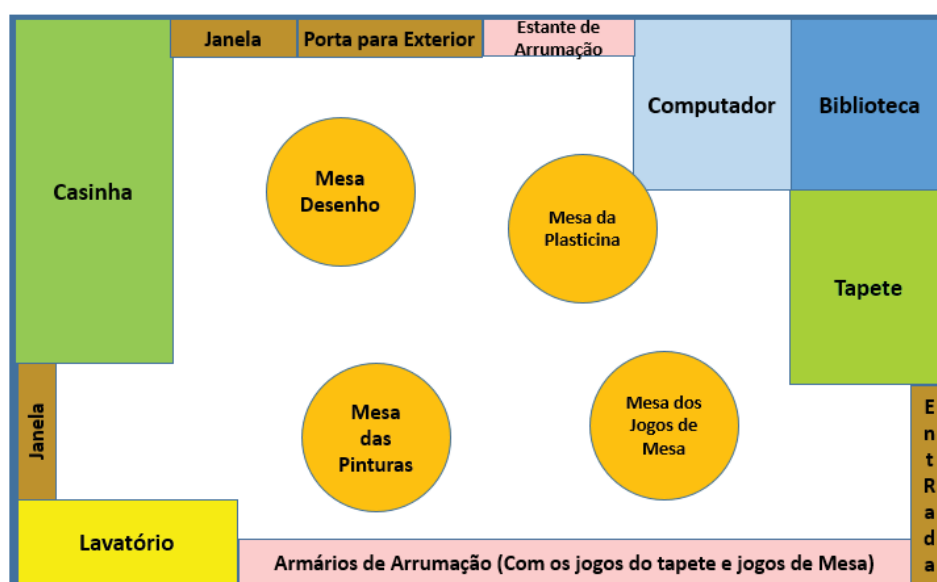


Figura 1 - Planta da Sala de Atividades onde decorreu o Estágio Pedagógico I

A sala estava disposta por áreas de forma a facilitar a organização das crianças e a sua autonomia na realização das atividades. Possuía a área do tapete, onde se realizava o acolhimento bem como outras atividades em grande grupo; a área dos jogos de mesa, que funcionava numa das quatro mesas que estavam disponíveis na sala; a área do desenho (numa das mesas disponíveis); a área da plasticina (numa das mesas disponíveis); a área do computador; a área dos jogos de tapete, que incluía legos e garagens/carros; a área da biblioteca e por último, a área da casinha. Salientamos que, apesar de haver algumas regras de utilização das mesas, havia total liberdade para as utilizar em outras atividades, ou mesmo ter mais de que uma mesa destinada a trabalhar a mesma atividade.

A sala possuía quatro mesas de trabalho, cada uma devidamente identificada. Cada mesa e o grupo de cadeiras que rodeava (6 cadeiras em cada mesa) era caracterizada por uma coroa de cor diferente (verde, laranja, amarelo e vermelha) pois, a temática da *sala E* era o *Castelo - Reis e Rainhas*.

É importante salientar que a sala possuía bastante arrumação pois dispunha, de diversos armários que ajudavam na arrumação dos materiais, brinquedos e jogos, que as crianças exploravam durante o dia. Existia ainda um móvel junto à parede, que tinha várias divisões. Nele podíamos encontrar diversos materiais que utilizávamos diariamente. Não podemos esquecer, a bancada que existia junto ao lavatório lugar onde podíamos encontrar lápis de cor, lápis de cera, folhas brancas, bem como diversos materiais de desperdício, revistas, colas, pinceis e tintas. Era também nesta bancada que se arrumavam os trabalhos, depois de concluídos, antes de serem arrumados nas capas de cada criança.

No fundo da sala, tínhamos um quadro grande de cortiça onde afixávamos os trabalhos das crianças. Como prolongamento deste espaço, costumávamos usar também, para o mesmo fim, as paredes do exterior da sala e do corredor.

É de realçar que a *sala E* tinha diversos quadros que abordavam conteúdos diferentes, designadamente, o quadro de presenças, a janela do tempo, o Castelo da marcação da data e o quadro do ajudante do dia.

Entendemos que as características que acima enunciámos faziam desta sala um lugar onde era fácil trabalhar e aprender. As crianças, familiarizadas com este espaço, movimentavam-se autonomamente e de forma alternada pelos vários cantos, aspeto que utilizámos para promover um conjunto de propostas pedagógicas, com especial destaque para a área que decidimos aprofundar neste Relatório, aspeto que abordaremos, em pormenor, um pouco mais adiante.

1.1.4. O Grupo de Crianças

O grupo de crianças com o qual desenvolvemos a nossa prática pedagógica era constituído por dezoito crianças, sendo onze do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos. As crianças que possuíam três anos estavam a frequentar pela primeira vez o jardim-de-infância, enquanto, as de seis anos estavam a frequentá-lo pela terceira vez.

No grupo, havia duas crianças que possuíam necessidades educativas especiais: uma possuía Autismo de Nível I e a outra um Défice Cognitivo. Estas crianças eram acompanhadas por terapeutas dentro da escola, como também fora desta. No caso destas duas crianças, ambas tinham aulas de equitação/hipoterapia.

Ao nível de idades, o grupo caracterizava-se por ser heterogéneo. No entanto, ao nível das suas competências, podíamos considerar dois grandes grupos, o grupo de crianças que já frequentava o pré-escolar e o grupo daquelas que se encontravam matriculadas pela primeira vez. Identificámos no grupo algumas crianças que apresentavam mais dificuldades do que outras e, por essa razão, tentávamos sempre adaptar as nossas atividades às suas reais capacidades procurando, se necessário, reformulá-las ou atribuir-lhes vários graus de complexidade. É importante não esquecermos que tínhamos cinco crianças que estavam pela primeira vez na Educação Pré-Escolar, por isso era preciso ter em atenção as atividades que lhes proporcionávamos, na certeza de que necessitavam, por vezes, de uma maior atenção e disponibilidade da nossa parte.

Ao nível da autonomia, podemos dizer que as crianças, na sua maioria, apresentavam ser autónomas, dado que efetuavam tarefas e necessidades básicas sem ajuda, como por exemplo guardar os materiais utilizados nas diversas atividades ou ir à casa de banho sozinho. No entanto, em alguns casos, foi preciso concentrar a atenção em algumas crianças de forma a torná-las mais autónomas.

Ao nível da linguagem oral verificámos que, de uma forma global, as crianças detinham uma boa expressão. No entanto, constatámos que, por vezes, as mais novas, que frequentavam o pré-escolar pela primeira vez, bem como as que apresentavam necessidades educativas especiais, apresentavam ter maiores dificuldades na dicção e na pronúncia de palavras.

De uma forma geral, podemos afirmar que este grupo de crianças era muito dinâmico e sociável, que aceitava com grande facilidade as atividades que propúnhamos e até sugeria outro tipo de atividades que não estávamos a pensar trabalhar naquela

altura. Era visível a cumplicidade entre as crianças, principalmente das mais velhas em relação às mais novas, cuja ajuda nunca se fazia esperar. Era um grupo que revelava muita afetividade, tanto de uns para com os outros, como também em relação à Educadora e às estagiárias.

1.1.4.1. As Rotinas do Grupo de Crianças

O grupo de crianças com o qual desenvolvemos o nosso Estágio cumpria um conjunto de rotinas diárias. Tais rotinas, como é do nosso conhecimento, auxiliam o Educador na organização do seu tempo. A este propósito, Oliveira-Formosinho (1998, p. 158) realça que é imprescindível que o “educador(a) encontre uma forma de organizar o tempo de tal forma que permita a experimentação diversificada com os objetos, as situações e os acontecimentos” e esta rotina, segundo Pereira (2014, p. 29), deve ser “pensada com coerência e como oportunidade curricular de excelência, para, entre outros aspetos, a criança ir construindo a sua autonomia”.

Como é afirmado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar (Silva, e outros,1997):

o tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que repetem com uma certa periodicidade. A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual (p. 40).

No entanto, ao afirmar que estamos a implementar uma rotina diária não quer significar que estamos a criar um ambiente de carácter “rotineiro”, com atividades repetidas, pelo inverso, pois estamos dando a possibilidade às crianças de serem elas próprias a ter uma participação ativa nos processos de planificar, realizar, partilhar, refletir, entre outros.

Como defendem Hohmann e Weikart (2004, p. 8), as rotinas diárias possibilitam que as crianças se considerem membros ativos e participantes no desenvolvimento das suas aprendizagens, uma vez, que permitem "antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia (...)", beneficiando assim as direções das suas ações. Parafraseando ainda os mesmos autores “uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo

suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas «à dimensão da criança» no contexto dos acontecimentos que vão surgindo” (Hohmann e Weikart, 2004, p. 224).

No quadro que se segue, explicitamos a realidade que terminámos de descrever, abrangendo de forma geral as rotinas do grupo de crianças, fazendo a identificação das atividades estabelecidas e os respetivos horários (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Rotina do Grupo de Crianças do Pré-Escolar

Horário	Atividade
9:00h - 9:30h	Acolhimento
10:20h - 10:30h	Higienização
10:30h - 11:00h	Intervalo
11:50h - 12:00h	Higienização
12:00h - 13:30h	Almoço
14:45h - 15:00h	Preparação das Crianças para a Saída

Assim sendo, a primeira rotina do dia era o *Acolhimento* que era realizado diariamente. Nesta rotina desenvolviam-se diversificadas atividades, entre as quais: a entoação da canção do *Bom Dia* cantada pelas crianças, de forma a saudar e desejar os bons dias a todas as pessoas; a eleição do chefe do grupo, que auxiliava os restantes colegas durante o todo o dia, sendo ele responsável por chamar os colegas para marcar a presença, preencher o quadro da data e o quadro do tempo. Era também o chefe do dia que ficava encarregue de fazer a contagem dos meninos e das meninas, identificando quantas estavam presentes e quantas estavam a faltar. É importante referir que, na marcação das presenças, era necessário que cada criança reconhecesse o seu nome e, caso isto não acontecesse, o chefe do dia auxiliava. Esta rotina permitia que as crianças pudessem iniciar um contato com a escrita do seu nome.

A higienização era uma rotina que se realizava duas vezes por dia, sendo que esta era efetuada antes das refeições, do lanche e do almoço. Neste período, era pedido que cada criança que, com a ajuda do adulto, caso fosse necessário, fizesse a lavagem das mãos.

Após o lanche e o almoço, a criança tinha um intervalo de tempo de recreio onde podia desenvolver atividades livres partilhadas com os demais colegas da escola.

Por fim, a última rotina do dia era a preparação das crianças para a saída. Neste momento, as crianças preparavam as suas mochilas e lancheiras com os seus materiais

para a saída. Era necessário organizar as crianças conforme o seu percurso após a saída da escola, porque tínhamos crianças que iam para casa com os familiares, como também tínhamos crianças que iam para diferentes ATLS.

1.1.5. Caracterização dos Educadores de Infância Entrevistados

Depois de apresentados e caracterizados os contextos onde decorreu o Estágio Pedagógico I, consideramos ser também importante caracterizar os dez Educadores de Infância que entrevistámos no contexto do nosso estudo empírico. O objetivo principal destas entrevistas era compreender quais as opiniões e as representações dos Educadores de Infância acerca do lugar e do papel das Artes Visuais nas aprendizagens das crianças. Deste modo, os dados recolhidos nas entrevistas serão apresentados e debatidos após a nossa reflexão fundamentada das atividades desenvolvidas no contexto da nossa ação educativa.

É importante referir que tivemos em conta alguns critérios na seleção dos entrevistados, com o intuito de alcançarmos uma amostra mais diversificada. Assim sendo, os critérios que selecionámos foram: a idade do entrevistado, o tempo de serviço, bem como as idades do grupo de crianças com que trabalhavam na altura da entrevista.

O quadro apresentado de seguida mostra-nos esta mesma realidade (ver Quadro 2). Por questões de natureza ética foram utilizados pseudónimos para nomear as Educadoras participantes no nosso estudo.

Quadro 2 - Caracterização dos Educadores de Infância Entrevistados

Entrevistados	Idade	Tempo de Serviço	Idades das crianças
Anabela	41	16 Anos	3 aos 6 Anos
Bárbara	52	32 Anos	3 aos 6 Anos
Carlota	54	32 Anos	3 aos 6 Anos
Daniela	28	5 Anos	1 aos 2 Anos
Emília	42	20 Anos	3 aos 4 Anos
Filipa	41	18 Anos	2 aos 3 Anos
Gilberta	39	14 Anos	3 aos 5 Anos
Hélia	25	5 meses	4 aos 18 Meses
Isaura	25	2 Anos	3 aos 5 Anos
Joana	41	18 Anos	3 aos 6 Anos

Ao caracterizarmos as Educadoras de Infância que entrevistámos, tentámos ir mais além procurando saber particularidades acerca da sua formação inicial ao nível das

Expressões Artísticas, em especial as Artes Visuais, assim como as concepções que estas tinham sobre a relevância desta área de expressão na vida das crianças e no seu currículo escolar.

Deste modo, todos os entrevistados referiram que durante a sua formação inicial tiveram oportunidade de explorar disciplinas no subdomínio das Artes Visuais. No entanto, no que diz respeito aos conhecimentos e competências profissionais referentes às Artes Visuais fornecidas aquando a formação inicial, as opiniões dos Educadores de Infância divergiram. Sendo assim, sete dos entrevistados mencionaram que sim, que lhes foram transmitidas diversas técnicas de Artes Visuais durante a sua formação. Pelo inverso, três Educadoras responderam que não, que não tinham sido facultados muitos conhecimentos acerca do subdomínio, sendo transmitidos conhecimentos insuficientes para o seu futuro profissional. A Educadora Gilberta refere ainda que os conhecimentos adquiridos durante a sua formação foram muito gerais e foi no exercício da prática profissional que aperfeiçoou as estratégias, adequando as diferentes técnicas às faixas etárias e às capacidades das crianças a que se destinava.

Neste particular, somente as Educadoras Anabela, Filipa, Hélia e Isaura, responderam que não sentiram necessidade de desenvolver/aprofundar competências após terem terminado o curso. Todas as restantes assumiram sentir necessidade de se manterem atualizados e de usarem técnicas diversificadas no âmbito deste subdomínio de expressão.

Por conseguinte, quando questionámos as entrevistadas acerca da importância do subdomínio das Artes Visuais no desenvolvimento das crianças, todas elas afirmaram que consideravam ser uma área muito relevante para o desenvolvimento de diversas competências, nomeadamente, a criatividade, a imaginação, a concentração, a motricidade fina, permitindo ainda explorar aspetos emocionais, psicomotores, culturais e ambientais.

Em suma, ao inquirirmos os Educadores de Infância acerca da importância dada ao subdomínio das Artes Visuais no currículo da Educação Pré-Escolar, estes, de uma forma ou de outra, concordaram que é dada muita importância a este subdomínio, tendo mesmo competências de Artes Visuais definidas para serem atingidas nas diferentes faixas etárias. No entanto, concordam que caberá ao Educador dar maior ou menor importância a esta área, não esquecendo as áreas da Matemática, da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico I - Educação Pré-Escolar

Depois de termos realizado a caracterização do contexto do Estágio Pedagógico I centralizar-nos-emos na ação educativa desenvolvida no mesmo, apresentando assim um panorama global das atividades desenvolvidas ao longo do estágio em causa. Na tabela apresentada de seguida (ver Quadro 3), partilhamos as atividades planificadas e implementadas durante as cinco intervenções que tivemos no decorrer do nosso estágio. Apresentamos as áreas, domínios e subdomínios explorados ao longo de todas as atividades implementadas.

Quadro 3 - Atividades Desenvolvidas no Estágio Pedagógico I

Atividades			Áreas de Conteúdo								
Intervenções	Data	Número da Atividade	Formação Pessoal e Social	Expressão e Comunicação							Conhecimento do Mundo
				Educação Física	Educação Artística				Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	
					Artes Visuais	Jogo Dramático/Teatro	Música	Dança			
1.ª Intervenção	2 de outubro	A1									
		A2									
		A3									
	3 de outubro	A4									
		A5									
		A6									
	4 de outubro	A7									
		A8									
2.ª Intervenção	16 de outubro	A9									
		A10									
		A11									
	17 de outubro	A12									
		A13									
		A14									
		A15									
	18 de outubro	A16									
		A17									
		A18									
A19											
A20											
A21											

Artística, nomeadamente os subdomínios da dança e da música, teve pouca evidência no nosso estágio pedagógico.

Depois de feita uma pequena apresentação do quadro das atividades realizadas ao longo do estágio, achamos ser importante referir de que forma as áreas de conteúdo, bem como os respetivos domínios e subdomínios, estiveram presentes nas atividades realizadas no decorrer das intervenções. Assim sendo, optámos por apresentar resumidamente as atividades que consideramos ser as mais significativas, uma vez que, é impossível apresentarmos toda a prática pedagógica que ocorreu durante o estágio. De forma a percebermos melhor a descrição das atividades em causa, identificaremos cada uma delas com o número que lhe corresponde no quadro acima referido.

A **primeira intervenção** ocorreu nos dias 2, 3 e 4 de outubro e foi realizada em conjunto com o nosso par pedagógico. Com esta intervenção pedagógica pretendíamos dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela Educadora no contexto da sua sala de atividades. Até então, tínhamos estado duas semanas a observar e a interagir com o grupo, intervindo apenas pontualmente no apoio à Educadora cooperante durante as suas atividades. A Educadora em questão trabalhava com base numa metodologia de trabalho por projetos e, naquele ano letivo, pretendia modificar a sua sala, transformando-a num castelo com reis e rainhas, uma vez que este tinha sido o tema integrador escolhido pelas crianças.

O subdomínio das Artes Visuais foi o que mais vezes ocupou o lugar de área foco seguindo-se a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Assim sendo, na área da Formação Pessoal e Social, explorámos aspetos relacionados com as características de cada criança, como por exemplo o seu autorretrato, quando tirámos as fotos das crianças para colocar na identificação dos cabides; reforçámos o facto de as mesmas saberem esperar pela sua vez para falar, respeitarem as regras de sala, nomeadamente quando estavam nas áreas de trabalho, e o saber respeitarem, por exemplo, o número de crianças que podia estar em cada área. Foi muito importante trabalhar esta área com as crianças porque, tal como refere Pratas (2012) “só depois de a criança se conhecer bem a si mesma é que poderá conhecer os outros indivíduos e a sociedade, por isso, a importância de trabalhar este conteúdo, elementar e determinante, no contexto escolar” (p. 7).

Segundo as OCEPE (2016), a área da Expressão e Comunicação é uma área indispensável para a aprendizagem das crianças, pois faz com que estas possam “interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (p. 43).

Deste modo, dentro da área de Expressão e Comunicação abordámos o domínio da Educação Física através do jogo “Coroa do Rei” (A6). Consideramos importante explorar a Educação Física com as crianças porque, segundo as OCEPE (2016), esta área possibilita-lhes “um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço, com os outros e com os objetos” (p. 43).

No que se refere ao domínio da Educação Artística abordamos o subdomínio das Artes Visuais através da construção de coroas (A2), por ser a temática escolhida pelas crianças para decorar a sala de atividades. Para além disso, construímos juntamente com elas as capas para poderem guardar os seus trabalhos ao longo do ano letivo e para que pudessem ter tudo organizado (A4). Tal iniciativa teve por base o facto de defendermos que as expressões artísticas são essenciais para o desenvolvimento global da criança, tanto a nível pessoal, como a nível social e cultural, pois, como sabemos, o contacto da criança com a arte facilita o acesso à aprendizagem de outras áreas do conhecimento.

Segundo o Ministério da Educação (2001), as artes “são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção” (p. 149).

O subdomínio da música foi explorado através da canção “Panda e os Caricás - O panda manda” (A3), pois defendemos com Hohmann e Weikart (2003) que a “música, nesta fase, tem uma enorme importância, pelo facto de as crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som” (p. 658).

No que diz respeito, ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, explorámo-la através da leitura de duas histórias que abordavam a temática da sala, “O Castelo - Reis e Rainhas”. Estas histórias, “O Rei” e a “Princesa Ervilha”, funcionaram como uma forma muito “apropriada para estimular o desenvolvimento de competências literárias nas crianças” (Marques, 1990, p. 34).

Como não tivemos de trabalhar uma temática em específico nesta intervenção, fazemos então um balanço da forma como a mesma decorreu ao nível de comportamento das estagiárias, no ato de intervenção. Sendo assim, considerando os aspetos mais positivos desta intervenção, salientamos a nossa assertividade relativamente aos comportamentos de algumas crianças, que ainda se encontravam em período de adaptação e numa atitude de resistência ao cumprimento das regras da sala, como também a rápida compreensão da dinâmica do grupo/sala, que foi previamente estabelecida entre a Educadora e o grupo de crianças por parte das estagiárias. E como aspetos a melhorar referenciamos as atividades que deviam ter em consideração as

crianças que frequentavam o Jardim-de-Infância pela primeira vez, dado que os seus tempos de atenção e concentração eram curtos, sendo que as atividades dirigidas em situação de tapete deviam pautar-se por um tempo de trinta a quarenta minutos sensivelmente, no início de ano letivo, evitando situações de mau estar e de incumprimento de regras que obrigam a posições mais fortes por parte do adulto.

A **segunda intervenção** teve lugar nos dias 16, 17 e 18 de outubro. A temática principal foi a alimentação, uma vez que no dia 16 de outubro se comemora o dia Mundial da Alimentação. Desta forma, a nossa prática pedagógica ao longo destes três dias centrou-se essencialmente na alimentação, interligando-a com os alimentos saudáveis e não saudáveis, como também com as consequências, tanto positivas como negativas, de cada um destes alimentos. A alimentação variada, bem como a quantidade e a frequência com que devemos comer certos alimentos foram outros conteúdos igualmente trabalhados com as crianças.

Nesta ordem de ideias, a área privilegiada na maioria das atividades foi a área do Conhecimento do Mundo. Também convocámos o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o subdomínio das Artes Visuais.

O livro “A Lagartinha Muito Comilona” foi o fio condutor de toda esta intervenção. Deste modo, explorámos o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita através da leitura desta história, estimulando a interação verbal entre todos (crianças, Educadora e estagiárias). Ao desenvolvermos tais práticas, estávamos conscientes de que, tal como é salientado nas OCEPE, “um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao/a Educador/a criar as condições para que as crianças aprendam” (Ministério da Educação, 2016, p. 64).

Trabalhámos a área do Conhecimento do Mundo através deste mesmo livro. As crianças deveriam ser capazes de referenciar o nome dos alimentos que a lagarta comia e os dias da semana em que ela comia certo alimento. O jogo dos sentidos (A16) que desenvolvemos com o grupo foi uma atividade interligada com o Conhecimento do Mundo pois, as crianças, a partir das suas vivências, tentaram adivinhar que frutos estavam a ser apresentados, através do tato, do olfato e do paladar.

No que concerne, à área de Expressão e Comunicação e ao domínio da Educação Artística, especialmente o subdomínio das Artes Visuais, explorámos diversas técnicas de plástica, nomeadamente, a estampagem da batata para a construção da lagarta, a técnica da escova dos dentes, a pintura com pincel, lápis de cor, lápis de cera, dedos, cotonete, bem como a colagem de diversificados tipos de papéis, utilizados para a

construção dos fantoches. O desenho também foi uma das razões do trabalho do subdomínio das Artes Visuais, pois Sousa (2003) considera que desenhar é uma forma de brincar, em que o resultado final e a execução correta das técnicas é o menos importante.

No que se refere ao subdomínio do jogo dramático, as crianças dramatizaram uma pequena peça de teatro com os fantoches que previamente estiveram a construir durante as aulas (A20). A história da “Lagartinha Muito Comilona” foi a base da encenação. Consideramos ser importante trabalhar este tipo de atividades com as crianças, pois entendemos que a Expressão Dramática se assume como “um dos meios mais valiosos e completos da educação” que ajuda a criança no seu “processo de desenvolvimento bio-psico-socio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores, ao mesmo tempo que ajuda na sua relação social” Sousa (1980, p. 9). Por sua vez, o jogo dramático tem um papel muito importante para as crianças, pois é “um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio, um meio de desenvolver a criatividade e a capacidade de representação” (Ministério da Educação, 2016, p. 56).

Por último, também utilizámos o domínio da Matemática, muitas vezes como competência associada. No entanto, na atividade A18, usámos este domínio de conteúdo como competência foco. Realizámos um pictograma com todos os alimentos que a Lagartinha tinha comido durante a semana e agrupámos estes mesmos alimentos segundo os dias da semana, pois a intenção desta atividade era desenvolver nas crianças o sentido de número. Interessava-nos ainda dar à criança a oportunidade de ter um contato maior com o número para que facilitasse a aquisição deste conceito. Neste particular, defendemos com Moreira & Oliveira que “as contagens devem ter significados para as crianças e no seu enquadramento nas demais atividades do jardim-de-infância, para dar resposta a situações que tenham interesse para as crianças” (2003, p. 118).

No final da intervenção, verificámos que as crianças começaram a ter consciência do que são alimentos saudáveis e não saudáveis. Através da atividade A19, em que era pedido para separar em dois “baldes” os alimentos saudáveis dos alimentos não saudáveis, constatámos que todas as crianças tinham consolidado este novo conhecimento uma vez que acertaram corretamente na divisão proposta.

A **terceira intervenção** realizou-se entre os dias 6 e 15 de novembro. Teve como temáticas principais “as plantas” e a celebração do dia de São Martinho, uma vez que se comemorava no dia 11 de novembro.

Na área de Expressão e Comunicação, nomeadamente no domínio da Educação Física, realizámos dois períodos em que convocámos este domínio com atividades diferentes para cada dia. Desenvolvemos os jogos do “Jardineiro e das Plantinhas” e da “Sementinha que não vê” (A46). É importante para os mais pequenos experimentarem momentos dedicados à sua educação física, pois estes “contribuem para o desenvolvimento de capacidades motoras, em que as crianças terão oportunidade de tomar consciência do seu corpo na relação com os outros e com diversos espaços e materiais” (OCEPE, 2016, p. 16).

No que concerne ao subdomínio das Artes Visuais, explorámos diversas técnicas de plástica, nomeadamente, a estampagem do braço e da mão, para a construção da árvore e das raízes (A30); a utilização de lápis de cor e lápis de cera para colorir as imagens representativas da história de São Martinho (A41), que posteriormente foram transformadas num pequeno livro de histórias para cada criança levar para casa; a colagem de diversificados tipos de papéis e materiais (por exemplo: o café para decorar a castanha que foi posta no cartucho onde as crianças levaram castanhas para casa e as sementes que serviram para decorar a personagem da história do livro “A Viagem da Sementinha”). Todos estes materiais foram trabalhados para a construção de diferentes atividades relacionadas com as plantas e o dia de São Martinho.

No que se refere ao subdomínio da Música explorámos com as crianças a canção “Balançam sem cair”, canção esta que se identificava com a temática em estudo nesta intervenção. Consideramos importante; explorar canções novas, conscientes de que

a música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais. A abordagem à Música no jardim-de-infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança (...) Pressupõe, assim, uma prática sistemática e contínua, com uma intenção específica, direcionada para um desenvolvimento progressivo das competências musicais da criança e o alargamento do seu quadro de referências artísticas e culturais (OCEPE, 2016, p. 57).

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita proporcionámos às crianças momentos de leitura de diversas histórias, nomeadamente: “A Viagem da Sementinha”, “Árvore Generosa”, “João e o Pé de Feijão”, “História de São Martinho”, “História da Maria Castanha” e a história do “Nabo Gigante”. A leitura de histórias assume-se como uma estratégia muito importante que não pode deixar de “fazer parte

das rotinas do jardim-de-infância” (Mata, 2008, p. 71). Segundo a mesma autora “a leitura de histórias é uma atividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de uma forma específica” (p. 78).

Por fim, na área do Conhecimento do Mundo, realizámos uma visita de estudo à Quinta do senhor Lázaro, onde explorámos um pouco da sua horta. Visualizámos as plantas que o senhor tinha na quinta, e distinguimo-las conforme as suas características. A este propósito, Monteiro (2002) diz-nos que as principais vantagens da realização das visitas de estudo se prendem com a possibilidade de as mesmas promoverem a interligação entre a teoria e a prática, a escola e a realidade. Desta forma, esta atividade foi uma forma de as crianças, não só ampliarem conhecimentos relativos às plantas, mas também conhecerem um pouco mais do meio no qual a escola se inseria.

Após termos refletido sobre esta intervenção, chegámos à conclusão de que o grupo de crianças já possuía alguns conhecimentos acerca das plantas. Ao aprofundarmos um pouco mais esta temática, foi notório o seu interesse na realização da visita de estudo, bem como a curiosidade das crianças mais pequenas no seio de um meio desconhecido.

A **quarta intervenção** decorreu entre os dias 27 a 30 de novembro e teve como temática principal “as profissões”. Durante esta intervenção, a área do Conhecimento do Mundo e o subdomínio das Artes Visuais foram explorados com maior frequência. No entanto, convocámos muitas vezes, com competências associadas, a área do Conhecimento do Mundo, bem como o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Assim sendo, no que diz respeito ao subdomínio das Artes Visuais, proporcionámos às crianças alguns momentos de pintura, colagem, modelagem e dobragem, pois pretendíamos desenvolver a sua motricidade fina, uma vez que algumas delas só naquele ano é que estavam a frequentar o Jardim-de-Infância pela primeira vez. Deste modo, construámos uma boneca a partir dos acessórios dados pela história da costureira (A54), moldámos os botões da costureira em massa de modelar (A57), produzimos, em grande grupo, um livro acerca a nossa visita ao Aeroporto João Paulo II, e neste livro explorámos diversas técnicas de artes visuais, e ainda fabricámos um avião de papel a partir de dobragens simples.

Todas estas atividades foram desenvolvidas com o intuito de desenvolver nas crianças a motricidade fina, pois tal como refere Reis (2003), “a expressão plástica implica um controlo de motricidade fina que se relaciona com a expressão motora, mas

recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 183).

Através da Roleta dos Ofícios (A64) explorámos o subdomínio do jogo dramático, dado que era pedido numa das divisórias da roleta que a criança representasse, em mímica, uma profissão ou então a apresentasse através dos fantoches disponíveis. Ao desenvolvermos tais estratégias, estávamos conscientes de que, tal como esclarece Sousa (2003), a Expressão Dramática permite à criança “uma melhor aquisição de conhecimentos e adaptação ao meio, oferecendo-lhe excelentes meios de expressão e de projecção da sua fantasia, emotividade e sensibilidade” (p. 33). Para além disso, este domínio assume-se ainda como “uma forma natural de educar e ajudar a criança na relação consigo própria, com o seu corpo, com o outro e com o mundo, respeitando as suas características individuais, a sua liberdade e o seu poder criativo” (Barros, 2011, p. 23).

No subdomínio da música, demos a conhecer às crianças diversas canções que tinham por base a temática das profissões. Este subdomínio foi explorado a partir do jogo da Roleta dos Ofícios. O nosso objetivo, na referida atividade, foi dar a conhecer diferentes profissões a partir de canções a elas alusivas. Pretendíamos apenas que as crianças escutassem a canção sem terem a preocupação de decorá-la, criando assim momentos de pura alegria e convívio, conscientes de que, tal como se defende nas OCEPE (2016), a abordagem à Música no jardim-de-infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança” (p. 54).

Relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita explorámos diferentes livros de histórias relacionadas com a temática das profissões, construímos o nosso livro acerca da visita de estudo ao aeroporto e lá escrevemos diversas palavras relacionadas com as profissões existentes nos aeroportos. Convocámos ainda o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita como competência associada em algumas das demais atividades.

No domínio da Matemática, elaborámos, em parceria com as crianças, um pictograma com as profissões que estas queriam ter no futuro (A67). Abordámos este tipo de atividades pelo facto de achamos que as crianças necessitavam de um grande número de experiências de contagem, pois continuavam a ter dificuldades em associar o numeral à quantidade e, tal como aconselham Santos e Teixeira (2014), este tipo de atividades de contagem “é altamente promotora do desenvolvimento cognitivo infantil” (p. 4).

Por último, no domínio do Conhecimento do Mundo realizámos uma visita de estudo ao Aeroporto João Paulo II para conhecermos as profissões existentes neste local. A este propósito, Zabalza (1998) defende que os mais pequenos “constroem o seu conhecimento a partir do contato visual” e é por isso, que “nas crianças o olhar e o saber olhar está fortemente ligado à forma como elas aprendem a observar e a ver” (p. 24).

De uma forma geral, no final desta intervenção, chegámos à conclusão de que as crianças já possuíam alguns conhecimentos acerca das profissões existentes na nossa sociedade, no entanto, tentámos alargar um pouco mais o seu leque de saberes. Tivemos a noção de que o tema das profissões não se esgotou naqueles quatro dias de intervenção, uma vez que existem inúmeras atividades profissionais que poderiam ter sido abordadas, mas foi uma forma de iniciar uma nova descoberta.

A **quinta intervenção** foi realizada juntamente com o nosso par pedagógico, entre os dias 4 e 13 de dezembro. Foi marcada por atividades alusivas ao tema do Natal, pois já nos encontrávamos numa época próxima desta época festiva e as crianças, no seu dia-a-dia, na sala de atividades, já começavam a falar do assunto. Neste sentido, baseámo-nos na construção de enfeites natalícios para enfeitar a sala, nos ensaios para a festa de Natal e na construção de lembranças alusivas à data para as crianças levarem para casa.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a comemoração das festividades insere-se na componente do Conhecimento do Mundo Social, que permite à criança o “conhecimento contextualizado e articulado de saberes permitindo que a mesma conheça as características não só da sua comunidade como das outras, nomeadamente, os seus hábitos, costumes e tradições” (2016, p. 89).

A área de Formação Pessoal e Social foi trabalhada de forma transversal, uma vez que esta era uma época em que devíamos educar para os valores (tais como a partilha, o respeito, a amizade, o amor, entre outros), sendo que estes “não se ensinam, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros” (OCEPE, 2016, p. 33).

O subdomínio das Artes Visuais foi aquele que ocupou a maior parte das atividades realizadas nesta intervenção. Realizámos muitas atividades de plástica com diversificados tipos de materiais, como por exemplo: um anjo de Natal com guardanapos (A78), um globo de neve com copos de plástico e bolinhas de esferovite (A81), árvores de Natal em estampagem (A72), presentes de natal em papel, com recurso à técnica do origami (A87), pais natais com paus de gelado (A87), e muito mais.

Trabalhámos o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita através da leitura de diferentes histórias natalícias às crianças e, a partir delas, avançámos para

uma atividade diferente. Durante estes dias de intervenção, apresentámos às crianças as seguintes histórias: “O Abeto”, “Canção de Natal”, “Véspera de Natal”, “Os Anjos de Natal” e “A Oficina do Pai Natal”.

No domínio da Matemática, explorámos, juntamente com as crianças, uma tabela de dupla entrada para que estas pudessem fazer a associação da cor com os objetos natalícios. Escolhemos desenvolver esta estratégia conscientes de que, tal como defende Cunha (2012, citando Lopes, 2000), o jogo “torna-se um elemento enriquecedor para promover a aprendizagem e contribuir com o desenvolvimento de muitas habilidades. Servindo-se de atividades lúdicas é possível promover o desenvolvimento social, emocional e cognitivo e também trabalhar habilidades do pensamento, da criatividade, da imaginação, da interpretação, da intenção, da motivação interna e da socialização” (p. 60).

No fim da intervenção, constatámos que as crianças passaram a ver a quadra do Natal de uma forma diferente. Inicialmente, viam o Natal como sendo uma época de troca de ofertas, essencialmente brinquedos. Entretanto, depois da nossa intervenção pedagógica, as crianças começaram a ver o Natal com outros olhos. Passaram a entendê-lo como sendo uma época familiar de partilha de afetos e sentimentos uns pelos outros, dando assim uma maior importância aos valores da partilha, amor, carinho, amizade, alegria, paz, esperança, tolerância, gratidão, perdão, simpatia, coragem, sinceridade, entre outros.

Depois de apresentado o caminho que percorremos ao longo do estágio pedagógico na Educação Pré-Escolar, falta-nos dizer que a experiência que obtivemos neste estágio foi muito enriquecedora. Inicialmente, foi um bocadinho difícil devido a alguma ansiedade que tínhamos por interagir pela primeira vez com este grupo de crianças, mas num instante sentimo-nos “em casa”. No início, como tínhamos um grupo heterogéneo, de 18 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, era mais complicado organizar atividades para níveis de aprendizagem tão diferentes, mas com o tempo as coisas foram melhorando e o nosso “à vontade” com a turma foi-se tornando cada vez maior. Todavia, foram essas e outras dificuldades/limitações que encontrávamos durante as intervenções que nos fizeram crescer e aprender, fazendo assim, com que conseguíssemos melhorar as nossas estratégias e, conseqüentemente, as atividades dinamizadas.

A Educadora Cooperante foi uma das nossas maiores aliadas durante todo este processo, pois todos os conselhos e opiniões que nos dava tinham em vista o melhoramento das nossas estratégias e, por sua vez, das atividades que viriam a

decorrer. Era uma pessoa muito flexível e muito receptiva a novas ideias e com ela adquirimos muitas e diversificadas aprendizagens.

Como forma de aprofundar um pouco mais as nossas propostas pedagógicas, entendemos conveniente partilhar um conjunto de três, que consideramos mais relevantes. Tais atividades vieram reforçar a temática que decidimos aprofundar no presente Relatório: A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Assim sendo, escolhemos partilhar as atividades relacionadas com a história “A Lagartinha Muito Comilona” e o jogo da “Roleta dos Ofícios” que exploraram as áreas do Conhecimento do Mundo, Matemática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Seleccionámos ainda uma terceira proposta - “Brincando com as Profissões” que explorou as Artes Visuais juntamente com a Matemática.

Iniciaremos a apresentação de cada uma destas três propostas com um quadro síntese das atividades convocadas em cada uma delas, bem como com um mosaico no qual partilhamos imagens das várias fases da sua concretização.

2.1 Atividades de Artes Visuais como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar

2.1.1. A Lagartinha Muito Comilona

Quadro 4 - Atividades desenvolvidas no âmbito da exploração da história “A Lagartinha Muito Comilona”

Atividades	
A9	Leitura da história “A Lagartinha Muito Comilona”
A10	Reconto da história através de uma lata
A11	Construção de um cartaz com os alimentos saudáveis e não saudáveis
A12	Realização da Lagartinha em estampagem com batata
A13	Lagartinha de Pratos
A15	Construção dos Fantoches da história “A Lagartinha Muito Comilona”
A16	Jogo dos Sentidos
A17	Confeção de Salada de Fruta
A18	Gráfico acerca da história “A Lagartinha Muito Comilona”
A19	Balde Feliz e Balde Triste
A20	Dramatização da peça “A Lagartinha Muito Comilona”
A21	Ficha de Trabalho acerca da história “A Lagartinha Muito Comilona”
2.ª Intervenção – Dias 16, 17 e 18 de outubro	

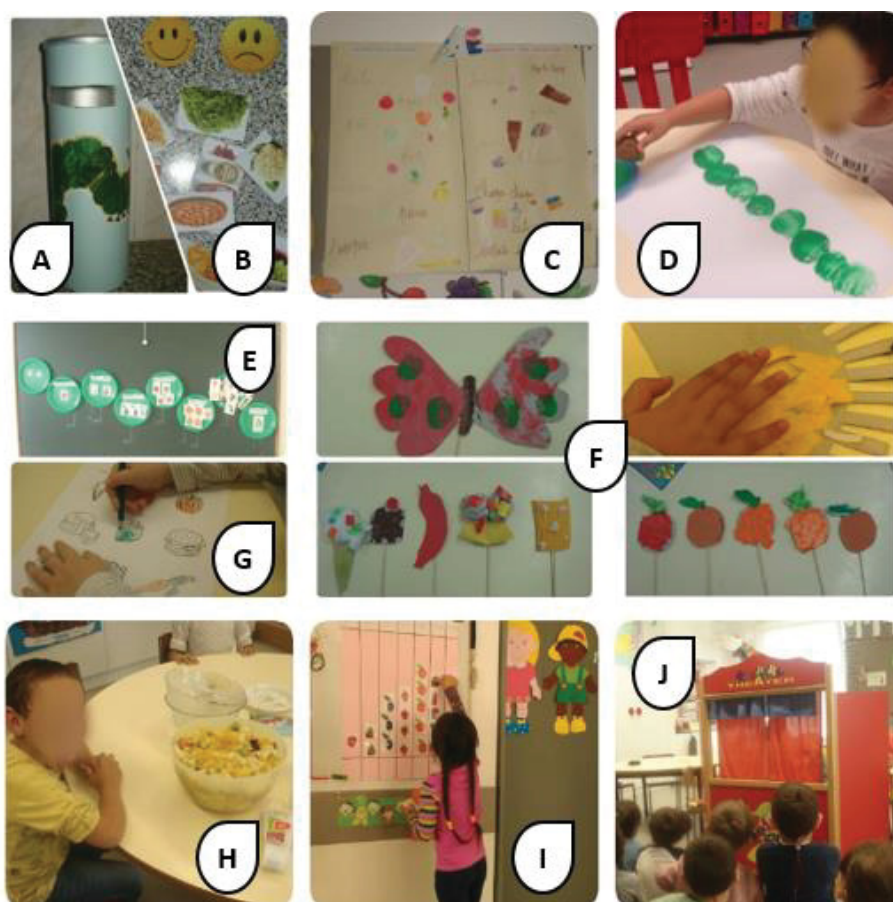


Figura 2 - “Lagartinha Muito Comilona”

A – Reconto da história através da Lata; **B** – Cartões do jogo “Balde Feliz e Balde Triste”; **C** – Cartaz dos alimentos saudáveis e não saudáveis; **D** – Estampagem da Lagartinha com carimbos de batata; **E** – Lagartinha construída com pratos; **F** – Construção dos Fantoches; **G** – Ficha de trabalho sobre a alimentação; **H** – Confeção da salada de fruta; **I** – Pictograma da história da “Lagartinha Muito Comilona” e **J** – Dramatização da peça da “Lagartinha Muito Comilona”.

Área Foco das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área de Expressão e Comunicação - Domínio de Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais

Áreas Associadas das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita
- Área do Conhecimento do Mundo
- Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

Faixa Etária das Crianças

- 3 aos 6 anos de idade

Recursos

- História “A Lagartinha Muito Comilona”;
- Lata com os cartões da história;
- Papel de Cenário;
- Lápis de Cor;
- Tintas Guaches;
- Folhas Brancas;
- Batatas;
- Pratos de Plástico de cor Verde;
- Frutas;
- Pincéis;
- Tesoura;
- Lápis de Carvão;
- Cola.

Pré-Requisitos

Para que as atividades sejam enriquecedoras para as crianças é necessário que estas tenham vontade de aprender e sejam crianças curiosas. Desde modo, tirámos partido das noções que as crianças tinham acerca da alimentação e acrescentámos, ao longo das atividades, mais conteúdos a estes que já estavam previamente definidos. Tendo como fio condutor a história da “Lagartinha Muito Comilona”, realizámos diferentes atividades interligadas entre si.

Objetivos, Capacidades/ Competências

- Desenvolver o raciocínio lógico e espacial;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Realizar pequenas dramatizações;
- Desenhar alimentos;
- Realizar contagens;
- Iniciar a abordagem à escrita;
- Desenvolver os sentidos do tato, olfato e paladar.

Desenvolvimento da Proposta

Todas estas atividades tinham como objetivo comum o estudo da alimentação. Assim sendo, procurámos desenvolver, ao longo da intervenção, um conjunto de 12 atividades que explorassem essa temática. Iniciámos a nossa aventura com a leitura da história da “Lagartinha Muito Comilona” e fizemos depois o seu reconto através da lata da Lagartinha. Posto isto, construímos um cartaz para colocar no refeitório da escola com duas colunas: uma que continha alimentos saudáveis e outros alimentos não saudáveis. Para construir este cartaz, foi pedido a cada criança que desenhasse numa folha branca um alimento saudável e um outro não saudável e que depois pintasse e recortasse os seus desenhos. Outra atividade realizada foi a estampagem da Lagartinha com carimbos feitos com batatas. Utilizámos tinta de guache de cor verde e uma imagem de cada um dos alimentos que a personagem da história havia comido durante a semana.

Para recordar a história da “Lagartinha Muito Comilona” utilizámos uma nova estratégia, desta vez, usámos pratos de plástico de cor verde e formámos o corpo da Lagartinha. Dentro de cada prato, as crianças colocaram por ordem os alimentos que a personagem foi comendo durante a semana.

Posto isto, passámos à fase de construção dos fantoches da história, recorrendo ao uso de diversos materiais (lápiz de cor, lápis de cera, pontas de feltro, guaches, algodão, lixa, cotonetes, rolhas, diferentes tipos de papel, etc.) e técnicas (cotonete, espelho, dedo, pincel, colagem, etc.) para produzir todos os fantoches de mão necessários para encenar a história.

Depois disso, para explorarmos os sentidos do paladar, olfato e tato, realizámos um jogo dos sentidos. Para tal, à vez, as crianças com os olhos vedados tentavam adivinhar qual o alimento que tinham nas mãos através dos sentidos. Para aproveitar alguns destes alimentos, confecionámos uma salada de fruta, que foi partilhada com todo o grupo.

De forma a registar toda esta informação da história de uma maneira diferente, construímos um pictograma através do qual procurámos desenvolver o raciocínio lógico através da exploração dos dias da semana e as quantidades fazendo contagens termo a termo dos alimentos consumidos pela Lagartinha.

Uma outra atividade que realizámos foi a dramatização da peça a “Lagartinha Muito Comilona” com os fantoches de luva que as crianças haviam construído. Assim sendo, nós adultos íamos contando a história e um grupo de crianças, à vez, por detrás do fantocheiro, ia fazendo surgir as personagens conforme o que a estagiária ia contando.

Por fim, executámos duas atividades que serviram de avaliação para a estagiária. Por conseguinte, realizámos uma ficha de trabalho que pedia para colorir somente os alimentos saudáveis e jogámos o jogo do “Balde Feliz e do Balde Triste”. No contexto deste jogo, distribuámos pelas crianças dois cartões, à sorte, com imagens de alimentos, e elas tinham que coloca-los nos respetivos baldes, feliz ou triste, consoante os alimentos fossem saudáveis, ou não.

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

As atividades poderiam ser desenvolvidas tendo por base outro fio condutor, como por exemplo uma outra história que falasse acerca da alimentação. E mesmo as atividades desenvolvidas poderiam ser elaboradas de forma isolada, uma vez que estas possuíam, por si só, objetivos enriquecedores para as crianças.

Reflexão acerca da nossa Proposta

Achámos que as atividades decorreram de forma positiva e foram bem aceites pelas crianças. As atividades não foram desenvolvidas todas no mesmo dia o que

facilitou a apreensão dos conteúdos por parte das crianças, uma vez que tínhamos mais tempo disponível para explorar cada uma delas. Todas as atividades tiveram como fio condutor a história da “Lagartinha Muito Comilona” e desta forma conseguimos abordar um pouco de cada área de estudo, através das diferentes atividades proporcionadas. Assim sendo, podemos afirmar que as atividades proporcionaram diferentes emoções e sensações, como por exemplo: o reconto da história através da lata tornou-se num momento divertido, pois a lata, em forma de Lagartinha, dava a entender que a personagem estava mesmo a comer os alimentos que as crianças colocavam na sua boca; a construção dos fantoches através de diferentes técnicas de Artes Visuais transformou-se num momento de partilha e interajuda, pois todas as crianças estavam a trabalhar para o mesmo objetivo; como também a confeção da salada de fruta tornou-se num momento de partilha e de alegria por podermos ser nós próprios a confeccionar algo “sozinhos”; e a dramatização da peça da “Lagartinha Muito Comilona” com as personagens que tínhamos construindo anteriormente, fez com que sentíssemos felizes e orgulhosos vendo um fruto do nosso esforço, trabalho e dedicação, ao longo daqueles dias.

Em suma, consideramos que fomos capazes de aproveitar e retirar todas as aprendizagens possíveis de todas as atividades que desenvolvemos acerca da alimentação. Apesar da tenra idade das crianças, estas foram capazes de distinguir, no final da nossa intervenção, um alimento saudável de um alimento não saudável, o que para nós foi motivo de grande alegria. Neste particular, o facto de termos convocado as Artes Visuais em algumas das atividades em causa assumiu-se como um aspeto muito positivo pois, ao mesmo tempo que as crianças exploraram os conteúdos específicos desta área, aumentaram a sua motivação pela sua aprendizagem.

2.1.2. Roleta dos Ofícios

Quadro 5- “Roleta dos Ofícios”

Atividade	
A64	Atividade “Roleta dos Ofícios”
4.ª Intervenção – Dia 29 de novembro	



Figura 3 – “Roleta dos Ofícios”

A - Apresentação da Roleta; B – Sorteio dos cartões das profissões; C e D - Rodagem da Roleta; E - Apresentação da profissão em Fantoches; F - Dobragem do chapéu do Polícia; G - Desenho no quadro da profissão e H - Audição da canção.

✚ Área Foco das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área de Expressão e Comunicação - Domínio de Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais

✚ Áreas Associadas das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área do Conhecimento do Mundo
- Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

+ Faixa Etária das Crianças

- 3 aos 6 anos de idade

+ Recursos

- Roleta;
- Caixa com adereços acerca das profissões;
- Fantoches de Vara com as 6 profissões;
- Folhas brancas;
- Giz;
- Quadro para desenhar.

+ Pré-Requisitos

Para realizarmos esta atividade era necessário que as crianças tivessem uma noção das profissões que existem e os utensílios/caraterísticas que os mesmos utilizam na sua vida profissional. Para tal, esta atividade surgiu como uma avaliação da estagiária para com as crianças depois de ter abordado a temática das profissões com elas.

+ Objetivos, Capacidades/ Competências

- Desenvolver memória auditiva a partir de canções;
- Desenvolver a linguagem corporal através da mímica das profissões;
- Desenvolver a linguagem oral a partir da apresentação dos fantoches associados à temática das profissões;
- Realizar dobragens simples;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Realizar pequenas dramatizações;
- Desenhar um objeto/caraterística que represente uma profissão.

+ Desenvolvimento da Proposta

Foi apresentado às crianças o recurso da roleta dos ofícios no tapete, em grande grupo. Foi depois explicado que cada divisão da roleta abordava uma temática diferente da área das Expressões Artísticas. Assim sendo, tínhamos uma sacola com 6 imagens de profissões, nomeadamente, o polícia, o bombeiro, a professora, o jardineiro, a médica e o padeiro. Desta forma, quando a criança rodava a roleta e lhe saía a primeira divisão,

ouvíamos uma das canções do álbum *Sónia e as Profissões*, que se relacionava com a profissão do cartão sorteado.

Se ao rodar a roleta saísse a segunda divisão, realizávamos a mímica relacionada com a profissão. Para ajudar as crianças, levámos uma caixa com adereços das diversas profissões presentes na roleta.

Se ao rodar a roleta saísse a terceira divisão, tínhamos que apresentar o nosso fantoche de vara relacionado com a imagem que nos calhou e a partir dele apresentar aquela profissão realçando, por exemplo, as características da respetiva profissão. É importante mencionar que só a criança que rodava a roleta é que apresentava o seu fantoche, enquanto as restantes tentavam adivinhar qual a profissão em causa.

Ao sair a quarta divisão da roleta, a criança que rodava realizava a dobragem de um objeto que se associasse com a profissão que lhe havia calhado, por exemplo, uma flor simbolizava a profissão do jardineiro, um chapéu a profissão de polícia e bombeiro e um lápis a profissão de professor.

Por último, se ao rodar a roleta saísse a quinta divisão, a criança em jogo tinha que fazer um desenho, no quadro, alusivo à respetiva profissão. Para isso podia desenhar um objeto ou alguma característica desta profissão para que as outras crianças conseguissem adivinhar qual a profissão representada.

É de salientar que só uma criança de cada vez é que rodava a roleta e realizava a atividade correspondente, enquanto as restantes tentavam adivinhar a profissão ou ouvir a música em conjunto.

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

A roleta poderia ser explorada para outras temáticas uma vez que os cartões que estavam em cada divisão eram destacáveis e podiam ser trocados por outros, alusivos a outros diferentes conteúdos.

Reflexão acerca da nossa Proposta

Consideramos que a atividade foi apelativa, dinâmica e suscitou muita curiosidade nas crianças, pois foi uma atividade diferente que não estavam acostumadas a vivenciar.

As crianças acharam-na divertida porque puderam aprender coisas novas acerca das profissões, através de atividades muito diversificadas.

Achamos que as cores, as imagens e todo restante material associado à atividade estavam atrativos, o que chamava a atenção das crianças, apesar de ter sido uma atividade realizada no tapete. É importante salientar que na nossa turma tínhamos

crianças que frequentavam pela primeira vez o Jardim-de-Infância e, como ainda não tinham adquirido totalmente as regras da sala, foi difícil abordar esta atividade com elas, pois estavam muito excitados com todo o aparato criado à volta da roleta. Para além do entusiasmo à volta da roleta, estavam também inquietos para apresentar os fantoches de vara.

Em suma, podemos concluir que esta atividade permitiu-nos explorar com muito sucesso os conteúdos relacionados com as profissões, propósito que tínhamos em mente para a nossa quarta semana de intervenção. Estamos em crer ainda que, o facto de termos convocado as expressões artísticas, em especial as Artes Visuais, se assumiu como uma mais-valia para a nossa prática pedagógica. As crianças demonstraram enorme motivação na realização das várias tarefas e, o facto de lhe termos associado uma componente lúdica, foi um fator importante na sua motivação e na sua aprendizagem dos conteúdos em causa.

2.1.3. Brincando com as Profissões

Quadro 6 – “Brincando com as Profissões”

Atividade	
A70	Atividade “Brincando com as Profissões”
4.ª Intervenção – Dia 30 de novembro	

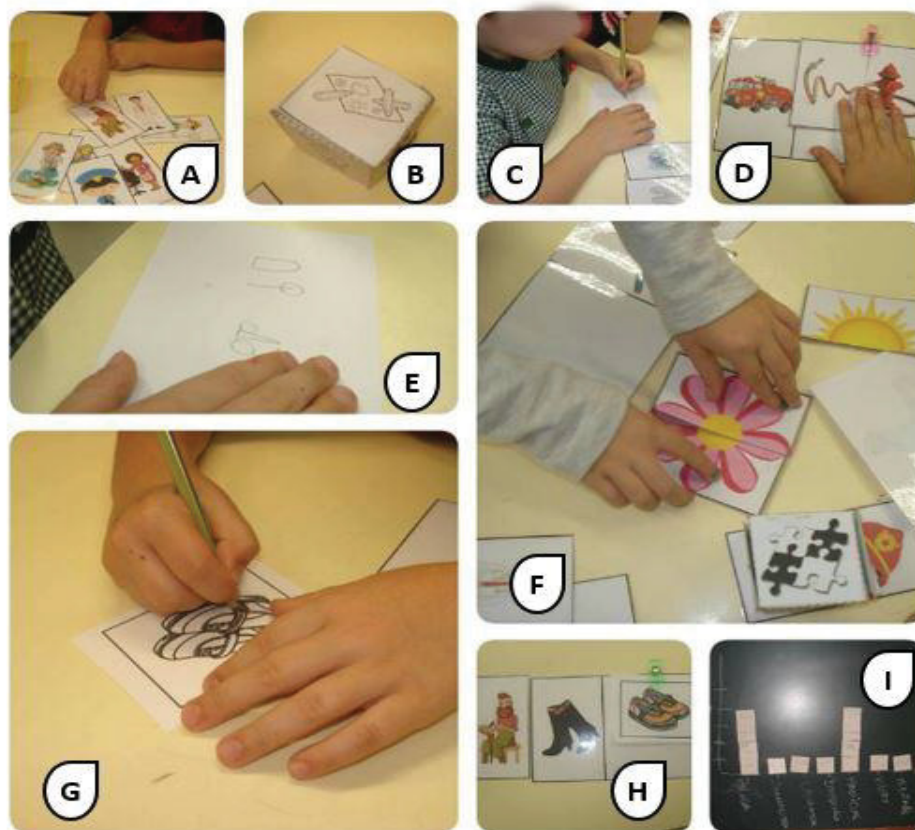


Figura 4 - "Brincando com as Profissões"

A - Procura do profissional nos cartões; B - Lançamento do dado; C e E - Desenho do objeto da profissão; D – Construção do Puzzle; G - Pintura do objeto relacionado com a profissão; H - Cartão final da atividade; I - Pictograma das Profissões;

✚ Área Principal das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área de Expressão e Comunicação - Domínio de Educação Artística – Subdomínio das Artes Visuais

✚ Área Associada das Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

- Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática

+ Faixa Etária das Crianças

- 3 aos 6 anos de idade

+ Recursos

- 12 Cartões com Profissões plastificados;
- Quadro;
- Giz;
- Papel de Plastificar;
- Lápis de cor;
- Lápis de carvão;
- Peças de puzzle;
- Pregadeiras;
- Cartões para o pictograma;
- Cubo;
- 12 Cartões para colorir;
- Folhas em branco.

+ Pré-Requisitos

Para realizar esta atividade as crianças tinham de ter uma noção das profissões que existem e dos utensílios/caraterísticas que os mesmos utilizam na sua vida profissional.

+ Objetivos, Capacidades/ Competências

- Estabelecer uma associação entre a profissão e os seus acessórios;
Desenhar acessórios relacionados com a profissão;
- Construir um pictograma;
- Explorar os dados apresentados no pictograma;
- Identificar qual a profissão que teve um maior/menor preferência por parte dos alunos no pictograma;
- Contar o número de alunos que escolheu cada uma das profissões do pictograma;
- Realizar contagem termo a termo (associar o número abstrato com o número de cartões representados em cada coluna do pictograma);
- Construir puzzles simples;
- Colorir acessórios associados às profissões.

Desenvolvimento da Proposta

Esta atividade, numa primeira fase, consistia em realizar a associação entre cartões com a temática das profissões. Assim sendo, num cartão tínhamos a imagem de um profissional e num segundo cartão a imagem de um objeto que este utilize no seu dia-a-dia. A criança tinha que retirar um cartão à sorte, no qual constava o objeto da profissão, e encontrar posteriormente, nos cartões visíveis, o profissional que realizava o seu trabalho com aquele utensílio. Depois, lançavam o dado e viam o que lhes calhava fazer numa segunda fase da atividade. No dado poderia sair: a construção de um puzzle, a realização de um desenho ou a pintura de uma imagem alusiva ao tema das Profissões, que era comum a todos os desafios.

Por outras palavras, se ao lançar o dado saísse o puzzle, a criança tinha que montar um puzzle de duas peças onde estava apresentado um dos objetos utilizados pela profissão. Se ao lançar o dado lhe saísse o desenho, a criança tinha que desenhar um utensílio que representasse a profissão presente. Por fim, se ao lançar o dado saísse colorir um desenho, a criança tinha que pintar um dos desenhos onde estava apresentado uma imagem de um objeto que se relacionava com um profissional do jogo.

Por último, de forma a concluir a atividade, realizámos um pictograma no quadro com o grupo todo, no qual onde constavam as profissões que os mais pequenos gostariam de ter quando fossem grandes.

É importante referir que esta atividade era para ser explorada em pequeno grupo (no mínimo 2 pessoas e no máximo 5 pessoas).

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

Os cartões construídos para esta atividade poderiam ser explorados para a realização de um jogo de memória, em que, num cartão, teríamos a profissão e no outro o objeto que se relacionasse com a mesma. Os puzzles, por sua vez, poderiam ser trabalhados isoladamente.

Reflexão acerca da nossa Proposta

Na nossa opinião, consideramos que a implementação da atividade correu bem e o facto de ser realizada inicialmente só com um grupo mais restrito de crianças deu a possibilidade de ver as capacidades e limitações de cada criança em particular. Consideramos que os cartões estavam com um tamanho adequado pois eram de fácil manuseamento e não provocavam transtorno às crianças aquando da exploração dos mesmos. Inicialmente, quando idealizámos esta atividade não tínhamos pensado realizar

um cubo para a definição da tarefa a realizar, mas quando estávamos a construir o recurso sentimos a necessidade de o introduzir para que as crianças não tivessem sempre a tendência de escolher o que achassem mais fácil de realizar ou então as suas atividades preferidas. Desta forma, aleatoriamente, todas as crianças poderiam explorar mais que uma técnica de trabalho.

No fim da atividade, decidimos realizar um pictograma com o grupo todo sobre as profissões que as crianças gostariam de ter no futuro, para que pudéssemos fazer uma pequena exploração acerca dos dados apresentados no pictograma e, por sua vez, perceber se as profissões escolhidas pelas crianças tinham sido influenciadas pelas profissões que estavam presentes na atividade. Como pudemos constatar, as profissões que as crianças adiantaram para o pictograma não foram só as que estavam apresentadas no recurso e isso deu-nos a possibilidade de ver que aquelas aprenderam, não só as profissões que estavam nos cartões, como também todas as outras profissões que estivemos a explorar durante toda a semana de trabalho.

Em suma, podemos afirmar que as crianças gostaram de realizar esta atividade, principalmente quando saía no cubo a atividade do puzzle. Tal como aconteceu no balanço que fizemos nas atividades anteriores, voltamos a realçar que o facto de termos convocado algumas técnicas de plástica no contexto da atividade em causa acabou por revelar-se uma mais-valia, quer do ponto de vista da mobilização dos conteúdos e das técnicas específicas desta área, quer na motivação que desencadeou nas crianças aquando da sua realização. Entendemos que esta se assumiu, uma vez mais, como uma excelente forma de comprovar a aquisição dos conteúdos por parte das crianças.

Por outras palavras, as Artes Visuais voltam a revelar-se um excelente facilitador de aprendizagens, não apenas dos seus conteúdos específicos, mas também dos conteúdos das demais áreas e domínios curriculares.

3. As Artes Visuais aos Olhos dos Educadores de Infância

Uma vez apresentada e refletida a nossa ação educativa, desenvolvida no nosso Estágio Pedagógico I, no contexto da Educação Pré-Escolar, com especial realce para algumas das atividades em que foi convocada a área que decidimos aprofundar neste Relatório, entendemos ser o momento de partilhar as opiniões e representações dos Educadores de Infância entrevistados acerca do lugar das Artes Visuais nas suas práticas pedagógicas diárias.

Começando por explorar as questões que se prendem com a formação profissional, e na sequência das conversas que tivemos com os nossos entrevistados, oito destes confirmaram que, ao longo da sua formação inicial, lhes foram transmitidos conhecimentos e competências profissionais dentro do subdomínio das Artes Visuais. Neste ponto de vista, a Educadora Anabela adiantou o seguinte:

Sim, o programa do curso de Educação de Infância permitia extravasar os conteúdos programáticos de forma globalizante e transversal, sendo fundamental a dedicação e a criatividade demonstrada pelos alunos, de forma a alcançar com sucesso os objetivos definidos (Educadora Anabela).

Pelo contrário, a Educadora Gilberta afirma que não lhe foram fornecidos conhecimentos na área e reforça a aprendizagem que foi fazendo ao longo do seu percurso profissional, tal como se verifica no excerto que de seguida transcrevemos.

Não, os conhecimentos adquiridos durante a formação são muito gerais, no exercício da nossa prática profissional vamos aperfeiçoando estratégias e adequando diferentes técnicas à faixa etária e capacidades das crianças a que se destinam (Educadora Gilberta).

Do conjunto de Educadores entrevistados, somente seis educadoras referiram que sentiram necessidade de desenvolver ou até mesmo aprofundar estes conhecimentos, após terem terminado o curso. A Educadora Carlota chega mesmo a partilhar que, durante toda a sua vida profissional e pessoal, tem investido e explorado a área artística nas diferentes vertentes e das mais variadas formas, exaustivamente, uma vez que “pensa ARTE”.

Com a Educadora Filipa a necessidade de novas aprendizagens veio a alterar-se ao longo dos tempos, tal como podemos confirmar, no excerto da sua entrevista que se segue:

Após a finalização do meu curso não senti nenhuma necessidade de desenvolver ou aprofundar! Contudo, passados alguns anos, já frequentei diferentes formações, as quais acho de extrema importância para me atualizar, para me manter ativa e não cair na rotina (Educadora Filipa).

Quando questionámos as entrevistadas acerca da importância das Artes Visuais no desenvolvimento das crianças, todas as Educadoras de Infância afirmaram, de forma unânime, que esta era importantíssima na vida dos mais pequenos, uma vez que possibilita a prosperidade da imaginação, a criatividade, a concentração, entre outras competências. Nos excertos que se seguem, damos voz às opiniões adiantadas pelas Educadoras Anabela e Filipa:

Sim. Na verdade, a promoção deste subdomínio é crucial nesta etapa de desenvolvimento da criança, na medida em que permite desenvolver aptidões relacionadas com o sentido

estético, com a criatividade, com a motricidade fina, o desenvolvimento da atenção dirigida para a tarefa, o aperfeiçoamento da figura humana e, sobretudo, o manuseio de diferentes materiais e técnicas (Educadora Anabela).

Na minha opinião, é de extrema importância. As crianças na idade de creche e pré-escolar adoram materiais novos, que lhes permitam explorar e criar e tendo por base as artes visuais podemos trabalhar com as crianças as diferentes áreas de conteúdo. A criança brinca, explora e aprende! (Educadora Filipa).

Todas as Educadoras de Infância admitiram que dedicavam momentos para as Artes Visuais durante a semana, no entanto, estas apresentaram diferentes especificações. A Educadora Emília diz que não tem um dia específico para trabalhar as Artes Visuais, uma vez que esta pode ser explorada todos os dias, como também uma a duas vezes por semana, dependendo sempre das temáticas que se estão a trabalhar no grupo.

Nos excertos que se seguem, partilhamos outras opiniões sobre este mesmo particular.

Sim, quase todas as atividades que são desenvolvidas em contexto de sala envolvem o subdomínio das artes visuais. Em relação ao tempo que dispenso acredito que possa depender cerca de 10-15 horas semanais. (Educadora Anabela)

Dedico, mas não tenho horas nem dias definidos, depende muito dos temas a desenvolver (Educadora Filipa).

Sim, numa sala de jardim-de-infância, durante as atividades orientadas, exploramos muito a área das Artes Visuais... quase todos os dias (Educadora Gilberta).

Recorro à área das Artes Visuais, praticamente numa base diária, seja na aplicação de atividades dirigidas e/ou livres. Normalmente, durante o período da manhã (Educadora Joana).

Logo, podemos concluir que a duração, em média, de cada atividade de Artes Visuais é variável consoante a técnica a aplicar, se é uma atividade dirigida ou livre, se é em grande ou pequeno grupo, sendo muito dependente do interesse, capacidade e concentração da criança. Segundo algumas opiniões que recebemos, uma atividade muito prolongada acaba por desmotivar a criança tornando-a mais agitada.

Por ser turno, ao perguntarmos às Educadoras se planificavam momentos de Artes Visuais com antecedência, todas responderam que sim. Pois, como exclamou a Educadora Anabela, a planificação das atividades surgem como momentos de reflexão prévia. Já a Educadora Emília considera ser importante planificar estes momentos de Artes Visuais antecipadamente, para perceber que materiais vai necessitar e se tem esses mesmos materiais disponíveis na sala. A Educadora Filipa partilhou connosco que aa

suas planificações são elaboradas mensalmente realizando um reajuste durante o mês, caso seja necessário.

Dentro ainda da prática educativa diária das Educadoras, quisemos saber que tipo de atividades desenvolviam com as crianças e quais os materiais que utilizavam. Mais uma vez, a resposta foi unânime, realçando-se a exploração de técnicas como: a modelagem, a rasgagem, o recorte, a colagem, a digitinta, a pintura, o desenho livre com diferentes materiais, a pintura ao som de música de diferentes estilos, a visualização de diversificadas imagens/obras (de pintura e escultura). A Educadora Carlota distinguiu-se pela sua resposta, adiantando-nos um conjunto de estratégias dignas do nosso registo. Nas suas palavras, assumiu realizar “projetos dentro e fora da escola e com outras escolas (incluindo secundárias), visitas de estudo a museus e galerias; workshops; arte-terapia; convites a artistas e artesãos, ilustradores, escritores, músicos etc; mostra de livros de artistas plásticos célebres, conversas sobre as suas vidas e elaborar trabalhos sobre eles; desenhar na rua e em vários ambientes; exposições e muita diversidade de atividades e técnicas...”.

No que respeita aos materiais utilizados, responderam que recorriam, principalmente, a materiais de baixo custo, não só por uma questão financeira, mas também para ser inculcado nas crianças desde cedo as questões ambientais e de poupança. Todavia, para além dos materiais mais tradicionais - lápis de cor, lápis de cera, pontas de feltro - as Educadoras referiram utilizar também a plasticina, a massa de farinha, cartolinas, papel de cenário, algodão, giz, tintas de guache, como também o próprio corpo da criança. As Educadoras de Infância assumiram que optam, sempre que possível, por suportes de pintura de maiores dimensões para que as crianças tenham um maior espaço para realizarem movimentos livres.

À pergunta se as Artes Visuais deveriam ser exploradas de forma isolada ou articulada das restantes áreas curriculares, todas as Educadoras responderam que este subdomínio deveria ser explorado de forma articulada com as diferentes áreas de conteúdo, uma vez que, é uma área transversal, tornando assim a aprendizagem mais rica e significativa. Nas suas palavras,

Deve ser articulada porque dará às crianças uma visão mais integrada e natural da arte e do facto de esta estar dentro de todos nós, das mais variadas formas. Aprendemos muito mais partilhando e conversando sobre as nossas formas de ver o mundo e de contactar livremente com ele e também aprendemos a descobrir potencialidades, a valorizar os outros e a respeitá-los (Educadora Carlota).

Na minha opinião, acho que, sempre que possível, devemos trabalhar de forma articulada, para que as aprendizagens das crianças sejam mais significativas. As crianças aprendem melhor quando, numa atividade, conseguem interligar as diferentes áreas (Educadora Emília).

Articulada, pois acredito que todas as áreas contribuem para a construção do saber (Educadora Hélia).

Ao questionarmos as Educadoras acerca das atividades desenvolvidas em Artes Visuais terem, ou não, potencialidades educativas facilitadoras de desenvolver competências em outras áreas curriculares, a resposta mais uma vez foi coincidente a todas as interrogadas. Todas as entrevistadas consideram que o subdomínio das Artes Visuais possuem competências pedagógicas importantes no desenvolvimento das outras áreas de conteúdo, pois as crianças, através dela, sentem-se mais motivados e predispostos a aprender conteúdos novos. Como confirmação do que foi dito, transcrevemos as citações das Educadoras, Bárbara e Filipa.

Sim, visto que através de atividades de expressão podemos trabalhar com as crianças diversos conteúdos sem nos cingirmos a livros e a atividades de pergunta resposta, em que se apela maioritariamente à memória. Como as crianças em idade pré-escolar, na sua maioria, não sabem escrever, podemos apelar às Artes Visuais, ou seja, podemos pedir às crianças que realizem desenhos sobre diversas temáticas nas quais expliquem os conhecimentos que estamos a trabalhar (Educadora Bárbara).

No meu entender as atividades de Artes Visuais são um grande facilitador e impulsionador para todas as outras áreas curriculares, porque quando cativam as crianças o tempo de exploração, a concentração e a capacidade de absorção dos conteúdos é muito maior (Educadora Filipa).

Depois de conhecermos as potencialidades das Artes Visuais, é tempo de procurar saber quais as limitações/dificuldades que os Educadores de Infância encaram aquando a exploração deste subdomínio. Assim sendo, de uma forma geral, as entrevistadas responderam que a ausência de materiais dentro da sala de atividades e, por sua vez, a falta de verbas para a aquisição deste mesmo material funcionavam como principais limitações. Para além destas razões, comuns à maioria das entrevistadas, foram mencionadas outras que entendemos interessante partilhar com o leitor. Os excertos que se seguem procuram dar conta desta realidade.

Pela minha experiência, talvez seja controlar o grupo de crianças durante a atividade. A verdade é que as crianças ficam radiantes quando realizamos atividades de Artes Visuais. No entanto, esse entusiasmo faz com que elas, muitas vezes, fiquem demasiado agitadas durante a atividade, pois querem aproveitar aquele momento ao máximo. Isso muitas

vezes acaba por gerar discussões entre as crianças, pois todas querem usar o mesmo material, o mesmo lápis, a mesma cor, o mesmo pincel e depois torna-se muito aborrecido para quem está a organizar a atividade ter que gerir esses conflitos todos ao mesmo tempo (Educadora Daniela).

Na minha experiência só encontro dificuldade quando o grupo não se interessa pela atividade, porque materiais ou espaços basta a criatividade de improviso (Educadora Isaura).

No meu entender, na Educação Pré-Escolar a maior limitação deve-se ao interesse ou envolvimento da criança naquele dia e naquele momento, pois as crianças com as quais já trabalhei sempre demonstraram gosto por esta área e assim não senti grandes dificuldades. No presente ano letivo, visto eu tenho crianças tão pequenas, sinto dificuldade em escolher atividades que as crianças possam desenvolver sem que haja grande “controlo” por parte do adulto (Educadora Hélia).

Todavia, as entrevistadas mencionaram o facto de alguns Educadores de Infância não utilizarem as Artes Visuais na sua prática letiva e as justificativas para esta situação foram: o desinteresse por parte do Educador e a falta de habilidades para esta área prática, a falta de formação e, por vezes, a dificuldade em controlar um grande grupo de crianças.

No entanto, para tentar contornar estas dificuldades, os Educadores referiram: investimento em formações de cariz Plástico, aumento das verbas monetárias para a compra de materiais para as salas de atividades e procurar ter sempre que possível um outro adulto dentro da sala na hora das atividades de Plástica para que este auxilie a Educadora aquando a realização de trabalhos em grande grupo. No relato que se segue, a Educadora Emília partilha uma solução encontrada para contrariar tais dificuldades.

É assim, como disse, às vezes a maior dificuldade é saber gerir uma atividade de Artes Visuais. No meu caso, eu nunca realizo uma atividade de Artes Visuais com todo o grupo de crianças. Tentei fazer isso no início e nunca dava certo, acabava sempre numa confusão. Sendo assim, a única forma que encontrei foi organizar pequenos grupos de trabalho constituídos por 4 ou 5 crianças e estas realizavam a atividade enquanto as outras brincavam nas áreas. Quando este grupo terminava seguiam-se outras 4 ou 5 crianças para fazer atividade, até todas terem conseguido fazer a atividade. É uma estratégia muito mais eficaz e conseguimos controlar tudo o que elas estão a fazer e evita muita confusão (Educadora Emília).

Por último, perguntámos às Educadoras de Infância quais os conselhos que dariam aos futuros Educadores relativamente à melhor forma de explorar o subdomínio das Artes Visuais na sua prática diária. As respostas das Educadoras, de uma forma geral,

incidiram em questões muito semelhantes. Ainda assim, partilhamos de seguida alguns dos seus relatos que anotámos como muito interessantes.

É crucial nesta etapa de crescimento profissional a reflexão sobre as práticas a implementar, sendo que o futuro Educador deve reavaliar o trabalho de autonomia pessoal sustentado na ação teórico-prática que já realizou até então e, a partir daí, delinear quais as suas maiores dificuldades e interesses (Educadora Anabela).

Iniciar com atividades mais simples, e gradualmente conseguir que as crianças criem alguma autonomia, levando depois a atividades mais complexas. Explicar sempre em grande grupo o que as crianças vão poder fazer e só depois trabalhar com pequenos grupos (Educadora Bárbara).

O primeiro conselho seria para planificar sempre as atividades de Artes Visuais, para perceber o que é que pretende com aquela atividade e se tem os meios necessários para a concretizar; outro conselho seria realizar a atividade em pequenos grupos de trabalho, pois com o grupo todo pode acabar por se gerar muita confusão; aconselharia também realizar atividades diversificadas e não fazer sempre as mesmas, pois as crianças acabam por se faltar e, por fim, aconselhava-o, sempre que possível, a interligar, nas suas atividades, a área das Artes Visuais com as outras áreas do currículo (Educadora Emília).

Para ter sempre em atenção as necessidades das suas crianças, para trocar ideias com os seus colegas sobre trabalhos já desenvolvidos, sobre a forma de implementar determinada atividade e até mesmo não ter medo de arriscar e realizar atividades novas e inovadoras, pois todas as experiências contribuem quer para a aprendizagem do Educador como da criança (Educadora Hélia).

Em suma, tendo em conta as opiniões e as representações das Educadoras de Infância entrevistadas acerca das Artes Visuais como lugar de aprendizagens na Educação Pré-Escolar chegamos à conclusão que estas valorizam muito este subdomínio. Assumem que promovem diariamente momentos de Artes Visuais com as crianças e sempre que possível articulados com as temáticas em estudo e, por sua vez, também com as diferentes áreas curriculares. Podemos ainda afirmar, que a maior parte das Educadoras entrevistadas procuram investir cada vez mais na área das Expressões, nomeadamente no subdomínio das Artes Visuais, visto que sentem necessidade de aprender novas técnicas e conhecer novos materiais para que possam proporcionar às crianças aprendizagens mais significativas e conhecimentos diversificados.

Concluída a análise e reflexão acerca do nosso estágio pedagógico na Educação Pré-escolar, que quisemos complementar com os dados que recolhemos junto das Educadoras que entrevistámos, interessa-nos avançar para um novo cenário de análise e usar da mesma metodologia para partilhar a ação educativa que desenvolvemos no

contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. É o que nos propomos fazer no capítulo que se segue.

Capítulo III

Estágio Pedagógico II
Em Contexto do 1.º Ciclo
do Ensino Básico



Capítulo III

Estágio Pedagógico II

Em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico



1. Práticas Educativas em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico
 - 1.1 Características dos Contextos de Intervenção
 - 1.1.1 O Meio
 - 1.1.2 A Escola
 - 1.1.3 A Sala de Aula
 - 1.1.4 A Turma
 - 1.1.4.1 As Dinâmicas da Turma
 - 1.1.5 Caracterização dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico Entrevistados
 2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico II – Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
 - 2.1 Atividades de Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico
 - 2.1.1 Um Presente para o “Super Pai”
 - 2.1.2 Uma casa nova para as Joaninhas
 - 2.1.3 Geometria Colorida
 3. A Expressão Plástica aos Olhos dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico



Estágio Pedagógico II: em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

1. Práticas Educativas em Contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Este capítulo terá a mesma estrutura do capítulo anterior e, à semelhança do que fizemos para o Estágio Pedagógico I, descreveremos o contexto em que decorreu o Estágio Pedagógico II no do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, contextualizaremos o meio, a escola, a sala de aulas e a turma, a partir da recolha de informação que foi realizada através da observação direta em contexto de sala de aula, de conversas informais com o Professor Cooperante e da consulta de diversos documentos, nomeadamente: os processos individuais das crianças, o Projeto Curricular de Escola (PCE), o Projeto Educativo de Escola (PEE) e o Plano Anual de Atividades (PAA).

Posteriormente, tendo em atenção ao Referencial Curricular para a Educação Básica na Região Autónoma dos Açores (CREB) e os programas de Português, Estudo do Meio e Matemática direcionados ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, apresentaremos um panorama geral de todas as atividades que foram realizadas ao longo do Estágio Pedagógico II, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, que serão acompanhadas devidamente por uma análise e reflexão. Por outro lado, os documentos que realizámos no decorrer do Estágio Pedagógico II, aquando das nossas intervenções, como as sequências didáticas e as reflexões/avaliações, permitirão fazer uma análise e reflexão mais concreta da nossa ação educativa neste contexto.

Por fim, iremos concentrar-nos no tema do nosso Relatório de Estágio, desta vez com as atividades efetuadas no Estágio Pedagógico II, para que seja possível estudar com maior pormenor a nossa temática de estudo. Para que a análise e a reflexão destas mesmas atividades seja mais fundamentada, reforçaremos a nossa apresentação com alguns contributos de autores da especialidade. Numa última parte, e à semelhança do que fizemos no contexto da análise do nosso capítulo anterior, incluiremos ainda os dados obtidos pelas entrevistas aos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a enriquecer a temática deste Relatório de Estágio, bem como adiantar uma visão mais real de como a Expressão Plástica é entendida por estes profissionais de ensino.

1.1. Características dos Contextos de Intervenção

1.1.1. O Meio

O Estágio Pedagógico II, efetuado no 1.º Ciclo do Ensino Básico, decorreu numa escola localizada na costa Sul da Ilha de São Miguel a que intitulámos de *Escola Verde*.

A freguesia onde se situava a escola confrontava com o mar e com pequenas freguesias ao seu redor.

Desde a segunda metade do século passado que esta freguesia era caracterizada por ter um elevado número de residentes, quer pela existência de uma grande quantidade de fogos em propriedade horizontal, quer pela construção de bairros nas zonas nascentes e norte da freguesia. Há uns anos atrás esta freguesia era uma área marcadamente industrializada, atualmente, é uma zona de residência, serviços e comércio.

Ainda na freguesia da *Escola Verde* situavam-se alguns serviços públicos, como o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (Delegação dos Açores), a Delegação Regional do Tribunal de Contas, o Tribunal, o Quartel dos Bombeiros, a Polícia, as escolas, as creches, os Lares que recebiam crianças provenientes de famílias com dificuldades socioeconómicas ou órfãs, os Bancos, os Correios, entre outros, todas estas instituições prestavam apoio social e cultural à cidade e à freguesia.

Esta realidade foi muito importante para o nosso estágio uma vez que, devido à proximidade da escola à cidade de Ponta Delgada, foi mais fácil realizarmos algumas visitas de estudo, como foi o caso da visita à Quinta da Associação de Surdos da Ilha de São Miguel, que teve como objetivo principal a exploração das plantas lá existentes. Conseguimos ainda convocar alguns recursos da comunidade, como foi o caso de uma atividade em que trouxemos, no âmbito da temática da Páscoa, uma pasteleira, com o objetivo de confeccionar um bolo de massa sovada, atividade que foi bastante participada pelos alunos.

1.1.2. A Escola

A *Escola Verde* foi construída na década de cinquenta, inicialmente com quatro salas de aula e posteriormente ampliada para oito salas. Desde 1985, o edifício construído para cantina tinha servido não só para as refeições, como de apoio a atividades letivas e outras, dado o aumento da população escolar desta freguesia e a necessidade de salas, tanto de apoio, como de necessidades educativas especiais ou aulas normais.

O edifício escolar P3, com oito salas de aula, ginásio e refeitório, entrou em funcionamento no ano letivo de 1983/1984 como uma secção anexa da ex-Escola Primária. Funcionavam neste edifício 8 salas, 4 do Jardim-de-Infância, 3 do 1.º Ciclo e 1 sala de socioeducativo, 2 salas de apoio, 2 salas de ensino especial, ginásio e uma cantina que servia só as crianças deste estabelecimento. Atualmente, no edifício de Plano Centenário funcionavam 7 salas do 1.º Ciclo, 1 sala de socioeducativo, uma sala de Professores e uma sala de biblioteca.

A *Escola Verde* era frequentada por um total de cento e setenta e oito alunos do 1.º Ciclo e sessenta e um do Jardim de Infância. Este número podia variar, pois a qualquer momento podiam receber ou perder alunos de e para outras escolas.

No que diz respeito ao corpo docente da escola, esta possuía cinco Educadoras de Infância, uma Educadora de Infância de apoio, que não tinha turma e acumulava a coordenação da escola, catorze Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quatro Professores do Ensino Especial e dois Professores de Apoio. Contava ainda com um Professor de Expressão Plástica, um Professor de Educação Físico Motora e dois Professores de Inglês, direcionados para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No que concerne, o corpo não docente, a escola possuía oito Assistentes Operacionais e uma Assistente Técnica. Também possuía seis funcionários ao abrigo de diferentes programas governamentais de inserção e qualificação profissional, nomeadamente, os programas Recuperar, Prosa e Fios.

Em relação ao horário de funcionamento da *Escola Verde*, a abertura dava-se às 8:30h pois, alguns Pais/Encarregados de Educação não tinham onde deixar os seus filhos logo ao início da manhã. No entanto, o horário efetivo das aulas era das 9:00h às 15:00h para a Educação Pré-Escolar e das 9:00h às 15:45h, em alguns dias, para os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.1.3. A Sala de Aula

A sala A, onde realizámos a nossa prática pedagógica no 1.º Ciclo do Ensino Básico situava-se no edifício escolar P3. Tinha um espaço amplo, com aproximadamente 121 m², e possuía grandes janelões ao redor de todo o espaço, o que proporcionava uma boa entrada de luz solar, reduzindo assim o gasto de eletricidade, tal como se pode verificar na imagem que se segue (ver Figura 5).

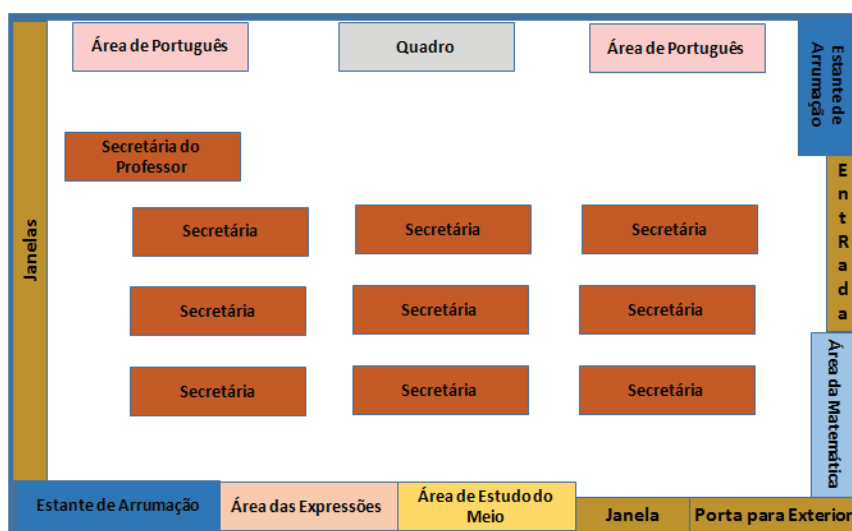


Figura 5 - Planta da Sala A do 1.º Ano

As mesas dos alunos encontravam-se dispostas em dois grupos, com três filas cada. Ao fundo da sala e na lateral de uma das paredes, podia-se encontrar estantes onde eram colocados os *dossiers* dos alunos, com as suas fichas e os trabalhos, manuais escolares e outros materiais diversos. Havia, ainda, várias mesas encostadas à parede, que serviam de apoio e onde eram colocados vários materiais.

Por sua vez, as paredes da sala estavam decoradas e organizadas por áreas de conteúdo. Sendo assim, para a área de Matemática podíamos encontrar cartazes com os números de 0 a 20 e com a leitura dos números por extenso, a tabela dos números, a moldura do dez, o esquema todo/partes, as “borboletas” com as várias decomposições dos números (do 0 a 10) e o cartaz das figuras e sólidos geométricos. Para além disto, na sala podíamos encontrar alguns recursos que podiam ser utilizados na abordagem da Matemática, nomeadamente, o ábaco, vários sólidos geométricos e diversos cartões do esquema todo/partes e da moldura do dez. Para a área do Português, existia um quadro silábico, o alfabeto ilustrado com imagens alusivas às letras e os cartões dos casos de leitura. Na zona destinada à área de Estudo do Meio, encontrávamos vários cartazes referentes à identificação da criança, os graus de parentesco, as divisões da casa, os itinerários, os animais domésticos e selvagens e as plantas. Por fim, na área destinada às

Expressões, encontrávamos na sala um espaço para fixar os trabalhos realizados como também alguns recursos de Expressão Plástica, particularmente, guaches, pincéis, bem como um lavatório que se encontrava à saída da sala, que podia ser utilizado para se recorrer ao uso da água em várias técnicas de pintura, higienização das mãos e limpeza dos materiais aquando da exploração de atividades de Expressão Plástica.

A sala não possuía um projetor fixo, sendo que era necessário requisitar um portátil e um dos constrangimentos que encontrámos na sua utilização era a dificuldade que tínhamos em arranjar um local para o fixar, visto que era necessário colocá-lo nas mesas dos alunos, sendo preciso desviar os pertences dos mesmos. A projeção ocupava todo o espaço do quadro o que nos levantava algumas dificuldades quando necessitávamos de escrever no quadro em simultâneo com a projeção.

1.1.4. A Turma

A turma com a qual desenvolvemos a nossa prática pedagógica referente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, o 1.º A era constituída por catorze alunos, sete do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades compreendidas entre seis e sete anos. Treze estavam matriculados no primeiro ano de escolaridade, pela primeira vez e um aluno matriculado no segundo ano, mas ao nível do primeiro. A turma do 1.º A da Escola Verde tinha como docentes: o Professor Titular de Turma, o Professor de Expressão Físico-Motora, a Professora de Inglês, a Professora de Educação Moral e Religiosa Católica, a Professora do Apoio Educativo, a Educadora do Núcleo do Ensino Especial (NEE) e a Professora integrada no projeto de dificuldades de aprendizagem no âmbito do Plano Integrado de Promoção ao Sucesso Escolar - ProSucesso.

No que respeita ao nível de desenvolvimento e aquisição de competências a turma apresentava uma heterogeneidade a nível de aprendizagens e de ritmo de trabalho. Alguns alunos revelavam dificuldades na disciplina de Português, no domínio da oralidade, da leitura e da escrita. Na disciplina de Matemática, tais dificuldades revelavam-se mais no domínio dos números e operações.

Desta forma, ao longo do nosso estágio, a nossa prioridade foi motivar os discentes para a importância do estudo, valorizando o seu espírito de iniciativa na realização das tarefas, apoiando, incentivando e valorizando a organização dos materiais, a implementação de trabalhos que estimulassem a criatividade e que tivessem um cariz prático, a realização de trabalhos de pesquisa orientados através do uso das tecnologias, a realização atividades/tarefas muito aproximadas do quotidiano dos

alunos, a valorização dos hábitos e métodos de trabalho, a motivação dos alunos para a leitura, a realização de exercícios de desenvolvimento da consciência fonológica, o acompanhamento das notícias em revistas e jornais (acontecimentos) para poderem refletir sobre as mesmas e tirarem ilações, atividades de promoção da escrita, a realização de tarefas e jogos que apelassem à abordagem concreto-pictórico-abstrato (CPA), tais como jogos de subtilização, tarefas com recurso a material concreto e manipulativo (ábaco, polydrons, moldura do dez, esquemas todo-partes, blocos lógicos, entre outros).

Neste âmbito, o nosso objetivo era consciencializar mais os alunos para que pudessem melhorar o seu empenho em tarefas Matemáticas e ter confiança nas suas capacidades pessoais, aprender Matemática com compreensão, construindo ativamente os novos conhecimentos partindo da experiência e dos conhecimentos que já possuíam, ser capazes de comunicar matematicamente através de formas variadas, tais como falar e escrever Matemática, mobilizar conhecimentos e procedimentos matemáticos na resolução de problemas, sendo perseverantes na procura de alternativas para ultrapassar dificuldades, cooperar com os outros e trabalhar em pares e em grupo.

A turma possuía quatro alunos que usufruíam de apoio educativo por revelarem um ritmo muito lento de trabalho, pouca autonomia na realização das tarefas e dificuldade na apropriação e aplicação de conhecimentos sobre os novos conteúdos trabalhados e muita falta de atenção e concentração. Um dos alunos que frequentava o apoio educativo estava matriculado, no segundo ano de escolaridade, mas a trabalhar os conteúdos do primeiro ano. Continuava a revelar muitas dificuldades de aprendizagem e encontrava-se sempre dependente dos outros para executar as atividades propostas em contexto de sala de aula. Foi visível que os três tempos de apoio educativo de quarenta e cinco minutos, por semana, eram insuficientes para que os referidos alunos pudessem colmatar as dificuldades apresentadas.

A turma possuía ainda um aluno integrado no Regime Educativo Especial que beneficiava de quatro blocos de noventa minutos por semana, de apoio pedagógico personalizado, um bloco de noventa minutos de natação e um tempo de quarenta e cinco minutos de terapia da fala e de arteterapia, respetivamente, de acordo com o seu Projeto Educativo Individual e o programa Socioeducativo.

A maioria dos alunos da turma apresentava um comportamento adequado ao contexto de sala de aula, à exceção de três discentes que eram muito conversadores, agitados e conflituosos. Verificavam-se certas lacunas ao nível do “Saber Ser” e do “Saber Estar”, não cumprindo muitas vezes as regras de sala de aula estabelecidas. Na

tentativa de superar e solucionar as situações diagnosticadas, foram implementadas diversificadas estratégias e adotados diferentes métodos que visassem incentivar, nestes alunos, o gosto pela aprendizagem.

No que diz respeito à assiduidade e pontualidade, considerava-se a turma bastante satisfatória, considerando que as ausências dos alunos estavam todas atempadamente e devidamente justificadas.

1.1.4.1. As Dinâmicas da Turma

Na ordem de trabalho que se segue, de seguida apresentaremos as dinâmicas da turma A do 1.º ano e a importância destas mesmas dinâmicas uma vez que, na nossa opinião, estas têm sido cada vez mais desvalorizadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, o nosso objetivo principal era incentivar os alunos a terem melhores hábitos de estudo de forma a melhorar os seus desempenhos escolares.

É importante referir que a turma respeitava o horário escolar estabelecido pela escola, no que dizia respeito às disciplinas de Português, Matemática, Estudo do Meio, Cidadania, Inglês, Expressão Físico Motora e Expressões Artísticas. No entanto, é de salientar que a turma cumpria estritamente o horário nas disciplinas ditas fixas como era o caso da Educação Físico Motora e do Inglês. As restantes áreas curriculares, apesar de terem horas definidas, podiam ser alteradas conforme as necessidades da turma, tendo até a possibilidade de se optar por uma metodologia interdisciplinar através da qual se trabalhavam diversificadas áreas de estudo interligadas. Contudo, era necessário ter em conta os tempos dedicados a cada área de estudo, uma vez que devíamos cumprir os tempos formais que estavam estipulados no currículo.

No quadro a seguir apresentado, podemos verificar o horário da turma da forma que este foi estabelecido pela escola, considerando a proposta de organização do currículo entendida pelo Professor Titular (ver quadro 7).

Quadro 7 - Horário da Turma A do 1.º Ano

	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
9:00 – 9:45	PORT	PORT	PORT	MAT	MAT
9:45 – 10:30	MAT		EFM		
10:30 – 11:00	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
11:00 – 11:45	MAT	EFMNC	PORT	PORT	PORT
11:45 – 12:30	EST. MEIO	MAT	EST.MEIO	INGLÊS	EFM
12:30 – 13:30	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
13:30 – 14:15	EXPRESSÕES	EST.MEIO	MAT	PORT	PORT
14:15 – 15:00		INGLÊS		EST.MEIO	CIDADANIA
15:00 – 15:45		EST. MEIO		EXPRESSÕES	

O quadro apresenta-nos o horário da turma, no qual se encontram representadas as dinâmicas do grupo de alunos. No entanto, por vezes, no decorrer das nossas intervenções pedagógicas, alterávamos o horário conforme as necessidades dos alunos e optávamos por recorrer a estratégias de natureza interdisciplinar, dando uma maior primazia às Expressões Artísticas. Optámos por socorrer-nos da interdisciplinaridade porque esta “aparece como intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas tendo como resultado um enriquecimento recíproco” (Pombo, 1994, citando Piaget, 1972, p. 10).

Ao trabalharmos a interdisciplinaridade conseguimos obter uma maior abrangência no que diz respeito à monodocência, considerando que “um único professor consegue gerir o tempo de forma mais eficaz e articula mais facilmente os saberes entre as várias disciplinas” (Oliveira, 2014, p. 1).

1.1.5. Caracterização dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico Entrevistados

Depois de caracterizados os contextos onde se desenvolveu a nossa ação pedagógica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, consideramos ser importante também caracterizar os dez Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico entrevistados, que fizeram parte do nosso estudo empírico. O principal objetivo destas entrevistas era tentar perceber quais as opiniões e representações dos Professores do 1.º Ciclo acerca da Expressão Plástica como lugar de aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dados que recolhemos através das entrevistas efetuadas serão apresentados após a reflexão sustentada e fundamentada das nossas atividades, desenvolvidas no contexto do Estágio Pedagógico II, com a turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

É importante salientar que tivemos em conta um conjunto de critérios aquando da escolha dos entrevistados, com o propósito de obtermos uma amostra diversificada, no que diz respeito à idade dos entrevistados, ao tempo de serviço e o ano de escolaridade com que trabalhavam na altura. No quadro que se segue, procuramos dar conta desta realidade. (ver Quadro 8).

Quadro 8 - Caracterização dos Professores do 1.º Ciclo Entrevistados

Entrevistados	Idade	Tempo de Serviço (Anos)	Ano de Escolaridade
António	50	10	4.º Ano
Beatriz	39	17	2.º Ano
Cristiano	45	26	2.º Ano
Diana	25	1	2.º Ano
Elisa	56	34	3.º Ano
Fernando	42	18	1.º e 2.º Anos
Glória	31	9	1.º Ano
Helena	42	20	4.º Ano
Irene	36	13	2.º Ano
Júlia	32	6	1.º Ano

Com o mesmo objetivo que norteou o nosso estudo no contexto da Educação Pré-escolar, procurámos saber mais acerca dos nossos entrevistados em especial, certos aspetos referentes à sua formação inicial, nas áreas das Expressões Artísticas, nomeadamente no subdomínio da Expressão Plástica, assim como as suas opiniões acerca da importância desta área no contexto da sua ação educativa.

No que respeita à sua formação inicial, a maior parte dos entrevistados, à exceção de apenas dois deles, considera que, de uma forma geral, exploraram e desenvolveram aptidões na área da Expressão Plástica. Em absoluto desacordo está-a entrevistada Glória, que afirma que durante a sua formação inicial não lhe foram fornecidos os conhecimentos e as competências profissionais nesta área, uma vez que o que lhe foi pedido foi a realização de dois trabalhos, um em 2D e outro em 3D, e nada mais. Acrescentou, ainda, que não foram exploradas devidamente as técnicas de pintura e modelagem faltando assim uma contextualização com bibliografia e conhecimento teórico que posteriormente servisse para fazer uma transposição deste conhecimento para a prática. Ainda assim, e numa resposta quase unânime, assumiram que apesar de terem alguma formação inicial ao nível da Expressão Plástica, sentiram necessidade de aprofundar estas competências após terem terminado o curso.

Consequentemente, quando questionámos os entrevistados relativamente à importância do subdomínio da Expressão Plástica no desenvolvimento dos seus alunos, todos estes afirmaram que consideravam ser uma área muito relevante para o desenvolvimento de diversas competências.

Por fim, ao inquirirmos os Professores acerca da possibilidade desta área ser abordada de forma isolada ou articulada com as restantes áreas curriculares as respostas dividiram-se. Os entrevistados Fernando, Helena e Júlia, admitiram utilizar as duas formas de trabalho (isolada e articulada), os restantes afirmaram trabalhar a Expressão Plástica de forma articulada com as restantes áreas curriculares.

2. A Ação Educativa no Contexto do Estágio Pedagógico II – Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Concluída a caracterização do contexto educacional onde decorreu o nosso Estágio Pedagógico II, apresentaremos as diversas atividades que desenvolvemos. Para tal, seguiremos uma lógica em tudo semelhante àquela que utilizámos no capítulo anterior, quando nos debruçámos acerca do Estágio Pedagógico I.

Desta forma, e tendo por base o quadro que se apresenta de seguida (Quadro 9), centrar-nos-emos na descrição, análise e reflexão, acerca de todas as atividades realizadas ao longo das nossas cinco intervenções.

Quadro 9 - Atividades Desenvolvidas no Estágio Pedagógico II

Atividades			Área de Conteúdo							
Intervenção	Datas	Atividade	Português	Matemática	Estudo do Meio	Expressões Artísticas e E.F.M.				Cidadania
						Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical	Expressão Físico-Motora	
1.ª Intervenção	26 de fevereiro	A1	■							
		A2		■		■				
		A3		■		■				
	27 de fevereiro	A4			■	■				
		A5	■							■
	28 de fevereiro	A6	■							
		A7	■							
		A8			■		■			
2.ª Intervenção	12 de março	A9	■				■			
		A10	■							
		A11	■	■	■	■				
	13 de março	A12	■				■	■		
		A13		■						
		A14		■	■					
		A15		■	■					
		A16			■	■				■
		A17			■	■				■
		A18			■	■				
		A19			■	■				
		A20			■	■				
	14 de março	A21		■		■				
		A22	■							

		A23	■		■					
		A24	■							
		15 de março	A25		■		■			
			A26				■			■
			A27			■				
		16 de março	A28			■	■			
			A29	■						
			A30	■			■			
		19 de março	A31				■			
			A32							■
		20 de março	A33	■					■	
			A34			■	■			
21 de março	A35	■								
	A36			■						
3. ^a Intervenção	23 de abril	A37			■				■	
		A38	■		■					
	24 de abril	A39	■		■					
		A40			■			■	■	
		A41						■		
		A42	■							
A43			■	■				■		
4. ^a Intervenção	8 de maio	A44	■							
		A45							■	
		A46	■	■						
		A47		■		■				
		A48		■	■	■				
	9 de maio	A49	■				■			
		A50	■					■	■	
		A51	■							
		A52			■	■				
		A53	■		■					
	10 de maio	A54			■					
		A55	■	■	■					
		A56	■							
	11 de maio	A57	■							
		A58			■			■		
		A59		■						
	A60		■							
	14 de maio	A61		■						
		A62		■		■				
15 de maio	A63	■								
	A64			■						
	A65			■						
16 de maio	A66			■						
	A67	■						■		

5. ^a Intervenção	4 de junho	A68								
		A69								
		A70								
	5 de junho	A71								
		A72								
		A73								
	6 de junho	A74								
		A75								

Ao analisamos o quadro anteriormente apresentado, verificamos que foram desenvolvidas 75 atividades no Estágio Pedagógico II que fizeram com que as crianças tivessem a possibilidade de explorar diferentes áreas do currículo. Seguindo mesma lógica do quadro referente à Educação Pré-Escolar, também no quadro em análise assinalámos com um tom de azul mais escuro as competências que estiveram em foco em cada atividade e com um tom de azul mais claro aquelas que se lhes associaram, em conexões várias, estratégicas e muito enriquecedoras para as aprendizagens dos alunos que nos foram confiados.

Observando o quadro, de uma forma geral, verificamos que no decorrer do Estágio Pedagógico II foram executadas, com maior frequência, atividades que se inseriram nas áreas do Português e de Expressão Plástica. No entanto, convocámos esta última muitas das vezes, como área associada, para trabalhar as áreas de Português, Matemática e Estudo do Meio. Pelo contrário, as áreas de Expressão Dramática, Expressão Musical e Expressão Motora obtiveram, com grande pena nossa e por razões que nem sempre dependeram de nós, menos realce no nosso Estágio Pedagógico II.

Depois de feita a apresentação global do nosso quadro, consideramos importante apresentar de forma mais objetiva as atividades que achamos ter sido as mais relevantes e significativas ao longo desta caminhada. Deste modo, para que seja mais perceptível a ligação existente entre o quadro apresentado e a descrição das atividades que faremos de seguida, identificaremos cada uma das atividades descritas com o número correspondente ao quadro acima mencionado.

A **primeira intervenção** realizou-se entre os dias 26 e 28 de fevereiro e teve como conteúdos centrais a introdução da *letra J* e do *fonema ge/gi* na área do Português, as *figuras e sólidos geométricos* na área da Matemática e *a casa e as suas divisões* na área do Estudo do Meio. Assim sendo, iniciámos a intervenção a trabalhar conteúdos da área do Português, nomeadamente a introdução da letra J. Começámos por apresentar às crianças o jogo do envelope (A1) que consistia em fazer a ligação de imagens iniciadas

com a letra j às palavras destas mesmas imagens, escritas em letra manuscrita e de imprensa. Esse jogo apareceu na sala como fator supressa, aspeto que se revelou bastante apelativo e motivador para os alunos, tendo contribuídos para mantê-los em sintonia connosco e com a atividade. Outra atividade que devolvemos foi o jogo dos círculos (A5) que consistia em colocar, no chão, círculos com as letras/sílabas j, J, ja, je, ji ,jo, ju. À vez, cada criança dirigia-se a um círculo consoante uma palavra que dizíamos (por exemplo, se a palavra fosse jipe, a criança dirige-se para o círculo que continha a sílaba *ji*). Realizámos também o jogo das placas (A7) com as sílabas je, ji, ge e gi. Tinha o mesmo objetivo que o jogo anterior, mas com algumas *nuances*. Desta vez, todas as crianças participavam ao mesmo tempo e o jogo era com sílabas diferentes e muito parecidas na fonética o que dificultava a tarefa.

Na realidade, os jogos foram uma estratégia a que demos muita importância ao longo das intervenções, pois através deles conseguíamos abordar novos conhecimentos com as crianças, ou até mesmo consolidar conhecimentos já adquiridos com estratégias diferentes. Assumimos tal metodologia, cientes de que, tal como defendem Leite e Rodrigues, o caráter lúdico da aprendizagem é “a própria construção do conhecimento” (2001, p. 29). Deste modo, na sala de aula, a utilização de jogos educativos só trará vantagens. Também Abreu (2011) defende que, para além de tornarem as aulas mais apelativas, diversificadas, motivadoras e interessantes para os mais pequenos, “os jogos promovem uma atitude positiva perante a aprendizagem e, acima de tudo, encorajam a participação ativa dos alunos, aumentando a sua autoestima e confiança” (p. 4).

Posteriormente, demos lugar à área da Matemática. Começámos pela apresentação de um Power Point acerca das figuras geométricas e, posteriormente, explorámos as figuras geométricas presentes na sala. Foram distribuídas às crianças figuras geométricas do material dos Blocos Lógicos, a partir das quais foi feito o decalque (A3), no caderno diário, de cada figura, acompanhado pela associação do seu respetivo nome. Apostámos na utilização destes materiais pois, segundo Matos e Serrazina (1996), “ao dar aos alunos a oportunidade de experimentar a matematização através da manipulação de materiais não estamos apenas a fomentar uma actividade lúdica, mas estamos principalmente a criar situações que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstrato” (p. 23).

Como vimos, os conteúdos da área do Estudo do Meio foram abordados muitas vezes em simultâneo com o subdomínio da Expressão Plástica. Sendo assim, realizámos a construção do bairro da turma (A4) onde construímos moradias e apartamentos consoante o tipo de habitação de cada criança. Realizámos ainda o jogo da mímica (A8)

em que interligámos a área do Estudo do Meio e o subdomínio da Expressão Dramática. Neste jogo, era pedido para se realizar a mímica de uma tarefa que efetuamos em determinada divisão da casa e as crianças tinham que adivinhar que divisão da casa estaria em causa. Mais uma vez, procurámos apelar ao lúdico nas atividades realizadas pois, segundo Moura e Viamonte (2006), a “utilização de jogos em ambiente de sala de aula pode ser um recurso metodológico eficaz para consolidar conceitos e para promover motivação” (p. 4). Corroborando com esta ideia, Santos (2010) entende que “ao levar o lúdico para as escolas está-se promovendo algo diferenciado que ajuda os alunos a resgatar o prazer, mudar sua visão de escola e dar um novo sentido ao processo de aprendizagem” (p. 12). Nas suas palavras, os jogos “são as ferramentas indispensáveis para a criação de um ambiente criativo, diferente, inovador e significativo” (Santos, 2010, p. 12).

Ao fazermos uma reflexão acerca desta nossa primeira intervenção, verificamos que a utilização de materiais manipuláveis e de jogos na abordagem de novos conteúdos ou até mesmo na consolidação de conteúdos já adquiridos contribui para que a turma apresentasse um interesse pelas atividades e, no final, um desempenho positivo.

A **segunda intervenção** decorreu entre os dias 12 e 21 de março e teve como conteúdos principais a *introdução da letra S* no que se refere à área do Português, ao nível da área da Matemática inserimos os *números até 40*, com a realização de exercícios de comparação, ordenação, composições/decomposições e sequências numéricas até ao número 40. Em Estudo do Meio trabalhamos as festividades do *Dia do Pai*, da *Páscoa* e da *primavera*. No que diz respeito às Expressões, elaborámos atividades de Expressão Plástica, especialmente dedicados aos dias festivos em causa. No entanto, também nos servimos das Artes Visuais para explorar conteúdos de outras áreas curriculares.

No que se refere à área de Português iniciámos a intervenção com a dramatização da história “A Sara e o sofá” (A9), na qual nós encarnámos a personagem Sara no contar da história. Para treinarmos a grafia da letra s tínhamos uma tina de areia para praticar o grafismo e optámos pela areia para que as crianças pudessem ter contato com outros tipos de materiais. Como forma de consolidar o grafema S criámos um dominó (A10) com imagens e palavras iniciadas com esta letra. O jogo resumia-se a dar a cada criança uma peça de dominó e, no decorrer do mesmo, ela colocava a sua peça no quadro de forma a completar o dominó. Criámos ainda o “jogo do Stop” para a área de português (A23) que consistia em dar a cada aluno uma tabela já impressa com três colunas onde era pedido para escreverem um nome próprio, o nome de um animal e, por

fim, de um objeto, consoante a letra que fosse solicitada. Outro jogo que concebemos foi o “jogo das caixas dos grafemas”. Esta atividade consistia em entregar dois cartões a cada criança, com diferentes imagens, todas elas iniciadas com letras distintas. À vez, era pedido à criança que dissesse o nome da imagem e a colocasse na caixa correspondente à primeira letra da sua imagem. Socorremo-nos muitas vezes do lúdico porque “ao brincar as crianças vão-se apropriando dos conceitos que lhes permitem dar sentido ao mundo” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 35).

No que se refere à área de Matemática tivemos a introdução dos números naturais até 40, feita através de exercícios de comparação, ordenação e sequência numérica. Para tal, utilizámos uma apresentação em Power Point com uma história que abordava esses itens novos e recorremos às novas tecnologias, tal como aconselha Moderno (1992). Nas suas palavras, “os meios audiovisuais devem servir para ‘ensinar’, devem servir para criar situações de ‘aprendizagem’ e tudo isto num ambiente de ‘animação’ e participação.” (Moderno, 1992, pp. 98-99). Ainda dentro da área da Matemática, construímos um tapete dos “*Number Bonds*” (A13), cujo funcionamento se baseava em, à vez, cada criança lançar um certo número de sacos de areia para cima do tapete e contar quantos sacos ficava em cada parte. Consequentemente, tínhamos que completar o esquema dos “*Number Bonds*”, o todo (que representava o número total de sacos em cima do tapete) e as partes (representadas pelo número de sacos que estavam em cada parte do tapete, cuja cor indicava um determinado número).

No que diz respeito às figuras geométricas, seleccionámos uma atividade de cariz matemático e plástico. Ou seja, decidimos fazer um cartaz em papel de cenário (A21) com duas personagens: a Sara e o Santiago, personagens estas que estavam desenhados apenas com figuras geométricas. Nesta atividade era pedido que, a pares, fosse feita a pintura das duas personagens com diferentes técnicas e materiais de Expressão Plástica. Ainda dentro das expressões e da Matemática decidimos realizar com as crianças a decoração dos ovos da Páscoa, na condição de estes serem ornamentados com diferentes padrões coloridos. Estas duas últimas atividades foram realizadas em grupos de duas pessoas. Tínhamos notado uma ausência quase total de interajuda na turma e quisemos reforçar este aspeto, até porque, tal como defendem Matos e Serrazina (1996) o trabalho de grupo nas aulas “pode ajudar a promover mais reflexão, mais discussão entre alunos e mais atividades de resolução de problemas, promovendo assim uma mudança da natureza das actividades que tradicionalmente têm sido dominantes na aula” (p. 149).

Em relação à área de Estudo do Meio tivemos a comemoração das já referidas festividades. Assim sendo, tivemos a vinda de um romeiro à sala para dar o seu

testemunho dos seus oito anos de caminhadas em prol da sua fé (A16) e ainda tivemos a construção de uma dezena (um utensílio semelhante a um terço, muito utilizado nas romarias, com o qual se rezam apenas 10 Avé Marias e um Pai Nosso - A17) com materiais dissemelhantes do habitual. Tivemos ainda a vinda de um pasteleiro à sala de aulas para ajudar na confeção do tradicional folar da Páscoa (A27) e a produção de uma mesa Pascal com ingredientes alusivos à época.

Por fim, na área das Expressões mais propriamente na Expressão Plástica, tivemos a construção da oferta do Dia do Pai e do respetivo postal. A oferta foi um individual de secretária (A11) que comportava diferentes áreas de estudo e diferentes técnicas de Expressão Plástica, a saber: a estampagem da mão da criança em tinta guache, o desenho a lápis de carvão do pai, a colagem do calendário de 2018 e da fotografia do aluno, o recorte de imagens, letras e palavras, que a criança considerava serem importantes utilizar para homenagear o pai, bem como a pintura da base com uma técnica de pintura abstrata com formas curvas. Ainda dentro da Expressão Plástica tivemos a construção de mobiles alusivos à Primavera (A34), que serviram para decorar a nossa sala de aula, e a construção das tradicionais cestas da Páscoa (A28), que serviram para as crianças levarem amêndoas para casa.

Depois de uma reflexão acerca desta intervenção, podemos afirmar que, enquanto decorreu, procurámos utilizar, sempre que possível, a integração curricular nas várias atividades, para proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa. Esta integração passou por articular todos os conteúdos a desenvolver a um tema chave, de modo a desencadear as atividades para toda a semana de intervenção. Para abordar os conteúdos com as crianças foi necessária a utilização de diferentes estratégias. Como sabemos, existem crianças com diferentes níveis de aprendizagens e, tal como defende Henrique (2011), para que estas consigam ter sucesso, é necessário utilizar estratégias diversificadas. Nas suas palavras, “esta é uma preocupação importante numa escola que tem de ser para todos, constituindo um interessante desafio aos professores” (p. 170). Na mesma linha de pensamento, Sammons, Hillman e Mortimore (1995, citados por Lima, 2008) defendem que “os alunos progridem mais quando os seus professores são sensíveis aos seus estilos de aprendizagem e identificam os estilos de ensino e as estratégias que se adaptam a eles” (p. 205).

A terceira intervenção teve lugar nos dias 23 e 24 de abril e como conteúdos a explorar com os alunos tivemos, ao nível do Português a *introdução da letra H*, a consolidação dos *números até 40* no que diz respeito à área da Matemática e *as plantas*

aliadas à comemoração do *dia da Liberdade (25 de abril)* e ainda a celebração do *Dia Mundial do Livro* na área de Estudo do Meio.

Começamos a nossa intervenção com a visita de estudo à Quinta da Associação de Surdos da Ilha de São Miguel (A37). Realizamos a nossa visita com o intuito de irmos à descoberta do ambiente natural – os seres vivos no seu ambiente, nomeadamente as plantas. Pretendíamos conhecer diferentes plantas, distinguir árvores de folha persistente e de folha caduca, relacionar frutos com a sua árvore de origem, conhecer as partes da planta, identificar as partes comestíveis em algumas plantas e reconhecer os cuidados a ter com estas. Optámos por realizar uma visita de estudo porque consideramos ser uma experiência rica para as crianças pois, tal como refere Monteiro (2002), as principais vantagens da realização das visitas de estudo prendem-se com a possibilidade de as mesmas promoverem a interligação entre a teoria e a prática, a escola e a realidade. Desta forma, esta será uma forma de as crianças não só ampliarem os seus conhecimentos relativos às plantas, mas também será uma oportunidade de conhecerem ambientes diferentes. Ainda na mesma linha de pensamentos, Zabalza (1998), refere que “as crianças constroem o seu conhecimento a partir do contato visual” e é por isso, que “nas crianças o olhar e o saber olhar está fortemente ligado à forma como elas aprendem a observar e a ver” (p. 103).

Ainda dentro do estudo das plantas, abordamos uma nova estratégia e utilizamos a canção da “Dona Árvore”, que nos fala das diferentes partes das plantas, para explorar o conteúdo em causa. Optámos por trabalhar uma canção com as crianças porque é importante estas terem contato com diferentes tipos de aprendizagens e, a cantar, as crianças também podem aprender. Tal como referem Gloton e Clero (1973), o Professor tem um papel fundamental no ensino da educação musical, na medida em que deverá “despertar a criança para a música [e] suscitar nela a vontade de cantar, de ouvir, de criar livremente (p. 181). Para além disso, ao explorarmos canções com as crianças, estamos também a contribuir para o desenvolvimento da sua linguagem, uma vez que ao trabalhar-se a música com os alunos, estamos a “ estimular a sensibilidade à entonação, ao ritmo, ao timbre e ao poder emocional da música”, mas também “a trabalhar o texto oral, o vocabulário, a pronúncia das palavras” (Chaer & Guimarães, 2012, p.77). Sendo assim, fez todo o sentido recorrermos à expressão musical, visto que a turma com o qual estávamos a trabalhar necessitava, na sua maioria, de desenvolver a sua oralidade.

Por conseguinte, tivemos a comemoração do Dia Mundial do Livro que se celebrava a 23 de abril. Neste contexto, tivemos um convívio coletivo entre diversas turmas e realizámos três ateliês que funcionaram em simultâneo e num formato rotativo,

para que todas as crianças pudessem passar pelas três atividades. Portanto, no ateliê que ficámos responsáveis por realizar, decidimos fazer a leitura da história “É um Livro” de Smith Lane, que nos falava de uma forma divertida e irónica sobre os prós e os contras de dois tipos de recursos, os livros e os computadores. A história apresentava quase duas formas diferentes de ver o mundo, e esta, por sua vez, foi contada através da interação entre duas personagens. Após a leitura da história construímos em grupo uma pequena lembrança do Dia Mundial do Livro para cada criança (A38). A lembrança foi um porta-chaves em formato de livro, razão pela qual voltámos a convocar a Expressão Plástica. Por fim, para encerrar a área do Estudo do Meio, tivemos a apresentação do *Power Point* acerca do 25 de abril – Dia da Liberdade, bem como a construção de um cravo em papel crespo, o símbolo deste dia comemorativo.

A nível do Português, introduzimos a *letra H* através do conto da história do “Henrique e a harpa”. Tal opção metodológica inspirou-se nos contributos de Marques (1997) que defende ser este um recurso que contribui “para o desenvolvimento da linguagem das crianças e para a compreensão do mundo físico e social” (p. 33).

Ao refletimos acerca desta intervenção, consideramos que esta foi muito curta para os conteúdos que tínhamos para explorar com as crianças. Portanto, achámos por bem dar mais realce a uma área de conteúdo em comparação com as outras. Neste caso, a área de Estudo do Meio ficou em franca vantagem, uma vez que esta era a que estava menos adiantada em comparação com as outras áreas. No entanto, conseguimos chegar às outras áreas de estudo, embora que mas de uma forma mais superficial.

A **quarta intervenção** ocorreu entre os dias 8 a 16 de maio e teve como conteúdos abordados a introdução dos casos especiais de leitura e escrita *ch, an, en, in, on, un, am, em, im, om, um, ans, ens, ins, ons, e uns* e a revisão de toda a *gramática* a nível do Português. Na área da Matemática, inserimos o conceito de *figuras equivalentes, metade e quarto, volta e meia volta*, como também abordámos as *áreas* das figuras e explorámos *as horas*. Em Estudo do Meio, trabalhámos as *formas dos objetos, o sabor dos alimentos, o cheiro e a textura* dos materiais.

No que diz respeito à área do Português, desenvolvemos muitas atividades de revisão gramatical e, para tal, construímos e realizámos diferentes tipos de jogos para que a revisão dos conteúdos não se tornasse num momento aborrecido, mas sim dinâmico e apelativo.

A leitura foi outra atividade que esteve muito presente nesta intervenção, pois considerámos muito importante que as crianças tivessem um maior contato com os livros para que conseguissem abrir novos horizontes e, por sua vez, aumentar o seu

leque lexical, pois através dos livros conseguimos aprender muitas coisas novas. Por conseguinte, decidimos criar na sala um espaço destinado à leitura destes mesmos livros, a que chamámos “O Cantinho da Leitura” (A51), pois como refere Mata (2008) esta é uma atividade essencial na educação e no crescimento das crianças, uma vez que promove “o desenvolvimento da linguagem, a aquisição de vocabulário, o desenvolvimento de mecanismos cognitivos envolvidos na selecção da informação e no acesso à compreensão” (p. 72).

Nesta linha de pensamento, realçamos que a leitura é importantíssima na nossa vida. Por esse motivo, e durante as nossas intervenções, apostámos muito nesta estratégia, quer individualmente, quer em grupo. Por esta razão, realizámos uma atividade de leitura de palavras em coro, conscientes de que, tal como afirmam Gomes e Cavacas (1991), que a leitura em coro este tipo de leitura permite “auxiliar os indivíduos, perante as dificuldades mecânicas da leitura literal; apoi[ar] os indivíduos tímidos ou mais inibidos emocionalmente; cri[ar] de mais oportunidades de práticas da leitura e contribu[ir] para um nivelamento do tom da leitura” (p. 113).

Por fim, para introduzir as sílabas *am*, *em*, *im*, *om* e *um*, confecionámos um pudim de ovos (A55) com o intuito explorar a sua receita, convocando as palavras que continham estas sílabas. Optámos por confecionar um pudim porque cozinhar com as crianças é uma atividade cheia de potencialidades educativas que dá a oportunidade destas saberem como a leitura pode ser usada para seguir uma receita e para seleccionar os alimentos. E, pouco a pouco, a criança aprende a reconhecer alguns produtos do uso corrente, olhando simplesmente para o nome da embalagem.

No que se refere à área da Matemática, tivemos revisões dos “*Number Bonds*” ou esquema todo-partes. Para tal, iniciámos com a leitura da história das Joanelhas e a sua hortênsia (A46). A história apresentava um grupo de joanelhas que haviam ficado sem casa, mas que conseguiram encontrar uma hortênsia para a substituir. No entanto, esta hortênsia possuía apenas dois quartos (duas folhas) e as joanelhas teriam de escolher em que quarto pretendiam dormir. Tendo por base as escolhas das joanelhas poderemos explorar as decomposições dos números até 20. Posto isto, passámos à construção do modelo do esquema todo-partes (“*Number Bonds*” – A47), em formato de hortênsia, para cada criança. Criámos, de seguida, as respetivas peças em formato de joanelhas para podermos explorar o recurso didático em causa. Estas foram confecionadas pelas crianças, com massa de modelar caseira (A48), promovendo uma vez mais a exploração da sua expressão de natureza plástica. Tanto nesta como noutras atividades em que esta área de conteúdo foi convocada, fizemo-lo com a perfeita noção

de que, tal como defende Reis (2003), “a expressão plástica implica um controlo de motricidade fina que se relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 183).

Ainda na área da Matemática tivemos a introdução do conceito de *figuras equivalentes, metade e um quarto* de uma figura para que pudéssemos entrar nas áreas das figuras própria ditas. Para tal, explorámos este conteúdo a partir de um painel (A59) com diferentes figuras com a mesma área. Através da composição e decomposição dessas figuras, chegámos à conclusão se estas eram equivalentes ou não e se possuem ou não a mesma área. Para concluir a área da Matemática introduzimos *as horas* a partir de um relógio (A61), em três dimensões, para que fosse mais fácil a aprendizagem por parte das crianças, e conscientes de que, tal como lembra Viamonte (2012), “a introdução de jogos pode motivar o aluno a abrir-se à aprendizagem da Matemática, pois o jogo é uma ferramenta que pode ser usada para tornar a aprendizagem mais divertida” (p. 27).

Em relação à área de Estudo do Meio, entrámos na unidade intitulada à *descoberta dos materiais e objetos – realização de experiências* com alguns materiais e objetos. Desta maneira, pretendíamos comparar alguns materiais segundo as suas propriedades simples, em relação à forma, cor, sabor, cheiro e textura. Para abordar as propriedades das cores construímos com as crianças um cartaz com as cores primárias e secundárias (A52). As cores secundárias surgiram a partir da junção de duas cores que cada criança tinha pintada na mão com tinta de guache. Por fim, para explorar as texturas dos materiais, tínhamos um painel com diferentes texturas, de entre as quais: macia, áspera, lisa e rugosa.

No fim da intervenção, verificámos que, de todas as estratégias implementadas nesta semana de intervenção, a criação do “Cantinho da Leitura” destacou-se pelo seu efeito muito positivo na turma, pois fez incutir na maioria dos alunos o gosto pela leitura e isto foi notório através dos livros que iam e vinham de casa. Como a nova área da sala estava a ter um grande impacto entre as crianças, todas as semanas trazíamos livros novos para o nosso “Cantinho”, para que este também ficasse cada vez mais rico.

A **quinta intervenção** foi realizada juntamente com o par pedagógico entre os dias 4 e 6 de junho. Como conteúdos a explorar tínhamos, ao nível do Português, introdução dos *casos de leitura br-cr-fr e bl-cl-fl*, como também a leitura e escrita de pequenos textos. Ao nível da área da Matemática, inserimos a *Organização e Tratamento de Dados (OTD)*, com a conseqüente exploração de diferentes tipos de

gráficos. No que se refere à área de Estudo do Meio, trabalhámos um pouco de tudo o que já havia sido estudado, fazendo assim uma revisão geral dos conteúdos programáticos desta área curricular. No que diz respeito às Expressões, elaborámos atividades de Expressão Plástica, em conciliação com as outras áreas de estudo.

Ao longo destes três dias de intervenção abordámos, no contexto do Português alguns casos de leitura, como acima referimos. Para tal, procurámos, sempre que possível, introduzi-los de uma forma mais lúdico-didática, conscientes de que, tal como adianta Pereira (2013), a associação das novas tecnologias, mais especificamente o jogo, promove o sentido crítico no aluno e a capacidade de autonomia, tornando-o um cidadão solidário e responsável no mundo em que vive. Foi neste sentido que explorámos o jogo do alfabeto, que consistia em colocar cartões no copo correto, consoante a letra que iniciasse as palavras que neles estavam escritas.

Entendemos que esta estratégia funcionou como uma mais-valia para a aprendizagem dos conteúdos em causa, e o material lúdico-didático utilizado assumiu aqui um grande protagonismo. Ao implementar tal estratégia, estávamos conscientes de que, tal como defende Zabalza (1998), estes materiais "ajudam os professores a responder aos problemas concretos que as diferentes fases dos processos de planeamento, execução e avaliação lhes apresenta" (p. 168).

Ao nível de Matemática, explorámos os *números naturais até 100* e introduzimos o tema da *Organização e Tratamento de Dados (OTD)*. Neste contexto, convocámos a Expressão Plástica para desenhar os frutos preferidos de cada criança e, posteriormente, para construir um pictograma com o objetivo de explorar os conceitos de “mais que”; “menos que”; “tanto como”; “o maior número”; e o “menor número”. Ao optarmos por esta que se revelou uma conexão muito feliz entre a Expressão Plástica e a Matemática, tínhamos em mente as naturais potencialidades desta área de expressão, que assumiu algum destaque ao longo do nosso estágio, e que se assume como atividade natural, livre e espontânea da criança” cujo principal objetivo consiste na “expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos” (Sousa 2003, p.160). Assim entendida, a exploração da expressão plástica contribui para o desenvolvimento, o equilíbrio e a satisfação dos alunos que nos foram confiados, pois assumiu-se como um meio de comunicação que lhe dava a oportunidade de exteriorizar e de representar a sua visão sobre o mundo, com base nas suas experiências e de uma forma livre e espontânea. Em síntese, e recorrendo uma vez mais aos contributos de Sousa (2003), realçamos que, nesta área, privilegia-se acima de tudo o ato de criar e não se pretende que as crianças realizem trabalhos que se assemelham a obras de arte, mas que tenham a

oportunidade de explorar os diferentes materiais e técnicas que lhes permitem libertar-se e satisfazer as suas necessidades (p. 160).

Dentro da área de Estudo do Meio, na sequência da já referida revisão feita nesta área, demos primazia a outros recursos para que as crianças pudessem ter contato com diferentes modos de trabalhar, tendo por base os mesmos conteúdos. Para podermos trabalhar com as crianças diferentes métodos apostámos na utilização das novas tecnologias, conscientes de que a aplicação destes recursos é uma mais-valia para todos nós. Neste particular, defendemos com Harmer, (2007, citado por Guerreiro, 2013. p.64), que “esta aplicação invadiu o mundo das apresentações e instalou-se na primeira fila. É uma ferramenta que permite mostrar conteúdos de forma dinâmica e interessante, pois possibilita a inserção de texto, imagem e ficheiros de áudio e vídeo, bem como hiperligações para documentos ou páginas da web”.

Ao fazermos um balanço desta última intervenção, verificámos que as crianças revelaram progressos ao nível da aquisição dos conteúdos em causa. Nem todos os alunos alcançaram os mesmos progressos, embora tivessem tido as mesmas oportunidades pois, como sabemos, cada criança é uma criança e cada uma tem o seu tempo de aprendizagem e é fundamental segundo Veríssimo (2014) “criar situações em que o aluno possa decidir o que fazer, de modo a retomar o sentido de controlo e autonomia no processo de aprendizagem” (p. 82).

Depois de apresentado o trajeto que percorremos ao longo do Estágio Pedagógico II, no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, resta-nos salientar que fazemos um balanço muito positivo das aprendizagens que adquirimos ao longo de mais esta experiência de formação.

Como sabemos, foi a primeira vez que tivemos a oportunidade de lecionar neste nível de ensino e, por esta razão, no início estávamos inseguros e nervosos, porque, na teoria, tínhamos todas as capacidades adquiridas através do nosso percurso escolar, no entanto, no que diz respeito à prática, esta é que nos trazia maior ansiedade e insegurança. Na realidade, inicialmente, conjugar a teoria com a prática, foi um bocadinho complicado, mas no decorrer do estágio, foi-se tornando mais fácil. Os próprios alunos foram-nos deixando cada vez mais “à vontade” e víamos que o que estávamos a explorar estava a ser compreendido por eles. Só isso, já nos ajudou a reforçar a nossa segurança.

Por outro lado, o Professor Titular de Turma também nos apoiou sempre. As suas constantes sugestões e conselhos, bem como as críticas construtivistas que nos fazia, sempre com o objetivo de nos ajudar a melhorar a nossa prática pedagógica, muito

contribuíram para enriquecer o nosso trabalho, aspeto que acabou por beneficiar também os nossos alunos.

Nesta ordem de ideias, e à semelhança do que fizemos no contexto do estágio anterior, apresentaremos de seguida algumas das atividades que desenvolvemos e que apelaram à temática que decidimos aprofundar no nosso Relatório de Estágio.

À semelhança do que fizemos aquando da nossa análise e reflexão acerca do Estágio Pedagógico I, as propostas selecionadas, para além de terem convocado a Expressão Plástica, também integraram outras áreas de conteúdo no momento da sua exploração.

As propostas que decidimos aprofundar foram: *“Um Presente para o “Super Pai”*” (A11, A30 e A31); *“Uma casa nova para as Joanelhas”* (A46, A47, A48, A59) e *“Geometria colorida”* (A21). A sua análise e reflexão apresenta-se no ponto que se segue.

2.1. Atividades de Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens no 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.1.1. Um presente para o “Super Pai”

Quadro 10 - Atividades Desenvolvidas no âmbito da Elaboração do Presente para o “Dia do Pai”

Atividades	
A11	Realização do individual de secretária
A30	Decoração do papel de embrulho da oferta do Dia do Pai
A31	Realização do postal do Dia do Pai

2.ª Intervenção – Dia 12, 16 e 19 de março

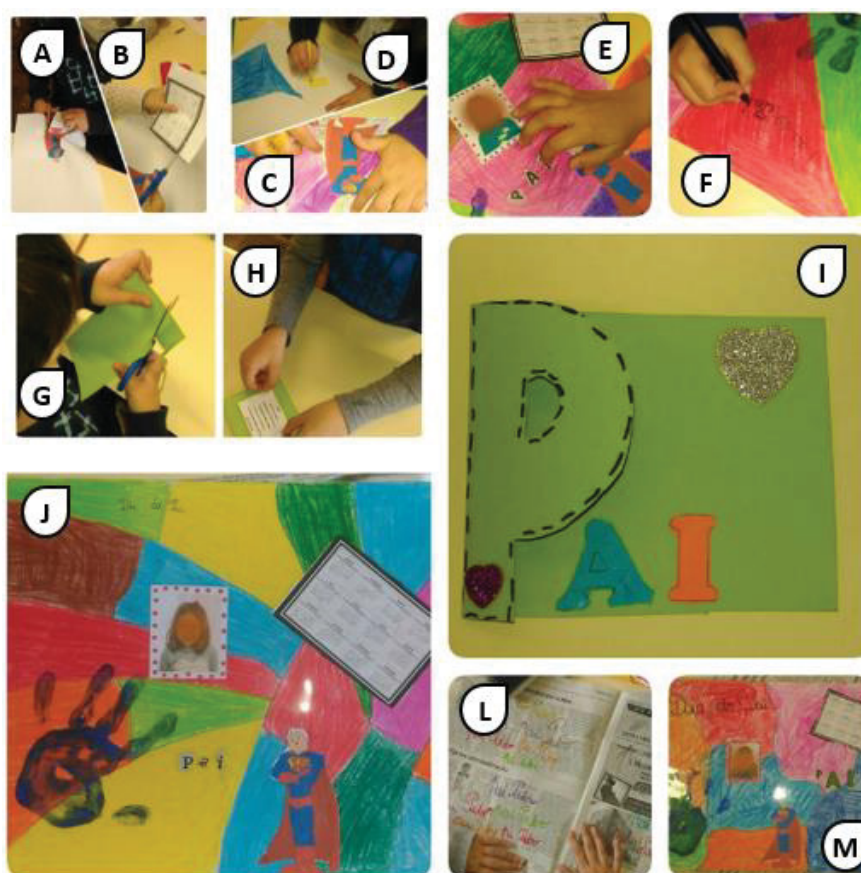


Figura 6 - Um Presente para o "Super Pai"

A – Recorte da figura do Super Pai; B – Recorte do Calendário; C – Colagem do Super Pai; D – Pintura do individual com a técnica de *pintura em linhas curvas*; E – Colagem da palavra Pai com letras do jornal; F – Escrita “Feliz Dia do Pai”; G – Recorte do Postal do Dia do Pai; H – Colagem do poema no Postal do Dia do Pai; I - Postal do Dia do Pai finalizado; J – Pormenor do presente do Dia do Pai (individual de secretária); L – Papel de embrulho do presente do Dia do Pai e M – Presente do Dia do Pai (individual de secretária) finalizado.

✚ Área Principal

- Expressões Artísticas – Expressão Plástica

Áreas Associadas

- Área do Português
- Área da Matemática
- Área do Estudo do Meio

Faixa Etária das Crianças

- 6 aos 7 anos de idade

Recursos

- Folha branca de tamanho A3;
- Lápis de cor;
- Pontas de feltro;
- Folhas de jornal;
- Cordel de rafia;
- Cartolina;
- Tesoura;
- Cola;
- Tintas de guaches;
- Calendário;
- Fotografia da criança;
- Imagem Super Pai;
- Lápis de carvão;
- Lâminas de plastificação.

Pré-Requisitos

Para realizar esta proposta é necessário muito tempo disponível porque as várias atividades são longas e necessitam de concentração e paciência por parte das crianças. São tarefas demoradas, tornando-se por vezes cansativas, principalmente quando se desenvolvem em áreas que não costumam ser exploradas com muita frequência. Por esta razão entendemos que o melhor seria dividir esta proposta em várias etapas com a realização de tarefas mais simples de uma forma faseada.

Objetivos, Capacidades/ Competências

- Utilizar diferentes técnicas e materiais de Expressão Plástica;
- Desenvolver a motricidade fina;

- Estampar a mão;
- Desenhar o retrato do pai;
- Reconhecer a fotografia do pai;
- Identificar as letras da palavra “pai”;
- Escrever a frase “Feliz Dia do Pai”;
- Consolidar os dias e meses do ano;

Desenvolvimento da Proposta

Numa folha branca de tamanho A3 efetuámos linhas curvas ao acaso e pintámo-las com diferentes cores, para tal, utilizámos lápis de cor. Depois de a folha estar totalmente colorida, foi a vez de recortar a nossa fotografia, que tivemos que identificar previamente. Recortámos depois o calendário e a imagem do Super Pai, que se encontrava inicialmente sem cabeça, para convidar a criança a desenhar o rosto do pai. Após estar tudo recortado, estampámos a mão da criança no individual com tinta de guache. Logo de seguida, pedimos às crianças que procurassem no jornal letras para construir a palavra pai.

No fim, com todos os itens já prontos, colámo-los no respetivo tabuleiro e escrevemos a ponta de feltro a frase “Feliz Dia do Pai”. Para que se tornasse num individual de secretária, mais resistente e duradouro, plastificámos o produto final.

Para finalizar, os alunos tiveram ainda a oportunidade de decorar uma folha de jornal, com palavras ou frases que, no seu entender, melhor caracterizavam e representavam a imagem que tinham dos seus pais. Esta folha de jornal toda escrita com palavras bonitas serviu para embrulhar, mais tarde, o presente do Dia do Pai. Mesmo antes de o embrulhar e atar com o cordel de rafia, estiveram ainda a recortar o respetivo postal, que foi também decorado com um poema e alguns corações.

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

Esta atividade revelou-se ser bastante versátil. Poderia, por exemplo, com alguns ajustes, ser utilizada para preparar um presente para o Dia da Mãe. No que respeita à sua utilidade, pode funcionar como um quadro de parede, uma base de proteção para a secretária de escritório ou ainda como individual de cozinha a ser utilizado pelo pai nas suas refeições diárias.

Reflexão acerca da nossa Proposta

As atividades desenvolvidas com a turma, na sua globalidade, correram muito bem e os alunos mostraram-se muito entusiasmados e com gosto por realizá-las. Foi uma proposta um pouco morosa, que exigiu bastante trabalho às crianças e, por essa razão, entendemos que deveria ser desenvolvida de forma faseada ao longo daquela intervenção. Depois do individual estar todo colorido, foi mais fácil terminá-lo. Ainda assim, achamos que, pelo facto de ter permitido convocar tantas técnicas de Expressão Plástica, uma área que tende a ficar esquecida na planificação semanal, valeu a pena todo o esforço que lhe foi dedicado.

As técnicas de Expressão Plástica que utilizámos nas várias fases desta nossa proposta foram acessíveis e as crianças corresponderam. Os materiais que usámos foram acessíveis e pouco dispendiosos, sendo que fizemos questão de reciclar uma boa parte deles, como foi o caso do papel de jornal, que estava arrumado na sala, sem qualquer uso. No que diz respeito ao recorte, algumas crianças demonstraram dificuldade em segurar a tesoura, principalmente quando era para recortar ângulos e elementos arredondados. No entanto, todas conseguiram recortar os itens para a oferta, algumas com a nossa ajuda. Relativamente ao desenho do rosto do pai, muitas crianças começaram por demonstrar dificuldades, assumindo-se incapazes de fazê-lo. Com o nosso incentivo, todas elas acabaram por fazê-lo, chegando mesmo a partilhar connosco o seu orgulho pelo resultado final conseguido. Neste contexto, sabemos que nem todas as crianças têm as mesmas habilidades, no entanto, defendemos que o importante é incentivar e valorizar o seu esforço.

Um aspeto importante a realçar foi o facto de algumas crianças não terem os pais por perto e acharem que estavam em desvantagem em comparação com os colegas em que esta situação não se verificava. Esta era, na realidade, uma questão que já tínhamos antecipado e para a qual, por ser bastante sensível, já tínhamos pensado numa solução alternativa. Às crianças que, por motivos vários, não teriam oportunidade de oferecer o presente ao seu pai biológico, foi-lhes sugerido que o fizessem para alguém que, em seu lugar, fosse especial para eles.

Em jeito de síntese, podemos adiantar que consideramos que a experiência em causa foi reveladora da forma como se podem convocar diversas técnicas de Expressão Plástica numa mesma proposta, procurando nunca subestimar as reais capacidades dos nossos alunos que, ao seu ritmo, foram ultrapassando os desafios expressivos de cada nova etapa. O produto final resultou do estilo pessoal de cada um e teve a sua marca

peçoal, aspeto que sabemos nem sempre acontecer. Ficou muito simples, mas muito autêntico e revelador da imagem que cada criança tinha do seu “Super Pai”.

2.1.2. Uma casa nova para as Joanelhas

Quadro 11 – “Uma casa nova para as Joanelhas”

Atividades	
A46	Apresentação da história das Joanelhas e a Hortênsia
A47	Construção do Esquema Todo-Partes (<i>Number Bonds</i>)
A48	Confeção Massa Modelar Caseira
A59	Exploração do Esquema Todo-Partes (<i>Number Bonds</i>)
4. ^a Intervenção – Dia 8 e 11 de maio	



Figura 7 – “Uma casa nova para as Joanelhas”

A – Apresentação da História das Joanelhas e a Hortênsia; B – Recorte da hortênsia; C – Técnica de *pintura com bolhas de sabão*; D – Pintura da hortênsia; E – Hortênsia já pintada com a técnica de *pintura com bolhas de sabão*; F – Técnica de *pintura soprada*; G – Técnica de *pintura com os dedos*; H – Preparação da massa de modelar caseira para moldar as peças em forma de joanelha e I – Exploração e registo do esquema todo-partes (*Number Bonds*).

Área Principal

- Expressões Artísticas – Expressão Plástica

Áreas Associadas

- Área do Português
- Área da Matemática
- Área do Estudo do Meio

Faixa Etária das Crianças

- 6 aos 7 anos de idade

Recursos

- Tintas Guaches;
- Água;
- Recipiente;
- Líquido da louça;
- Hortênsias impressas;
- Tesoura;
- Farinha;
- Palhas.

Pré-Requisitos

Na realização desta proposta temos de ter muito presente um fio condutor para que as crianças consigam perceber a lógica da atividade. Por esta razão, convém que esta seja iniciada com apresentação da história. Compreendido o contexto da história será mais fácil entender o esquema todo-partes (*Number Bonds*).

Objetivos, Capacidades/ Competências

- Utilizar diferentes técnicas e materiais de Expressão Plástica;
- Modelar usando apenas as mãos;
- Realizar decomposições;
- Antecipar conteúdos, através do contar da história;
- Recontar a história ouvida.

Desenvolvimento da Proposta

A nossa proposta consistia em explorar as decomposições dos números até 20. Iniciámos com a leitura da história das Joaninhas e da sua hortênsia. A história baseava-se na procura de um grupo de joaninhas por uma casa nova. Encontraram finalmente uma hortênsia onde decidiram morar, no entanto, esta só tinha dois quartos (duas folhas). Montado o cenário inicial, as joaninhas poderiam escolher em que quarto pretendiam dormir e, com base nas suas opções de escolha, na folha da direita ou na folha da esquerda, explorámos as decomposições dos números até 20. Compreendida a história, passámos à construção do modelo do esquema todo-partes (“*Number Bonds*”), em formato de hortênsia, para cada uma das crianças. Optámos por fazer o esquema em causa em formato de hortênsia uma vez que estávamos a trabalhar a *letra h* em Português e as plantas na área do Estudo do Meio. Depois criámos as peças em formato de joaninhas para podermos explorar o esquema todo-partes. Quer o esquema (hortênsia), quer as peças (as joaninhas), foram construídas pelas crianças, com recurso a diversas técnicas como o recorte, a pintura e a modelagem com massa caseira, respetivamente.

Para pintar o esquema, e para que atividade se tornasse mais rica para as crianças, optámos por convocar diferentes técnicas de Expressão Plástica, nomeadamente a técnica da *pintura soprada* e a técnica da pintura com bolhas de sabão.

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

Esta atividade poderia ser utilizada noutros contextos, pelas crianças, por exemplo, quando estas aprendessem, mais tarde, os números superiores a 20. Neste caso variava-se apenas o número de peças aquando da realização das respetivas composições e decomposições. As peças para exploração do esquema todo-partes (*Number Bonds*) poderiam ser substituídas por exemplo, por pedrinhas, botões, feijões ou grãos-de-bico, uma vez que não se degradam tão facilmente como as peças de massa de modelar caseira.

Reflexão acerca da nossa Proposta

No que diz respeito à realização da atividade, pudemos constatar que as crianças compreenderam a história e, após a audição do conto, identificaram que iríamos

trabalhar os “amigos do vinte” a partir dos quartos que estavam a ser simbolizados pelas folhas da hortênsia.

Quando passámos para a construção do molde da hortênsia, numa primeira instância, verificamos que os alunos tiveram muita dificuldade em recortar a hortênsia, o que nos levou a concluir que deveríamos investir ainda mais em atividades deste género, capazes de desenvolver a sua motricidade fina. Tal realidade deu-nos a entender que, eventualmente, aquando a sua frequência no jardim de Infância aquelas crianças não teriam tido muito contacto com as tesouras. Embora a hortênsia tivesse alguns ângulos um pouco complicados, o que podia dificultar o seu recorte, esta era uma atividade perfeitamente acessível a crianças desta idade.

Também quando passámos para a pintura da hortênsia, percebemos que as crianças desconheciam completamente as técnicas propostas e, ao referirmos que íamos colorir a flor, os alunos retiraram de imediato os lápis de cor e as pontas de feltro. Uma vez mais, ficámos com a sensação que as suas experiências no contexto desta área não seriam muito diversificadas, nem no que respeita às técnicas, nem no que respeita aos materiais.

As técnicas de pintura utilizadas eram de fácil execução. No entanto, era necessário muito fôlego para soprar, tanto na técnica da *pintura soprada*, como sopro com na técnica da *pintura com bolhas de sabão*. Tal dificuldade foi contornada através do trabalho em equipa, pois gerou-se uma onda de ajuda mútua da parte dos alunos, para que se pudessem colorir todas as hortênsias.

A concretização desta atividade permitiu-nos ter uma maior noção das dificuldades apresentadas pelas crianças ao nível da Expressão Plástica, principalmente ao nível do recorte e na experimentação de técnicas novas. Também identificámos algumas das recorrentes dificuldades na área da Matemática, essencialmente ao nível das decomposições de números até 20. Ainda assim, o nível de concretização possibilitado pelo recurso que se construiu contribuiu, em muito, para contrariar tais dificuldades.

Em jeito de conclusão, realçamos o sucesso alcançado pelos alunos e as potencialidades que verificámos no recurso construído em parceria com os alunos, que permitiu introduzir novos conteúdos e consolidar outros, experimentando, uma vez mais, uma feliz conexão entre a Expressão plástica e a Matemática. Outro dos grandes ganhos desta experiência foi a cooperação que houve entre todas as crianças da turma.

2.1.3. Geometria colorida

Quadro 12 - "Geometria colorida"

Atividade	
A21	Pintura- Geometria colorida
2.ª Intervenção – Dia 14 de março	

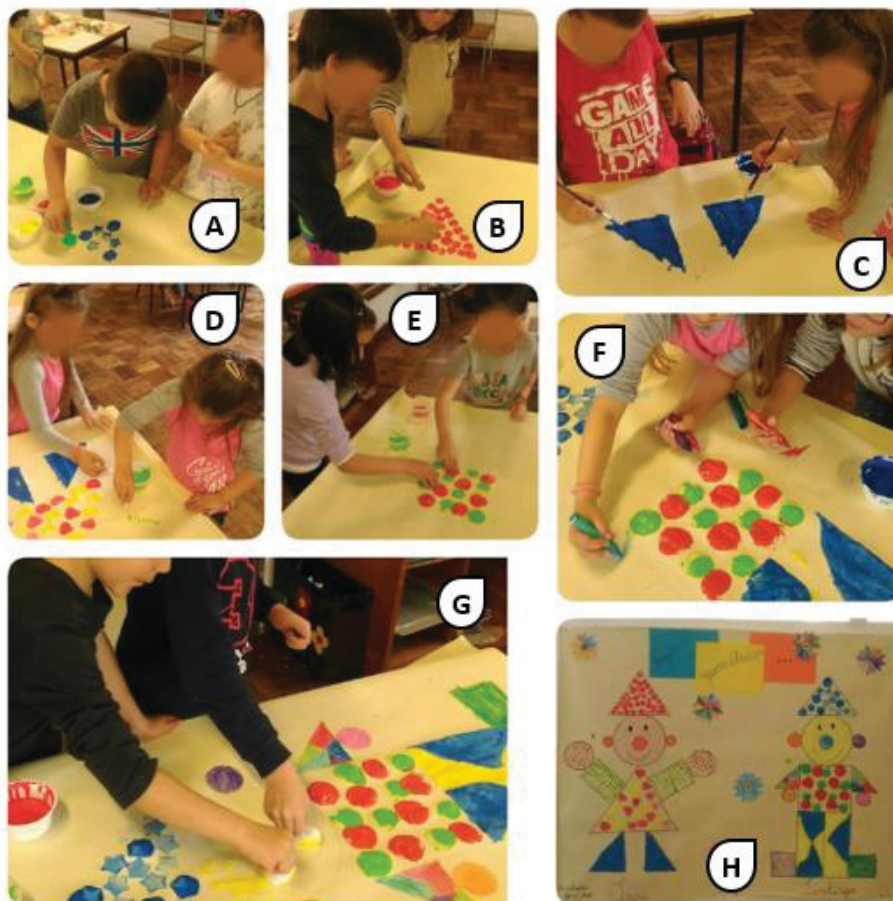


Figura 8 - "Geometria Colorida"

A/B/C/D/E/F/G – Pintura do cartaz geométrico com diferentes técnicas e materiais de pintura e H – Cartaz geométrico finalizado.

✚ Área Principal

- Expressões Artísticas – Expressão Plástica

✚ Áreas Associadas

- Área da Matemática
- Formação Pessoal e Social

Faixa Etária das Crianças

- 6 aos 7 anos de idade

Recursos

- Papel de Cenário;
- Lápis de Cor;
- Pontas de Feltro;
- Lápis de Cera;
- Tintas de Guaches;
- Pincéis;
- Cotonetes;
- Carimbos;
- Rolhas;
- Batatas;
- Algodão.

Pré-Requisitos

Para se realizar esta atividade é necessário formar grupos de dois e ter material para estas duas crianças poderem trabalhar em simultâneo. Caso não tenhamos material para as duas crianças trabalharem ao mesmo tempo, apelamos ao bom senso de ambas, no sentido de partilharem os materiais disponíveis, pois um dos objetivos da atividade era a partilha, interajuda e união, entre alunos, enquanto membros integrantes da turma.

Objetivos, Capacidades/ Competências

- Utilizar diferentes técnicas e materiais de Expressão Plástica;
- Consolidar as figuras geométricas;
- Desenvolver a motricidade fina;
- Partilhar materiais e colaborar em contexto de grupo.

Desenvolvimento da Proposta

De forma a consolidar as figuras geométricas anteriormente estudadas e também de maneira a interligar as diferentes áreas de estudo, construímos duas personagens em papel de cenário, compostas por figuras geométricas. A turma, organizada em pares, foi convidada a decorar o cenário com diferentes técnicas de Expressão Plástica e com diversos materiais. As técnicas utilizadas foram a *estampagem com carimbos*, a técnica

da *pintura com os dedos*, a *pintura com linhas curvas*, a *pintura com cotonete*. Em relação aos materiais, utilizámos lápis de cor, lápis de cera, pontas de feltro, tintas de guaches, carimbos, algodão, cotonetes e batatas. Um dos objetivos desta atividade, para além da exploração das diferentes técnicas de Expressão Plástica, novamente em conexão com a Matemática, foi a partilha e interajuda entre as crianças, razão pela qual a pintura do cenário ter sido feita a pares.

Plasticidade e Versatilidade da Atividade

A realização deste tipo de atividades assume grande versatilidade, uma vez que se podem explorar variadas técnicas e recursos no âmbito da Expressão Plástica, bem como variar os temas a ilustrar no cartaz.

Reflexão da Atividade

A atividade desenvolvida na sala de aula com o grupo de crianças correu de forma positiva, tendo recebido muita adesão por parte dos alunos. A atividade em si serviu para consolidar os conteúdos abordados anteriormente de uma forma mais lúdica e dinâmica.

Ao realizarmos a pintura deste cartaz poderíamos ter escolhido outras técnicas de Expressão. Para além da pintura, podíamos ter utilizado o recorte e colagem de figuras geométricas em papel colorido, identificada que estava a manifesta dificuldade dos alunos em utilizar a tesoura, aspeto que nos interessava contrariar. Quanto às técnicas de pintura, optámos por explorar as mais fáceis visto que tínhamos crianças pequenas. Contudo consoante o nível de ensino poderíamos ir aumentando a dificuldade das técnicas de pintura utilizadas.

Para a realização desta atividade optámos por adotar o trabalho cooperativo, realizando a atividade a pares, uma vez que havíamos detetado na turma uma falta de cooperação entre os alunos. Esta é uma metodologia com a qual nos identificamos e que pensamos utilizar no futuro, sempre que se reunirem condições para tal.

Consideramos que as crianças não tiveram muita dificuldade na realização da atividade, no entanto, experimentaram técnicas de pintura que desconheciam e puderam experimentar novas formas de se exprimir, aspetos que, por si só, fizeram toda diferença no contexto da nossa proposta, contrariando uma vez mais a ideia, quase generalizada neste nível de ensino, de que a Expressão Plástica é uma área de difícil exploração.

3. A Expressão Plástica aos Olhos dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Uma vez apresentada e refletida a nossa ação educativa, desenvolvida no nosso Estágio Pedagógico II, agora no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com especial realce para algumas das atividades em que foi convocada a área que decidimos aprofundar neste Relatório, entendemos ser o momento de partilhar, desta vez, as opiniões e representações dos Professores do 1.º Ciclo entrevistados acerca do lugar da Expressão Plástica nas suas práticas pedagógicas diárias.

Em resultado das conversas que tivemos com os nossos entrevistados, sete deles afirmaram que, ao longo da sua formação inicial, lhes haviam sido fornecidos conhecimentos e competências profissionais na área da Expressão Plástica. Neste sentido, os professores António, Diana e Júlia adiantaram o seguinte:

Acho que sim, uma vez que foram trabalhadas connosco competências que hoje, no terreno real, reconheço que conseguiram dar ferramentas essenciais para poder ministrar esta área junto do público-alvo. (Professor António)

Sim, através de vários momentos práticos e criativos que ensinaram-me a experimentá-los com a verdadeira realidade da criança. (Professora Diana)

Sim. Fiquei mais desperta relativamente ao desenvolvimento gráfico das crianças, que estratégias adotar para que as mesmas progridam, independentemente do seu estágio. Para além disso, tomei conhecimento e tive a oportunidade de experienciar técnicas diversificadas em relação ao desenho, pintura e modelagem. (Professora Júlia)

Neste particular, só dois dos entrevistados responderam não sentir necessidade de aprofundar competências a nível de Expressão Plástica após terem terminado o curso. No entanto, a professora Glória partilhou connosco um “desabafo” que entendemos ser muito interessante partilhar com o leitor. Nas suas palavras,

Na altura que terminei o curso não senti essa necessidade. Tive acesso a bibliografia dada por um outro professor que ficou responsável, posteriormente, pela disciplina de Plástica. Aliás, essa documentação foi preciosa na altura do estágio. Aprendi a trabalhar a plástica com ela e o conhecimento que detenho hoje em dia veio de lá. Não tenho tido oportunidade, mas gostaria, e acho que preciso, de investir nas áreas das expressões. Sinto a necessidade de uma lufada de ar fresco nestas áreas porque acabo por explorar sempre as mesma técnicas e os mesmos jogos. E é verdade que estas áreas são completamente descuradas, muitas vezes não por vontade própria. Sinto uma enorme pressão para que os conhecimentos das áreas de Português, Matemática e Estudo do Meio estejam adquiridos a qualquer custo. Estes muitas vezes são conseguidos através do sacrifício das áreas das

expressões. Aliás, basta ver a matriz curricular para perceber o quanto são desvalorizadas.
(Professora Glória)

Ao questionamos os professores relativamente à importância da Expressão Plástica para o desenvolvimento dos mais pequenos, todos estes concordam que esta área é benéfica para os seus alunos. A professora Júlia, neste contexto, partilhou o seguinte:

Sim, sem dúvida. Porque é na Expressão Plástica que as crianças, gradualmente, vão ganhando um maior controlo e precisão das mãos e dos dedos, a tão convocada motricidade fina. Ao proporcionarmos às crianças atividades adequadas com materiais também adequados estamos a estimular esta motricidade fina. Por isso é que acho que é fundamental a criança experimentar diferentes tipos de materiais e suportes e nós, profissionais de ensino, devemos proporcionar estas experiências. Para além de este ser um aspeto mais físico, essencial para depois a criança conseguir mais tarde desenhar as letras, escrever (...) também acho que a Expressão Plástica atua na dimensão criativa e imaginativa. Para tal, nós professores temos que dar às crianças espaço para elas se expressarem graficamente como também desafiá-las com tarefas que, à partida, são inesperadas, mas que convoquem a criatividade e a imaginação. (Professora Júlia)

A corroborar com a mesma ideia, a docente Diana adiantou-nos o seguinte:

Sim, sem dúvida! Pois na prática educativa verifico com alguma frequência que a Expressão Plástica tem sido uma aliada ao desenvolvimento das disciplinas que consideramos mais teóricas (Matemática, Estudo do meio e Português), tornando-as mais interessantes, práticas e mais acessíveis à compreensão dos demais conteúdos. Por outro lado, a Expressão Plástica desenvolve nas crianças inúmeras competências e aquisições inerentes ao seu desenvolvimento global. (Professora Diana)

Por outro lado, nove dos professores com quem nós falámos consideram que a importância dada à área da Expressão Plástica no currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico é insuficiente ou até mesmo bastante inferior ao que seria necessário. Ainda citando alguns docentes, estes referem que a importância dada à área não é mais adequada. Nas suas palavras, que de seguida apresentamos, esta aparece em franca desvantagem quando comparadas com as restantes.

Muito elementar, o que se propaga depois em contexto real de sala de aula, pois os docentes, em função do programa curricular das áreas do Português, Matemática e Estudo do Meio, deixam para segundo plano as expressões artísticas. (Professor António)

Infelizmente, a Expressão Plástica, (...) é como se fosse uma área menos importante do currículo. Pois, na prática, o que nós constatamos é que as ditas áreas nobres do currículo, a Matemática, o Português e o Estudo do Meio, têm visivelmente uma preponderância maior no currículo. Como estas têm um vasto leque de conteúdos que têm de ser

obrigatoriamente adquiridos pelos alunos, as áreas das Expressões ficam esquecidas e postas de parte por alguns professores. Não nos esqueçamos que estas áreas também têm conteúdos (Professora Júlia).

A maioria dos professores afirma dedicar um momento, durante a semana, à área da Expressão Plástica. O interessante é notar-se que, à semelhança dos resultados já partilhados em trabalhos semelhantes ao nosso, tal momento é agendado, na maioria das vezes, na sexta-feira, ao final da tarde, o que significa que a maioria dos docentes só dispensa entre 45 a 60 minutos por semana para exploração desta área. A professora Diana, ao contrário dos colegas, afirma dedicar-se à Expressão Plástica pelo menos três vezes por semana, interligando-a com as restantes áreas do currículo. Adiantou que, quando necessário, cumpre o tempo agendado apenas à Expressão Plástica, a meio ou ao final do dia. Adiantou-nos ainda que as suas atividades costumam durar mais ou menos 1h30 min e que, por vezes, considera que não seja o tempo suficiente. Rematou defendendo que, talvez se metade de um dia fosse dedicado à Expressão Plástica, seria mais rentável e produtivo para as crianças.

Ao questionarmos os professores se estes planificavam momentos (aulas) de Expressão Plástica com antecedência, só a professora Elisa é que respondeu que não. Todos os outros afirmaram que sim, admitindo que, como se trata de uma atividade mais prática, requer mais tempo para poder ser organizada.

Considerando ainda a prática diária dos docentes perguntámos-lhes que tipo de atividades desenvolviam com as crianças e quais os materiais que utilizavam. Mais uma vez, a resposta foi unânime. O desenho, a pintura, a colagem, o recorte, a dobragem e a modelagem, associados principalmente à elaboração de cartazes e de lembranças para dias simbólicos ou ainda à construção de objetos apelativos para dias comemorativos e/ou dias mundiais, foram as áreas de conteúdo mais referidas. Relativamente aos materiais utilizados, assumiram utilizar, essencialmente, materiais de fácil acesso e manuseamento para as crianças, mas também aqueles que são mais acessíveis a nível do preço. Tendo em conta o orçamento que têm disponível para as turmas, admitiram que o recurso a material de desgaste reciclado acaba por ser uma constante na sua ação educativa diária. Ainda assim, dentro dos recursos mais acessíveis, não prescindem da utilização de diferentes tipos de materiais, tal como evidencia a professora Júlia no excerto que se segue:

“Uso este leque variado de materiais porque acho que é essencial diversificar nos materiais para que as crianças possam desenvolver outras competências manuais que só o lápis de cor não desenvolve” (Professora Júlia).

À pergunta se a Expressão Plástica deve ser explorada de forma isolada ou articulada das restantes áreas curriculares, os professores dividiram-se quanto às respostas dadas. Nos excertos que se seguem damos conta de algumas das suas opções metodológicas:

Faço-o das duas maneiras. Uma vez de forma isolada, para treino/aquisição de técnicas e, por vezes, integrada nas restantes áreas curriculares, por enriquecer/complementar as tarefas (Professor Fernando).

Deve ser feita das duas formas. Articulada... porque assim conseguimos convocar outras disciplinas e assim arrecadar tempo a favor desta área... também porque existe benefícios para a criança se a fizermos articulada. E isolada porque a Expressão Plástica tem os seus próprios conteúdos (Professora Júlia).

Já os restantes docentes admitem que trabalham a área de forma articulada, de modo a promover a interdisciplinaridade defendendo assim uma maior produtividade e aprendizagem, servindo muitas vezes de motivação, de ponto de partida ou até mesmo de complemento às restantes áreas curriculares. Para comprovar o que foi dito, apresentamos os excertos das conversas que tivemos com os professores Glória e Cristiano.

Deve ser abordada de forma articulada, pois a interdisciplinaridade deve também ser contemplada, devidamente relevada e trabalhada, no que se refere ao currículo, aos princípios orientadores e aos objetivos gerais do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Neste sentido, a Expressão Plástica deve caracterizar-se por práticas educativas integradas de qualidade, intencionais e com relevância para o desenvolvimento das crianças (Professor Cristiano).

Costumo fazê-la de uma forma articulada. Penso que faz mais sentido ser trabalhada assim. Tento, ao máximo, fazer uma verdadeira interdisciplinaridade. Acho que desta forma o aluno interioriza melhor o conhecimento e vê um fio condutor e uma ligação nas várias atividades que faz (Professora Glória).

Considerado o contexto da exploração da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico, todos os entrevistados concordaram que as atividades desenvolvidas dentro desta área têm potencialidades educativas facilitadoras de desenvolver competências em outras áreas curriculares. Como confirmação do que foi dito, partilhamos, de seguida, as palavras das professoras Beatriz e Diana.

Sim, porque algumas competências desenvolvidas na área de Expressão Plástica são transversais às outras áreas e podem ser consideradas basilares para o desenvolvimento de competências noutras áreas (Professora Beatriz).

Sim, porque uma área curricular, quando é desenvolvida de forma estanque, restringe muito as aprendizagens das crianças, pelo que a Expressão Plástica ou outros domínios das expressões ao se aliarem às restantes disciplinas enriquecem-nas e, em simultâneo, despertam nas crianças um maior leque de aprendizagens ainda mais significativas (Professora Diana).

Entrando no campo das limitações/dificuldades encontradas aquando da exploração da Expressão Plástica, os entrevistados apontaram a falta de tempo, resultante da extensão dos programas nas áreas do Português, Matemática e Estudo do Meio, a falta de recursos e verbas para gastar com a turma, a falta de conhecimentos provenientes e a conseqüente ausência de formações que condicionam a exploração de algumas técnicas e materiais, que acabam por ser quase desconhecidos pelos próprios professores, a falta de gosto ou até mesmo falta de habilidades na área, como alguns dos seus principais obstáculos. Todas estas dificuldades apresentadas fazem com que alguns professores, na sua prática letiva, nem sempre explorem esta área de expressão.

Para tentar contornar estas dificuldades, os docentes apontam para uma menor complexidade dos currículos (Português, Matemática e Estudo do Meio), a frequência de formações na área e a existência de um professor de Expressão Plástica na escola, que faria par pedagógico com o professor titular. Neste sentido, o Professor Fernando alertou para a importância de se “aliviar a carga burocrática dos docentes para poderem ter mais tempo para pesquisar mais técnicas”. Por seu turno, a Professora Irene afirma que se deveria “dar mais ênfase a esta área, de modo a que as Unidades Orgânicas disponibilizassem recursos”. Por fim, a Professora Diana apostava na “troca de opiniões entre os docentes e outros elementos da comunidade escolar de forma a encontrar novas estratégias mais eficazes e aplicáveis”.

Por fim, e tal como havíamos feito com os Educadores de Infância que entrevistámos, perguntámos aos professores quais os conselhos que dariam aos futuros colegas relativamente à melhor forma de explorar a Expressão Plástica e Visual na sua ação educativa. Do conjunto das suas respostas, algumas delas bastante semelhantes no conteúdo, destacamos as que foram dadas pelos professores António, Diana, Irene, Júlia e Glória. Nas suas palavras:

Fazer, por vezes, aulas abertas, ou seja, convidar pessoas com alguma formação ou experiência na área a interagir com os alunos e a ensinar técnicas diferentes. Mostrar-se disponível para participar em projetos escolares com outros colegas do 1.º Ciclo ou do 2.º Ciclo que envolvam esta área curricular (Professor António).

Articular a área das Expressões sempre que possível com as outras áreas curriculares e valorizar o tempo dedicado à área de Expressão Plástica, pois conseguirá obter bons resultados por parte das crianças (Professora Diana).

Dar primazia a esta área curricular no sentido de ser um meio que pode levar à concretização de vários conteúdos, partilhas e até mesmo uma forma de conhecer os alunos, através da forma como se expressam (Professora Irene).

Explorar a Expressão Plástica articulada com outras áreas. Não deixar esquecer que esta também tem conteúdos específicos que devem ser trabalhados. E elucidar estes profissionais de que existem muitos benefícios inerentes à exploração da Expressão Plástica (Professora Júlia).

Aconselho apenas a experimentação da atividade que vai realizar ou a testagem de material no caso de fazer algo que nunca tenha feito. Lembrar que todas as turmas são diferentes e que cada aluno é um ser único... por isso, a mesma atividade pode ter respostas e envolvimento diversos nos vários grupos. Por fim, possibilitem sempre liberdade e proporcionem alegria durante estas atividades. Os nossos alunos vivem exacerbados pelas áreas de Matemática, Português e Estudo do Meio. É nas áreas das Expressões que aprendem sem se dar conta e penso que é onde se sentem verdadeiramente crianças (Professora Glória).

Diante de tais resultados, este estudo empírico permitiu-nos ver quais as opiniões e as representações de alguns profissionais da educação em relação à área da Expressão Plástica. Sendo assim, ficamos a conhecer mais acerca das opiniões e representações dos Professores acerca das suas dinâmicas pedagógicas.

Concluimos realçando a última frase do depoimento da Professora Glória, com a qual nos identificamos inteiramente e que servirá de inspiração para as nossas práticas futuras.

Considerações Finais



Na reta final do nosso Relatório de Estágio, é momento de efetuamos algumas considerações finais acerca de todo o nosso percurso no contexto do Estágio Pedagógico, na Educação Pré-Escolar e do Estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para tal, procuraremos convocar os objetivos que nortearam o nosso trabalho e com eles dialogar do ponto de vista reflexivo com vista a um balanço final de todo o nosso trabalho, desde aquele que incidiu diretamente na nossa ação educativa, até aos aspetos que inspiraram e conduziram o nosso estudo empírico que, paralelamente às nossas práticas pedagógicas, nos convidou a uma reflexão mais apropriada do tema que entendemos aprofundar no presente Relatório.

Diante do primeiro objetivo, *observar criticamente, os contextos do Estágio Pedagógico I e II de forma a melhorar e adequar as práticas educativas*, consideramos que este propósito foi por nós alcançado com sucesso, uma vez que tivemos sempre a preocupação de recorrer à observação dos contextos com os quais nos fomos deparando, para que estivéssemos à altura de responder positivamente, de forma contextualizada, adequada e coerente, aos vários desafios que surgem naturalmente em processos como este. Observados tais contextos, sempre procurámos assumir um espírito crítico, face às situações cuja melhoria estaria ao nosso alcance, tendo sempre presente a necessidade de atender às características de todas e cada uma das crianças que nos foram confiadas.

Perante o segundo objetivo, *planificar sequências didáticas, flexíveis e integradoras, que promovam aprendizagens significativas por parte das crianças/alunos e se adequem aos seus interesses e necessidades*, pensamos que este objetivo também foi conseguido. Sempre que idealizávamos as nossas sequências didáticas, tínhamos em conta a temática ou os conteúdos que nos eram sugeridos. Procurámos nunca perder o nosso foco, mas também a forma como iríamos convocar e integrar todas as áreas curriculares, de maneira a promover aprendizagens com significado e com sentido para os nossos alunos. Quando pensávamos uma planificação tínhamos sempre em consideração os seus interesses e principalmente, as reais necessidades que cada um apresentava, procurando fazer com que, por vezes, um mesmo conteúdo pudesse vir a ser apresentado de diferentes modos e explorado por diversificadas formas.

Referenciando o terceiro objetivo, *desenvolver uma ação educativa diversificada e integradora, capaz de proporcionar momentos de aprendizagem dinâmicos, com sentido e significado para as crianças/alunos*, julgamos ter atingido também este propósito visto que a nossa ação pedagógica, em ambos os contextos de estágio, sempre se pautou pela adequação da nossa planificação pré-refletida, com a flexibilidade

necessária para integrar os contributos das crianças. Tínhamos a preocupação de planificar sequências didáticas integradoras e a nossa prática educativa procurava dar-lhe sentido, apesar das naturais contrariedades que foram surgindo ao longo do tempo. Em alguns momentos, sentimos mesmo a necessidade de alterar algumas estratégias, rotinas e dinâmicas, bem como alguns recursos materiais, de modo a promover momentos de aprendizagens enriquecedores, significativos, dinâmicos, e diversificados.

Convocando o nosso quarto objetivo, *implementar práticas de Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a promover ambientes favoráveis à aprendizagem das crianças/alunos e a facilitar a sua expressão livre e espontânea, a sua imaginação e a sua criatividade*, acreditamos que este objetivo foi, de todos eles, um dos que esteve mais presente na nossa ação educativa diária. Foi sempre nossa preocupação, ao longo dos dois estágios pedagógicos, criar condições para que as/os crianças/alunos pudessem explorar uma diversidade de técnicas e materiais capazes de contrariar a ideia que tínhamos de que esta área, à semelhança daquilo que também acontece com as demais áreas de Expressão Artística, não é nem valorizada nem trabalhada com a importância e a frequência que lhes são devidas.

No que diz respeito ao quinto objetivo, *avaliar o desempenho das crianças/alunos ao longo das Práticas Educativas dos nossos Estágio Pedagógicos, por forma a combater as suas dificuldades e criar condições facilitadoras da sua aprendizagem*, consideramos que o objetivo foi alcançado pois tivemos sempre a preocupação de elaborar, ao longo das nossas práticas educativas, grelhas de avaliação para as crianças/alunos, com um conjunto de descritores de desempenho, de forma a detetar e confrontar as dificuldades apresentadas pelos mesmos. Tais registos permitiram fazer sempre uma dupla leitura dos seus resultados, quer do ponto de vista individual, quer no contexto do grupo/turma, quer no conjunto das nossas propostas, quer em cada um dos descritores que formulávamos. Algumas foram as vezes em que tivemos que refletir com redobrado detalhe sobre eficácia da nossa própria ação educativa, por forma a adequarmos as nossas metodologias e estratégias às necessidades dos alunos, às suas reais capacidades, bem como às motivações que os moviam.

No que concerne ao sexto objetivo, *refletir criticamente, de forma contextualizada e fundamentada, sobre as práticas educativas do Estágio Pedagógico I e do Estágio Pedagógico II, de forma a melhorar as práticas futuras*, entendemos ter sido este talvez o objetivo que mais se prolongou no tempo, tendo acompanhado toda a nossa ação educativa até ao dia em que, com estas palavras, procuramos fazer o balanço de todo o

nosso processo formativo que se intensificou ao longo destes dois estágios. Em boa verdade, em todas as vezes que intervimos tivemos um momento dedicado à reflexão, no final do dia, com os nossos orientadores da escola. Nestes momentos, refletíamos e debatíamos o que tinha corrido bem e menos bem, para que melhorássemos numa prática educativa futura. Para além disto, ao fim de cada intervenção realizávamos a nossa reflexão individual, por escrito, onde apontávamos os aspetos positivos e negativos da prática pedagógica decorrida e mencionávamos o que deveríamos de alterar de modo a promover aprendizagens significativas naqueles que nos haviam sido confiados. Estas reflexões críticas assumiram-se com um valor inestimável, tanto a nível pessoal, como a nível profissional, pois funcionaram muitas vezes como mecanismos de ajudaram a crescer e tomar consciência das muitas decisões que teremos de tomar futuramente.

Por fim, em relação ao último objetivo, *identificar as limitações e potencialidades que os Educadores e os Professores encontram, quando confrontados com a necessidade de desenvolver a área de Expressão Plástica nas suas práticas letivas diárias*, consideramos que também foi conseguido, a partir dos contributos recolhidos nas nossas entrevistas aos Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os entrevistados mencionaram como limitações à exploração da Expressão Plástica nas suas práticas educativas, a falta de materiais e verbas por parte das instituições para a aquisição dos mesmos, a falta de formações dos docentes na área, a falta de habilidades e, por vezes, de interesse, de alguns Educadores e Professores e a sobrecarga horária dispensada às áreas tradicionais (Português, Matemática e Estudo do Meio) no caso do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Como potencialidades da sua exploração referiram o desenvolvimento de aptidões relacionadas com o sentido estético, ou ainda outras competências e capacidades relacionadas com, por exemplo: a criatividade, imaginação, e espírito crítico, como também o desenvolvimento da atenção e concentração. Outro aspeto também muito relevante, que também foi uma das nossas preocupações, foi o realce que deram à importância desta área ao serviço da motricidade fina da criança.

Neste contexto, é importante salientar que, apesar de termos recolhido as opiniões de vinte entrevistados, com idades, tempos de serviço e realidades letivas muito diversificadas, as conclusões que tiramos deste estudo empírico não podem ser generalizadas, considerando o tamanho reduzido da sua amostra. Todavia, consideramos que este trabalho poderá servir, mais tarde, como um interessante e válido

contributo para outros estudos deste género, que possam envolver um número maior de participantes, tornando assim a amostra mais rica.

Em suma, concluímos este Relatório de Estágio com a garantia que levamos na nossa bagagem diversificadas aprendizagens e experiências que certamente serão muito úteis para a nossa vida futura enquanto docentes da Educação de Infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Foi um caminho árduo de percorrer mas muito rico a nível de experiências e aprendizagens, pois tudo isto contribuiu para o nosso crescimento pessoal e profissional, que se transformou numa experiência única e inesquecível, que nos irá acompanhar ao longo da nossa profissão futura e por toda a nossa vida.

A temática que escolhemos aprofundar, a par da relação que estabelecemos com as crianças que nos foram confiadas, foram os principais motores de todo o nosso trabalho. Escolhemos aprofundar a temática da Expressão Plástica neste Relatório de Estágio, não apenas por uma motivação pessoal em relação a esta área mas, acima de tudo, por consideramos que esta possuiu imensos recantos que estão ainda por descobrir pelos Educadores e Professores.

Terminamos convocando uma vez mais o contributo de uma das nossas entrevistadas, a Professora Glória, que resume o nosso sentimento ao concluirmos mais esta etapa da nossa formação, ao definir a Expressão Artística como um lugar onde os mais pequenos aprendem sem se dar conta, aquele lugar onde se sentem verdadeiramente crianças.

Referências Bibliográficas



Referências Bibliográficas

- Abreu, I. e tal. (1990). *Ideias e Histórias: Contributos para uma Educação Participada*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Almeida, A. B. (1976). *A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, A. et al. (s/d). *Educação pela Arte na Escola Primária – Guia Didáctico*. Ministério da Educação Nacional: Direcção Geral do Ensino Primário.
- Andrea, I. (2011). *Pedagogia das Expressões Artísticas*. Lisboa: Edições ISPA.
- Azevedo, C. A. M. & Azevedo, A. G. (1994). *Metodologia Científica*. Porto: Ed. C. Azevedo.
- Barret, M. (1979). *Educação em Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Barros, L. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Dissertação de Mestrado. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Bessa, M. (1972). *Artes Plástica entre as Crianças*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, C., & Valsassina, M. (1988). *Arte infantil: linguagem plástica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chaer, M.R. & Guimarães, E.G. (2012). *A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental*. In Pergaminho, nº 3, 71-88.
- Condessa, I. (2006). *Os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem Na Educação Física Infantil*. In. Cinergis (Revista do Departamento de Educação Física e Saúde d Universidade de Santa Cruz do Sul), vol.7, Santa Cruz do Sul: UNISC (ISBN 1519-2512).
- Condessa, I. (Org.) (2009). *(Re)Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Cross, J. (1977). *O Ensino de Arte na Escola*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Cunha, A. (2012). *Importância das atividades lúdicas na criança com imperatividade e défice de atenção segundo a perspetiva dos professores*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Cunha, A. C. (2007). *Formação de Professores - A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático* (1.ª ed). Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia.
- Delors, J. (Coord.) (1998). *Educação: um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições ASA.
- Dias, C. M. A. (2013). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Dias, M. I. (2009). *Promoção de Competências em Educação*. Leiria: INDEA - Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados IPL.
- Ferreira, J. C. F. (2003). *Reflexões sobre o ser professor: a construção de um professor intelectual*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-reflexoes-sobre-ser-professor.pdf>.
- Fialho, A. (2011). *À Descoberta da Profissão Docente: Culturas de Escola e Aprendizagem Profissional do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Tese apresentada à Universidade dos Açores para obtenção do grau de Doutor em Educação;
- Formosinho, J.(2000). *Educação para Todos. O Ensino Primário. De ciclo único ao ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Formosinho, J (2009). *Formação de Professores – Aprendizagem profissional e acção docente –* Porto Editora, LDA
- Fróis, J. P., Marques, E. & Gonçalves, R. M. (2000). A educação estética e artística na formação ao longo da vida. In J. P. Fróis (ed.), *Educação estética e artística: Abordagens transdisciplinares* (pp. 201 – 243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garcia, L. J. B. (2015). *A Expressão Plástica e os Materiais Pedagógicos, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: perspectivas e diálogos*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Gloton, R. & Clero, C. (1971). *A actividade criadora na criança*. São Paulo: Editorial Estampa.
- Gloton, R. & Clero, C. (1976). *A atividade criadora na criança*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Godoy, M. (s/d) *Expressão e Comunicação – Uma Proposta para Professor*. Brasil: Editora Vozes;

- Gomes, A., & Cavacas, F. (1991). *Guia do professor de língua Portuguesa vol.I*. Lisboa: Gulbenkian.
- Gomes, C. & Cunha, J. (2001). VIII Encontro Nacional de Educação em Ciências-Actas. Ponta Delgada: Departamento de Ciências da Educação – Universidade dos Açores.
- Gonçalves, R. M. (2000). Arte e Ciência no Século XX. In J. P. Fróis (Coord.), *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares: textos da conferência internacional*. (M. E. Castel-Branco, Trad.). (pp. 17-28). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Guerreiro, S. (2013). *A utilização das novas tecnologias enquanto estratégia facilitadora do processo de ensino-aprendizagem*. Relatório de Estágio: Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Henrique, M. (2011). Diferenciação pedagógica: da teoria à prática. In *Cadernos de Investigação Aplicada*, 5, 167 – 187.
- Hight, G. (1973). A arte de ensinar. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Hohmann, M. & Weikart, D .P. (2004). *Educar a criança* (H. A. Marujo & L. M. Neto, Trads.). (2ªed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra originalmente publicada em 1995).
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *Educar a criança* (2ª Edição). Lisboa: Serviço de educação Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. e Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Leenhardt, P. (2007) *A Criança e a Expressão Dramática*. 4ª Edição, Lisboa: Rolo & Filhos – Artes Gráficas, Lda.
- Leite, C. & Rodrigues, M. L. (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Ministério Público.
- Leite, E. & Malpique, M. (1986). *Espaços de Criatividade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Lima, J. Á. (2008). *Em busca da boa escola: instituições eficazes e sucesso educativo*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Magalhães, O. (2007). A especificidade do currículo nos processos de monodocência do 1.º Ciclo do Ensino Básico. In C. Leite & A. Lopes (org.). *Escola, Currículo e Formação de Identidades* (pp.137-154). Porto: Edições ASA.
- Marques, R. (1990). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler. Um Guia para os Pais e Educadores* (4.º Edição). Lisboa: Texto Editora.

- Marques, R. (1997). *Ensinar a ler, aprender a ler: um guia para pais e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Matos, S. Serrazina, T. (1996). *O brincar na escola*. Petrópolis: Editora Vozes.
- ME-DEB (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*, Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica.
- Medeiros, C. F. (2017). *Queres que te faça um desenho? O Lugar e o Papel das Imagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
- Moderno, A. (1992). *A comunicação audiovisual no processo didático: no ensino e na formação profissional*. Aveiro: Edição do autor.
- Monteiro, M. (2002). Intercâmbios e Visitas de Estudo. In *Novas Metodologias em Educação*, Porto Editora.
- Monteiro, M. (2002). Intercâmbios e Visitas de Estudo. In *Novas Metodologias em Educação*, Porto Editora.
- Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moura, P., & Viamonte, A. (2006). *Jogos Matemáticos como Recurso Didático*. Universidade do Portucalense.
- Mouraz, A. & Silva, A. (2004). Monodocência – Coadjuvação. In *Gestão Curricular no 1.º Ciclo: Comentário Crítico* (pp. 75- 89). Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica.
- Oliveira, M. & Santos, A. (2004). *A Arterapia: Os Efeitos Terapêuticos da Expressão Plástica e a sua Influência no Comportamento e Comunicação da Criança*. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti.
- Oliveira, S. R. (2014, maio). *Ainda fará sentido ter apenas um professor no 1.º Ciclo?*. Disponível em: <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=26025>

- Oliveira-Formosinho, J. (1998). Em direcção a um modelo ecológico de supervisão de professores – Uma investigação na formação de educadores de infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A supervisão na Formação de Professores I – Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). Em direcção a um modelo ecológico de supervisão de professores – Uma investigação na formação de educadores de infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *A supervisão na Formação de Professores I – Da Sala à Escola* (pp.94-120). Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. (2001). Monodocência-Coadjuvação. In Ministério da Educação (2001). *Monodocência*. Viseu: Departamento de Educação Básica, pp. 53-60.
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, A. (2013). *A Utilização do Jogo como recurso de motivação e aprendizagem*. Dissertação: Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pereira, A. (2014). *O Contributo Das Rotinas Diárias Para O Desenvolvimento Da Autonomia Das Crianças*. (Relatório Final Não Publicado). Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação de Portalegre, Portalegre.
- Pérez, J. F. B. (2009). *Coaching para docentes – Motivar para o Sucesso*. Portugal: Porto Editora.
- Pinto, A. M. (2005). *Educação pela Arte para uma cultura intercultural*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais, Universidade Aberta, Porto, Portugal.
- Pombo, O. & Levy, H. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Texto Editora.
- Pratas, E. V. (2012). *A construção da identidade local em contexto pré-escolar: estudo de caso no Concelho de Viana do Castelo*. Dissertação de Mestrado. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Queirós, S. L.R. (2011). *Abordagens Indisciplinadas no Ensino da Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Read, H. (1982). *A Educação pela Arte*. (A. M. Rabaça & L. F. S. Teixeira, Trads.). (2ª ed). Lisboa: Edições 70. (Obra originalmente publicada em 1958).
- Read, H. (s/d). *O significado de arte* (A. N. Pedro, Trad.). (2.ª ed.) Lisboa: Editora Ulisseia.
- Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, R. (2004). *Educação pela Arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Resendes, R. S.C (2012). *As Potencialidades do Jogo Infantil no Desenvolvimento da Criança uma Abordagem a Práticas da Educação Física na Educação Básica*. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Rodrigues, J. M. (2014). *Os Suportes de Expressão como veículos promotores de aprendizagens no Ensino Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Santos, C. P. & Teixeira, R. C. (2014). Propriedades e Critérios no Pré-escolar. *Jornal das Primeiras Matemáticas*, nº 3, 3-16.
- Santos, S. M. (2010). *O brincar na escola*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Silva, M. (2003). A Integração das Expressões no Currículo. Questões suscitadas pela elaboração das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. *Educare, Apprendere*, 1, 75-85.
- Silva, M. e outros (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
- Sousa, A. (1980). *A expressão dramática*. Lisboa: Básica Editora.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação – 3.º Volume: música e artes plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003a). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas*. (1º Vol). Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Drama e dança*. (Vol. 2). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, L. & Rocha, S. (Org.) (2012). *Formação de educadores, gênero e diversidade*. Guiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.
- Sousa, R. P. S. (2014). *A Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Stern, A. (1974). *Aspetos e Técnicas da Pintura de Crianças*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stern, A. (s.d.). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil* (L. Freire, Trad.). Lisboa: Livros Horizonte.

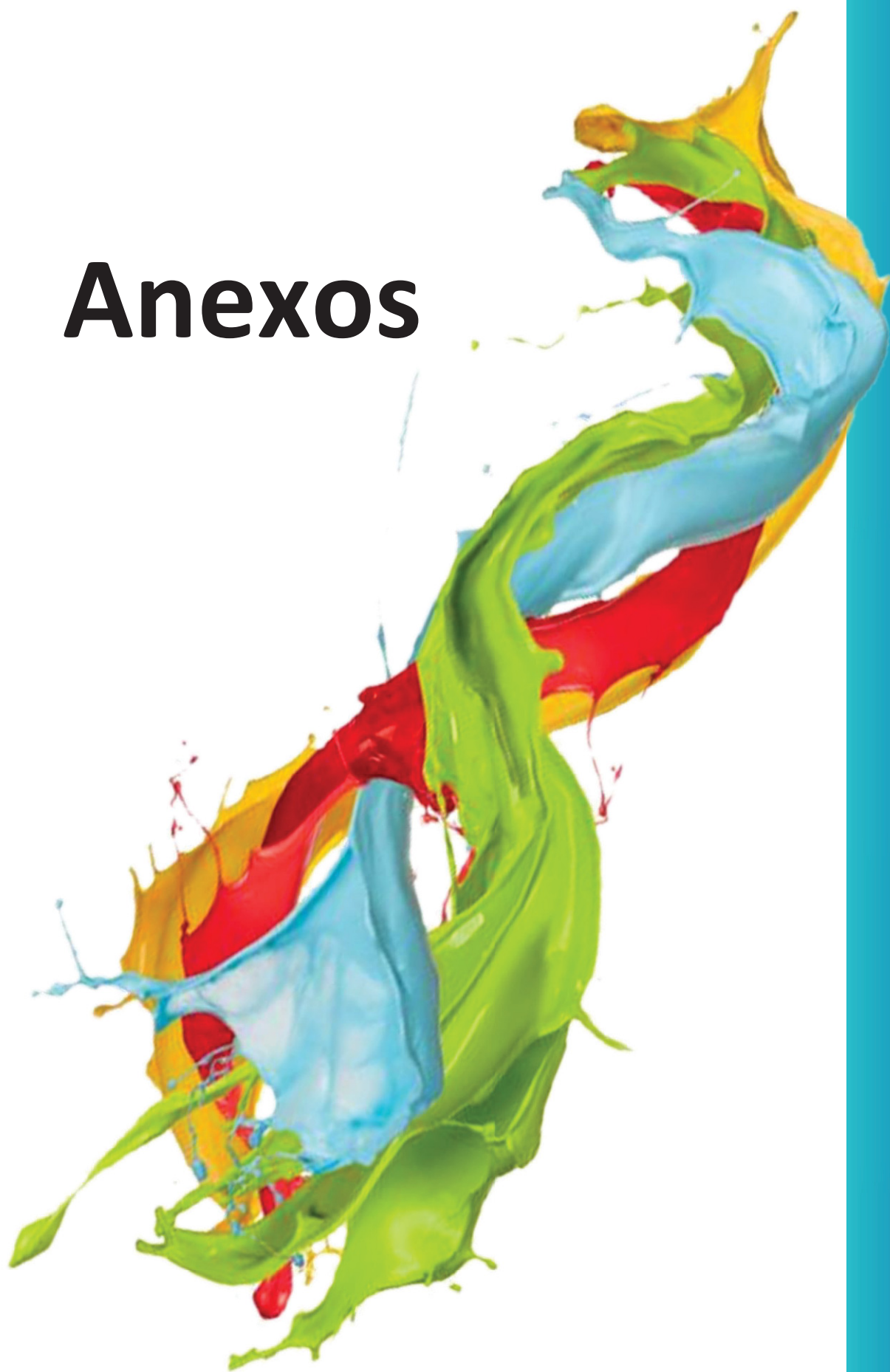
- Strauven, C. (1994). *Construir uma formação: definição de objectivos e exercícios de aplicação* (M. Pinto, Trad.). Porto: Asa. (Obra originalmente publicada em 1990).
- Teixeira, M. P. C. (1991). *As artes plásticas no ensino especial*. In IV Encontro Nacional de Educação Especial Comunicações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Travassos, S. G. (2017). *(Re) Colocar as Expressões Artísticas no Currículo da Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Uma experiência no âmbito do Estágio Pedagógico*. Dissertação de Mestrado. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Vaz, O. A. M. (2015). *Expressões Artísticas e Educação Inclusiva: Práticas Educativas dos Docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade de Fernando Pessoa.
- Veríssimo, I. M. (2012). *A Expressão Musical na Educação Pré-Escolar*. Dissertação de Mestrado. Beja: Instituto Politécnico de Beja.
- Veríssimo, L. (2014). Motivar os alunos, motivar os professores: faces de uma mesma moeda. In J. Machado & J. Alves (Eds.), *Melhorar a escola: sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas* (pp. 73-90). Porto: Universidade da Porto Editora.
- Viamonte, A. J. (2012). Os jogos no ensino da matemática. *Gazeta de matemática*, 168, 26-32.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação

▪ Despacho n.º 11720/2014 – Regulamento, estrutura curricular e plano de estudos do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Diário da República, 2.ª Série de 19 de setembro de 2014.

▪ Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei 46/1986, de 14 de outubro. Diário da República n.º 237 – I Série – A. Assembleia da República. Lisboa.

Anexos



Anexo I - Consentimento Informado



Universidade dos Açores
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Educação
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Consentimento Informado

O presente documento esclarece a natureza e o modo de participação numa investigação que será integrada num Relatório de Estágio, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores. A investigação em causa visa compreender a forma como Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico exploram a Expressão Plástica e o modo como a utilizam na sua prática letiva diária.

Este documento clarifica a natureza da participação dos entrevistados neste estudo e explicita as normas éticas que presidem à atividade dos investigadores responsáveis pelo mesmo. A investigação será realizada pela mestrande Joana Mota e orientada pelo Prof. Doutor Adolfo Fialho, do Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores.

O estudo em causa será desenvolvido em várias etapas. O presente protocolo diz respeito à primeira fase, que consiste em recolher um conjunto de dados obtidos através de entrevistas a Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sobre a exploração da área da Expressão Plástica em contextos educativos como também, a forma como a realizam e o lugar que ocupa no seu horário semanal. É de salientar que, neste contexto particular, não existem respostas certas ou erradas, nem se pretende avaliar os desempenhos profissionais de qualquer participante. O que realmente nos importa é que os entrevistados documentem e partilhem os seus pontos de vista e as suas experiências.

Cada entrevista será efetuada consoante a disponibilidade do entrevistado e será gravada em formato de áudio, para posteriormente ser transcrita.

Importa ainda realçar que a preservação da confidencialidade será salvaguardada, bem como todas as informações de carácter pessoal anotadas no decorrer da conversa. A cada entrevistado será atribuído um código e a sua identidade não será revelada em parte alguma.

Os resultados desta investigação serão redigidos e defendidos no Relatório de Estágio intitulado *A Expressão Plástica como Lugar de Aprendizagens na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*, realizado no contexto do referido Mestrado, na Universidade dos Açores.

A sua participação neste estudo é absolutamente voluntária. Para mais informações relacionadas com a investigação, poderá contactar a mestranda, Joana Mota, através do correio eletrónico joanamota94@hotmail.com, ou então o orientador, Prof. Doutor Adolfo Fialho, recorrendo ao correio eletrónico adolfo.ff.fialho@uac.pt.

Sendo assim, considerando as condições asseguradas no presente documento, aceito participar, de forma livre e voluntária, no trabalho de investigação em causa.

_____, ____/____/2018

A entrevistadora: _____

O(a) entrevistado(a) : _____

Anexo II - Guião da Entrevista

Designação dos Blocos	Objetivos	Questões
<p>Bloco A</p> <p>Legitimação da entrevista</p>	<p>Dar a saber ao entrevistado em que consiste a investigação e quais os seus principais objetivos;</p> <p>Reconhecer a importância da participação e colaboração do entrevistado;</p> <p>Garantir a confidencialidade da informação e o anonimato das respostas do entrevistado;</p> <p>Explicar como é que os dados vão ser utilizados e quem vai ter acesso aos mesmos;</p> <p>Assegurar o rigor da informação;</p> <p>Agradecer a sua participação.</p>	
<p>Bloco B</p> <p>Dados profissionais do entrevistado</p>	<p>Conhecer a sua profissão e o tempo de serviço do entrevistado, enquanto Educador/Professor;</p> <p>Conhecer em que nível de ensino leciona o entrevistado;</p>	<p>1-Idade?</p> <p>2-Sexo?</p> <p>3-Qual a sua profissão?</p> <p>4-Quanto tempo exerce esta profissão?</p> <p>5- Porque escolheu esta profissão?</p> <p>6-Neste momento, qual o nível de ensino que leciona? E a idade das crianças?</p>
<p>Bloco C</p> <p>Competências fornecidas aos Educadores e Professores a nível das/da Artes Visuais/Expressão Plástica aquando a sua formação inicial.</p>	<p>Entender se os Educadores e professores tiveram oportunidade de experimentar aquando a sua formação inicial o/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica;</p> <p>Conhecer quais as competências que o/a</p>	<p>6- Durante a sua formação inicial, teve oportunidade de explorar disciplinas no/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica? Se sim, quais?</p> <p>7 -Acha que durante a sua formação inicial lhe foram fornecidos conhecimentos e</p>

	<p>subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica proporcionaram aos Educadores e Professores durante a sua formação inicial.</p>	<p>competências profissionais no/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica? Se sim, de que modo? Se não, o que acha que faltou fazer?</p> <p>8- Sentiu necessidade de desenvolver/aprofundar estas competências após ter terminado o curso? Se sim, em que subdomínios/áreas tem investido? Em que subdomínios/áreas acha que precisa de investir mais?</p>
<p>Bloco D</p> <p>Representações dos Educadores de Infância e dos Professores acerca dos contributos da área das/da Artes Visuais/Expressão Plástica para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças e dos alunos</p>	<p>Compreender quais são as opiniões dos Educadores e Professores acerca dos contributos do/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças e dos alunos</p>	<p>9- Na sua opinião, considera que o/a subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica é importante para o desenvolvimento das crianças/alunos? Se sim, em que ponto/em que medida/há algum aspeto que queira realçar?</p> <p>10- Na sua opinião, qual a importância dada ao subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica no “currículo” da Educação Pré-Escolar ou do 1.º Ciclo do Ensino Básico?</p>
<p>Bloco E</p> <p>Importância atribuída à Artes Visuais/Expressão Plástica na prática letiva dos Educadores e Professores</p>	<p>Entender qual a importância das/da Artes Visuais/ Expressão Plástica na prática diária do entrevistado;</p>	<p>11 - No seu horário semanal de trabalho dedica algum momento ao subdomínio/área de Artes Visuais/Expressão Plástica? Se sim, quando? Em que horário (dias e horas)?</p> <p>11.1- Qual a duração, em média, de uma</p>

		<p>atividade de Artes Visuais/Expressão Plástica? Acha esta duração adequada e suficiente? Porquê?</p> <p>11.2- Planifica momentos (aulas) de Artes Visuais/Expressão Plástica com antecedência?</p> <p>11.3 - Quando explora a Artes Visuais/Expressão Plástica na sua prática, que tipo de atividades costuma desenvolver? (pode dar alguns exemplos de atividades que costume desenvolver)</p> <p>11.4 - Que tipo de materiais costuma utilizar nos momentos de Artes Visuais/Expressão Plástica? Porquê estes e não outros?</p>
<p>Bloco F</p> <p>Opinião dos Educadores de Infância e dos Professores acerca dos métodos a utilizar na prática das/da Artes Visuais/ Expressão Plástica</p>	<p>Entender como é integrada e explorada as/a Artes Visuais/Expressão Plástica no Ensino Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico;</p>	<p>12 - Na sua opinião, acha que as/a Artes Visuais/ Expressão Plástica deve ser abordada de forma isolada ou articulada com as restantes áreas curriculares? Porquê?</p> <p>13 - No seu entender, considera que as atividades desenvolvidas em Artes Visuais/ Expressão Plástica tem, ou não, potencialidades educativas facilitadoras de desenvolver competências em outras áreas curriculares? Porquê?</p>
<p>Bloco G</p>		<p>14- No seu entender, quais as limitações/dificuldades que um Educador de</p>

<p>Representações dos Educadores de Infância e dos Professores acerca das limitações encontradas no seio das/da Artes Visuais/ Expressão Plástica</p>	<p>Entender quais as dificuldades encontradas pelos Educadores e Professores no desenvolvimento de atividades de Artes Visuais/ Expressão Plástica;</p>	<p>Infância/ Professor do 1.º CEB encontra quando desenvolve atividades de Artes Visuais/Expressão Plástica? Dê-nos exemplos.</p> <p>14.1 – Na sua opinião, que poderá levar um Educador de Infância/ Professor do 1.º CEB a não utilizar as/a Artes Visuais/Expressão Plástica na sua prática letiva?</p> <p>14.2 - Na sua opinião, o que poderá ser feito para contornar estas dificuldades?</p> <p>15 – Se pudesse aconselhar um futuro Educador de Infância/ Professor do 1.º CEB sobre a melhor forma de explorar as/a Artes Visuais/Expressão Plástica na sua ação educativa diária que conselhos lhe daria?</p>
---	---	--

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal